

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RAFAEL TIZATTO DOS SANTOS

**POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC:  
DA MIGRAÇÃO À INSERÇÃO SOCIAL E EDUCACIONAL**

Lages

2024

RAFAEL TIZATTO DOS SANTOS

POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC:  
DA MIGRAÇÃO À INSERÇÃO SOCIAL E EDUCACIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa II: Processos Socioculturais em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Josilaine Antunes Pereira

Lages

2024

Ficha Catalográfica

S237p

Santos, Rafael Tizatto dos

População haitiana em Lages/SC : da migração à inserção social e educacional / Rafael Tizatto dos Santos ; orientadora Profa. Dra. Josilaine Antunes Pereira. – 2024.

147 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2024.

1. População haitiana. 2. Migração. 3. Inserção social e educacional. 4. Migrantes – Lages (SC). I. Pereira, Josilaine Antunes (orientadora). II. Universidade do Planalto Catarinense. III. Título.

CDD 370

Catálogo na fonte – Biblioteca Central

Rafael Tizatto dos Santos

**POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC: DA MIGRAÇÃO À INSERÇÃO  
SOCIAL E EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Políticas e Fundamentos da Educação.

Lages, 28 de março de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**



**Profa. Dra. Josilaine Antunes Pereira**  
Orientadora e Presidente da Banca - PPGE/UNIPLAC



**Prof. Dr. Leonel Piovezana**  
Examinador Externo - PPGE/UNOCHAPECÓ  
Participação Não Presencial - Res. n° 432/2020



**Prof. Dr. Rafael Araldi Vaz**  
Examinador Interno - PPGE/UNIPLAC

*A todos os migrantes,  
cujas vidas se entrelaçam com as cicatrizes  
do colonialismo e do imperialismo,  
ainda assim, persistem em viver  
e resistem diante de toda exploração.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe e meu pai, por serem o alicerce fundamental, proporcionando o apoio indispensável para enfrentar as dificuldades e superar os percalços ao longo desta e de outras etapas da vida, expresso meu agradecimento especial. À minha irmã, professora Dra. Scheyla Tizatto, pela contribuição intelectual e pelas inspiradoras trocas que enriqueceram a construção desta dissertação, expresso minha gratidão. Também estendo os agradecimentos ao meu cunhado Rodrigo Wilbert e minha sobrinha, Amanda Santos.

À Maria Fernanda, pelo companheirismo e pela colaboração na escuta e na construção deste estudo, assim como em demais aspectos objetivos, subjetivos e afetivos na vida cotidiana.

A todas as amigades cultivadas ao longo do mestrado, ao Pedro, ao Rodrigo, à Indhira, à Sônia e, em especial, à Karla Renata da Rosa e Valdemir Santos Hoffmann, companheiros e amigos desta e de outras caminhadas. Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Dra. Josilaine Antunes Pereira, cujo apoio e orientação foram fundamentais para a realização desta dissertação. Agradeço também ao professor Dr. Rafael Araldi Vaz e ao professor Dr. Leonel Piovezana por aceitarem participar da banca de avaliação e por suas valiosas contribuições. Agradeço à professora Dra. Madalena Pereira da Silva, coordenadora do PPGE/UNIPLAC, e aos demais professores do programa.

Aos colegas professores das escolas que trabalhei durante este período, em especial, aos amigos da EMEB Izidoro Marin e EEB Frei Nicodemos. Também estendo meus agradecimentos a todos os amigos com quem compartilho momentos, sonhos e conquistas, em particular, ao Erick Maciel e ao Artur Rodrigues, e às suas respectivas famílias.

Destaco, com especial carinho, meus agradecimentos aos amigos haitianos, que além de cederem a entrevista de forma solícita em suas residências, também construímos fortes laços afetivos. Em particular, agradeço a Daniel Rozin por tantos anos de amizade e cooperação. Agradeço à Cáritas Diocesana de Lages e à Matakiterani Associação Cultural pela possibilidade de ampliação dos trabalhos relacionados à educação popular com a população migrante.

Agradeço profundamente ao professor Geraldo Augusto Locks (*in memoriam*), que desempenhou o papel de orientador durante a fase inicial da construção desta dissertação. Sua notável sabedoria, vasta produção acadêmica e, acima de tudo, seu carinho e humanidade foram guias fundamentais no meu caminho até este ponto. As lembranças de suas aulas, orientações e conversas informais seguiram e seguirão sempre vivas, assim como o seu legado.

Por fim, agradeço ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU/FUMDES, cujo suporte financeiro foi essencial para a realização deste estudo.

## DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para a Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 28 de março de 2024.



---

Rafael Tizatto dos Santos

[...] proclamamos a unidade do sofrimento e da rebelião de todos os povos em toda a superfície da terra [...] (Roumain, 2022, p. 284).



## RESUMO

A presente dissertação analisou o movimento migratório e a inserção da população haitiana nos contextos socioculturais, econômicos e educacionais no município de Lages/SC. Em específico, buscou-se descrever o processo de migração desta população para o Brasil e seu percurso até o município lócus da pesquisa; relatar as condições econômicas e socioculturais na inserção dos migrantes em âmbito local e; identificar os processos educativos escolares e não escolares vivenciados pela população haitiana em Lages/SC. Desde o início da segunda década do século XXI, o fluxo migratório de haitianos para o Brasil tem se intensificado, devido às crises políticas e econômicas que foram potencializadas por eventos geológicos, especialmente o abalo sísmico que atingiu a ilha em 2010, tal situação agravou a condição do país, que possui o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano do continente americano. A partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, identificando-se como um Estudo de Caso, esta pesquisa buscou apoio teórico em autores que investigam os processos migratórios e a relação entre Haiti e Brasil, sendo que o método epistemológico para a compreensão dos objetos estudados e interpretação das situações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa foi o materialismo histórico-dialético. A imersão do pesquisador com os migrantes foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante. Identificou-se que o primeiro movimento migratório de haitianos para Lages/SC foi realizado por homens, através de viagens intermediadas por agenciadores ilegais; posteriormente, o fluxo migratório aumenta com a presença de mulheres e crianças, estas em viagens legais financiadas pelos haitianos residentes do município. Como objetivos principais deste fenômeno migratório, os haitianos buscam em Lages/SC uma melhor condição econômica para a família que se encontra no município e o envio de recursos financeiros para os familiares que residem no Haiti. A inserção desta população no município ocorre, sobretudo, por meio dos ambientes de trabalho; e os processos de socialização entre os migrantes possuem como ponto central as instituições religiosas. No âmbito escolar, os migrantes buscam concluir os seus estudos no Centro de Educação de Jovens e Adultos, em alguns momentos, a demanda do trabalho é um impeditivo para essa inserção, poucos conseguem ingressar no ensino superior. Os migrantes reivindicam espaços com metodologias específicas para o ensino da língua portuguesa; a inserção em espaços não escolares ocorre por meio de cursos profissionalizantes e pelo processo nascente de educação popular.

**Palavras-chave:** população haitiana; migração; inserção social e educacional; migrantes em Lages/SC.

## ABSTRACT

This dissertation analyzed the migratory movement and the insertion of the Haitian population in the sociocultural, economic and educational contexts in the municipality of Lages/SC. Specifically, we sought to describe the process of migration of this population to Brazil and their journey to the municipality where the research was carried out; report the economic and sociocultural conditions in the insertion of migrants at the local level and; identify the school and non-school educational processes experienced by the Haitian population in Lages/SC. Since the beginning of the second decade of the 21st century, the migratory flow of Haitians to Brazil has intensified, due to the political and economic crises that were heightened by geological events, especially the earthquake that hit the island in 2010, this situation worsened the condition of the country, which has the lowest Human Development Index on the American continent. Using a qualitative and descriptive approach, identifying itself as a Case Study, this research sought theoretical support from authors who investigate migratory processes and the relationship between Haiti and Brazil, with the epistemological method for understanding the objects studied and interpretation of the situations experienced by the research subjects was historical-dialectic materialism. The researcher's immersion with the migrants was carried out through semi-structured interviews and participant observation. It was identified that the first migratory movement of Haitians to Lages/SC was carried out by men, through trips brokered by illegal agents; subsequently, the migratory flow increases with the presence of women and children, these on legal trips financed by Haitian residents of the municipality. As the main objectives of this migratory phenomenon, Haitians seek in Lages/SC a better economic condition for the family that is in the municipality and the sending of financial resources to family members who reside in Haiti. The insertion of this population in the municipality occurs, above all, through work environments; and the socialization processes among migrants have religious institutions as their central point. At school, migrants seek to complete their studies at the Youth and Adult Education Center. At times, the demand for work is an impediment to this insertion, and few are able to enter higher education. Migrants demand spaces with specific methodologies for teaching the Portuguese language; insertion into non-school spaces occurs through professional courses and the nascent process of popular education.

**Keywords:** haitian population; migration; social and educational insertion; migrants in Lages/SC.

## REZIME

Tèz sa a te analize mouvman migratè ak ensèsyon popilasyon ayisyen an nan kontèks sosyokiltirèl, ekonomik ak edikatif nan komin Lages/SC. Espesyalman, nou te chèche dekri pwosesis migrasyon popilasyon sa a nan Brezil ak vwayaj yo nan minisipalite kote rechèch la te fèt; rapòte kondisyon ekonomik ak sosyokiltirèl nan ensèsyon migran yo nan nivo lokal la epi; idantifye pwosesis edikasyon lekòl ak ki pa lekòl popilasyon ayisyen an eksperyans nan Lages/SC. Depi kòmansman dezyèm deseni 21yèm syèk la, koule migratwa ayisyen yo nan peyi Brezil vin pi entansifye, akòz kriz politik ak ekonomik ki te vin pi grav ak evènman jewolojik, sitou tranblemanntè ki te frape zile a an 2010, sitistasyon sa a te vin pi grav. kondisyon peyi a, ki gen pi ba Endèks Devlopman Imen sou kontinan Ameriken an. Sèvi ak yon apwòch kalitatif ak deskriptif, idantifye tèt li kòm yon Etid ka, rechèch sa a te chèche sipò teyorik nan men otè ki mennen ankèt sou pwosesis migrasyon yo ak relasyon ki genyen ant Ayiti ak Brezil, ak metòd epistemolojik pou konprann objè yo etidye ak entèpretasyon sitistasyon yo te fè eksperyans. sijè rechèch te istorik-dyalèktik materyalis. Imèsyon chèchè a ak imigran yo te fèt atravè entèvyou semi-estriktire ak obsèvasyon patisipan yo. Yo te idantifye premye mouvman migratwa ayisyen yo nan Lages/SC se te fèt pa gason, atravè vwayaj ajans ilegal yo te fè; answit, koule migratè a ogmante ak prezans fanm ak timoun, sa yo nan vwayaj legal finanse pa ayisyen ki abite nan minisipalite a. Kòm objektif prensipal fenomèn migratè sa a, Ayisyen chache nan Lages/SC yon pi bon kondisyon ekonomik pou fanmi ki nan minisipalite a ak voye resous finansye bay manm fanmi ki abite ann Ayiti. Ensèsyon popilasyon sa a nan minisipalite a fèt, sitou, atravè anviwònman travay; ak pwosesis sosyalizasyon nan mitan migran yo gen enstitisyon relijye kòm pwen santral yo. Nan lekòl, imigran yo chèche fini etid yo nan Sant Edikasyon Jèn ak Granmoun. Pafwa, demann pou travay se yon anpèchman nan ensèsyon sa a, epi kèk moun ki kapab antre nan edikasyon siperyè. Migran mande espas ak metodoloji espesifik pou ansèyman lang Pòtigè; ensèsyon nan espas ki pa lekòl fèt atravè kou pwofesyonèl ak pwosesis la nasman nan edikasyon popilè.

**Mo kle:** popilasyon ayisyen an; migrasyon; ensèsyon sosyal ak edikasyon; migran nan Lages/SC.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Localização de Lages/SC .....	30
<b>Figura 2</b> – Localização do Haiti – América Central e Caribe .....	44
<b>Figura 3</b> – Militar brasileiro em bairro periférico de Porto Príncipe/Haiti.....	61
<b>Figura 4</b> – Terremoto em Porto Príncipe (Haiti) .....	64
<b>Figura 5</b> – Rota de migração Haiti/Brasil.....	77
<b>Figura 6</b> – Migrante haitiana cozinhando .....	94
<b>Figura 7</b> – Migrante com bandeira do Haiti em Lages/SC .....	94
<b>Figura 8</b> – Haitiano agricultor urbano em Lages/SC.....	95
<b>Figura 9</b> – Reunião de articulação do Projeto Union .....	113
<b>Figura 10</b> – Encontro do projeto Union na Cáritas Diocesana.....	114
<b>Figura 11</b> – Evento haitiano realizado em Lages/SC .....	117
<b>Figura 12</b> – “ <i>Manje Lakay</i> ”: partilha da comida haitiana.....	117
<b>Gráfico 1</b> – Haiti - Comércio anual: exportações .....	69
<b>Gráfico 2</b> – Haiti - Comércio anual: destino das exportações .....	69
<b>Gráfico 3</b> – Ano em que os migrantes entrevistados chegaram em Lages/SC .....	86
<b>Gráfico 4</b> – Situação quanto ao trabalho.....	91
<b>Gráfico 5</b> – Realizou algum curso, escolar ou não escolar, em Lages/SC?.....	100
<b>Gráfico 6</b> – Espaços escolares frequentados (dentre os 57,1%) .....	102
<b>Gráfico 7</b> – Religião dos migrantes haitianos em Lages/SC .....	108
<b>Gráfico 8</b> – Famílias: quantidade de filhos.....	110
<b>Gráfico 9</b> – Estado civil .....	111

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Pesquisa e resultados: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES .....	39
<b>Quadro 2</b> – Seleção das dissertações: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES .....	40
<b>Quadro 3</b> – Migrantes haitianos sujeitos da pesquisa .....	81
<b>Quadro 4</b> – Haitianos matriculados nos sistemas públicos de ensino em Lages/SC.....	99

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AGRILAGES	Associação de Agricultores Familiares de Lages
AM	Amazonas
CAMI	Centro de Apoio e Pastoral do Migrante
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARICOM	Comunidade do Caribe
CAV	Centro de Ciências Agroveterinárias
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CDHIC	Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante
CEBRAC	Centro Brasileiro de Cursos
CEDUP	Centro de Educação Profissional
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CENTRO POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CIA	Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência)
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CLR	Cyril Lionel Robert
COMIGRAR	Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CNIG	Conselho Nacional de Imigração
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DEA	Drug Enforcement Administration (Administração de Fiscalização de Drogas)
DPF	Delegacia da Polícia Federal
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EUA	Estados Unidos da América
FAH	Forças Armadas do Haiti
FMI	Fundo Monetário Internacional
HOPE	Haitian Opportunity for Economic Enhancement (Oportunidade Haitiana para Melhoria Econômica)

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IMDH	Instituto Migrações e Direitos Humanos
MEC	Ministério da Educação
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
MJSP	Ministério da Justiça e Segurança Pública
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacional
OEA	Organização dos Estados Americanos
OEC	Observatory of Economic Complexity (Observatório da Complexidade Econômica)
ONU	Organização das Nações Unidas
OPL	Organisation du Peuple en Lutte (Organização do Povo em Luta)
PIB	Produto Interno Bruto
PNA	Polícia Nacional Haitiana
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SC	Santa Catarina
SED-SC	Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina
SMEL	Secretaria Municipal da Educação de Lages
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNIFACVEST	Centro Universitário Facvest
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
UNOCHAPECÓ	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina
ZCIT	Zona de Convergência Intertropical

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>TRAJETO DA PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
2.1	FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS .....	23
2.2	METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO .....	27
2.3	CONTEXTO LAGEANO: HISTÓRIA, ECONOMIA E MIGRAÇÃO.....	29
2.4	“MWEN SE AYISYEN”: SUJEITOS PARTICIPANTES .....	37
2.5	TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS .....	38
2.6	ESTADO DO CONHECIMENTO.....	39
<b>3</b>	<b>HAITI: HISTÓRIA, SOCIEDADE, POLÍTICA E ECONOMIA .....</b>	<b>43</b>
3.1	ASPECTOS NATURAIS, ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS .....	43
3.2	DA ESCRAVIDÃO Á REVOLUÇÃO .....	46
3.3	DISPUTAS INTERNAS, IMPERIALISMO E DITADURA NO SÉCULO XX ..	51
3.4	O HAITI NO SÉCULO XXI: MINUSTAH, DESASTRES AMBIENTAIS E A CRISE ATUAL .....	58
<b>4</b>	<b>MIGRAÇÃO HAITI-BRASIL .....</b>	<b>72</b>
4.1	QUEM SÃO OS MIGRANTES? .....	72
4.2	LEGISLAÇÃO MIGRATÓRIA.....	73
4.3	A MIGRAÇÃO HAITI/BRASIL .....	76
4.4	MIGRANTES HAITIANOS EM LAGES/SC .....	79
<b>4.4.1</b>	<b>Do Caribe à Serra Catarinense .....</b>	<b>82</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Trabalho e Economia .....</b>	<b>89</b>
<b>4.4.3</b>	<b>Inserção educacional .....</b>	<b>97</b>
<b>4.4.4</b>	<b>Integração sociocultural.....</b>	<b>105</b>
<b>4.4.5</b>	<b>“Unyon Ayisyen Nan Lages”: Experiências de Educação Popular - Projeto Union.....</b>	<b>112</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>119</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>135</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....</b>	<b>137</b>
	<b>ANEXO A – SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE OS IMIGRANTES .....</b>	<b>139</b>



<b>ANEXO B – RESPOSTA A SOLICITAÇÃO DO NÚMERO DE IMIGRANTES EM LAGES .....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO C – PLANILHA DE REGISTROS DE IMIGRANTES EM LAGES .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO D – HAITIANOS MATRICULADOS NO SISTEMA ESTADUAL DE ENSINO EM LAGES/SC .....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO E – HAITIANOS MATRICULADOS NO SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO EM LAGES/SC .....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO F – RESPOSTA A SOLICITAÇÃO DE DADOS DE ATENDIMENTO SOCIOASSISTENCIAL DA POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC .....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO G – REPORTAGEM SOBRE O ENCONTRO “UNYON AYISYEN NAN LAGES” EM BLOG LOCAL I .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO H – REPORTAGEM SOBRE O ENCONTRO “UNYON AYISYEN NAN LAGES” EM BLOG LOCAL II.....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (Freire, 2014, p. 133).

Os fluxos migratórios fazem parte do estudo das Ciências Humanas, em especial a Geografia, responsável pela compreensão dos movimentos e interpretação das relações dos seres humanos com os territórios. Desta forma, o exercício docente do profissional das Ciências Humanas, mormente o geógrafo, assume um papel de compromisso com a contextualização e análise das questões migratórias mundiais, regionais e locais.

Minha formação em Geografia, sendo professor efetivo deste componente curricular nos sistemas públicos de educação básica, do município de Lages/SC e do Estado de Santa Catarina, permite familiarização com o tema, seu aprofundamento por meio da pesquisa e o diálogo com a academia. A abordagem referente a importância das leituras críticas da produção socioeconômica no mundo e dos seus processos humanos, relações culturais, exercício de empatia e compreensão dos fluxos migratórios, são elementos fundantes dos métodos de trabalho nos ambientes educacionais.

Todavia, minha relação com os migrantes não ocorre somente pelos meios formais da pesquisa acadêmica, relaciono-me há alguns anos com um pequeno grupo de haitianos moradores de Lages/SC. O primeiro contato com este grupo ocorreu em meados do ano de 2016, durante a conclusão da minha graduação em Licenciatura em Geografia, cujo trabalho de conclusão consistiu em um estudo inicial quanto ao fenômeno migratório emergente no município. A partir desse encontro inicial, estabeleci vínculos adicionais com os migrantes haitianos, a interação social predominava, principalmente, através da prática esportiva e, formalmente, por meio de atividades especiais sobre a migração haitiana, os quais coordenei em escolas públicas locais, proporcionando oportunidades para diálogos entre os estudantes e migrantes haitianos acerca das questões sociais e culturais de seu país de origem. Devido a esta caminhada, outras possibilidades e aberturas com essa população surgiram, atualmente atuo em projetos sociais vinculados a questões migratórias, por meio da Cáritas Diocesana de Lages/SC.<sup>1</sup> Essa dissertação é impulsionada pela necessidade de ampliar a conscientização na academia e na sociedade local sobre a questão migratória haitiana, destacando a luta essencial

---

<sup>1</sup> A Cáritas é uma organização humanitária vinculada a Igreja Católica, opera em todos os continentes. Atua na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário (Cáritas, 2023). Disponível em: <https://caritas.org.br/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

por direitos humanos, sociais, trabalhistas e culturais. Essa urgência em abordar essas questões fundamentais motivou todo o desenvolvimento deste trabalho.

No contexto histórico, o Brasil é um país receptor de movimentos migratórios de diferentes continentes, isto motivado por fenômenos naturais, de ordem política e econômica. Diferentes fluxos migratórios entre os séculos XVI e XX formaram a diversificada composição étnica do país, estes movimentos acompanharam a modificação das características econômicas de seus tempos.

No século XX, a divisão social do trabalho e a expansão das forças produtivas, em certos casos implicaram a imigração mais ou menos maciça de europeus e asiáticos em países da área. [...] Isso significa que essa imigração modificou o conjunto do contexto demográfico, racial, social e cultural no qual se movimentou o negro e o mulato (Ianni, 1988a, p. 86).

A partir da segunda década do século XXI, o Brasil torna-se destino para um novo fluxo migratório. Os haitianos passam a buscar uma nova oportunidade de reconstruir suas histórias no território brasileiro, esse movimento é explicado por uma série de fatores, como instabilidades políticas e econômicas, intervenções estrangeiras no Haiti e em especial o fenômeno sísmico que atingiu a ilha caribenha no ano de 2010.

Com um passado de resistência e luta, configurado por James (2010, p. 15) como “o país protagonista da única revolta de escravos bem-sucedida”, o Haiti enfrentou distintos processos de exploração capitalista ao longo dos séculos, o que impõe atualmente ao país um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) no mundo, o menor do continente americano, e uma série de problemas socioeconômicos, políticos e institucionais. O recorte abaixo faz referência a situação do Haiti no contexto da década de setenta do século XX:

O Haiti é o país mais pobre do hemisfério ocidental. Ali há mais lava-pés do que engraxates: crianças que em troca de uma moeda lavam os pés dos clientes descalços, que não têm sapatos para mandar engraxar. Os haitianos vivem, em média, pouco mais de 30 anos. A cada dez haitianos, nove não sabem ler nem escrever (Galeano, 2020, p. 381).

É inegável a relação direta da história escravista entre os países latino-americanos, “a mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista” (Ribeiro, 2015, p. 91). Aspectos que somados às questões de ordem geopolítica – como a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), com relevante participação do exército brasileiro no país caribenho, a partir de 2004, possibilitaram uma forte relação entre ambos os países.

Todavia, este elo Haiti-Brasil não se constitui tão somente da participação do exército brasileiro por ocasião da Missão da ONU na premissa de estabilização do país. Mas, temos muitos outros hóspedes históricos comuns, indícios do passado que enchem nosso presente, como a colonização, a escravidão, o patriarcado, o mandonismo, o patrimonialismo, o racismo, a corrupção e a desigualdade social (Schwarcz, 2019). Aliás, diga-se, são elos comuns dos quais não escapa nenhum dos países latino-americanos.

Tradicionalmente, as migrações contemporâneas para o território brasileiro possuem como área de atração as grandes metrópoles da região sudeste, devido às maiores possibilidades laborais e maior visibilidade internacional. Contudo, neste caso específico, a atual diáspora haitiana ocorre em diversas regiões e estados brasileiros, e de forma inédita, em Lages/SC, uma cidade formada por paulistas de origem portuguesa e que “guarda características profundamente provincianas” (Locks, 2008, p. 164). As últimas migrações que a Região Serrana de Santa Catarina recebeu são das décadas de 1950/1960, quando descendentes de sírio-libaneses e japoneses vieram para se inserirem, os primeiros, no comércio local, os últimos nos cultivos de maçã, tomate e kiwi (Locks, 2016). A pluralidade étnica e cultural é uma característica marcante desse povo, evidenciada na arquitetura, na religiosidade, nas danças e nos costumes. Essa riqueza cultural surge a partir da fusão entre diferentes grupos étnicos, como caboclos, gaúchos, africanos, europeus e outros povos (Branco, 2001). Nos últimos sessenta anos, Lages/SC assistiu um esvaziamento populacional, devido a sua reconfiguração territorial – emancipação de distritos que viraram novos municípios, contudo, os dados do último censo demográfico apontam para um crescimento populacional de 5,27% entre 2010 e 2022 (IBGE, 2022).<sup>2</sup>

Nesta dissertação, optei por utilizar o termo *migrante* para referir-me aos haitianos que vivenciaram este processo de deslocamento. Isso se deve ao fato de que abordei questões relacionadas à política haitiana e elementos que, devido à estrutura econômica do país caribenho, impulsionam o fenômeno, neste contexto, tornando-os *emigrantes*. Ao chegarem a um novo destino, esses sujeitos tornam-se *imigrantes*. Dessa forma, compreendo que o conceito *migrante* proporciona uma abordagem mais abrangente para o entendimento desse processo entre a relação da partida do Haiti, chegada ao Brasil e possíveis novos deslocamentos.

A partir do ano de 2014, a região sul do Brasil passa a concentrar o maior número de migrantes haitianos no território nacional (Cavalcanti; Tonhati; Oliveira, 2017). Estudos corroboram que a interiorização da migração haitiana no Brasil também alcança o Estado de Santa Catarina (Handerson, 2015a; Magalhães; Baeninger, 2016; Bordignon, 2016; Cavalcanti;

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

Tonhati; Oliveira, 2017; Brunetto, 2018; Ferreira, 2020). Na última década, observei empiricamente, que Lages/SC recebe relevante contingente populacional migratório do Haiti, tal situação chama atenção pelo ineditismo e pela diversidade de novas possibilidades na composição étnica e cultural da região serrana de Santa Catarina. Os primeiros migrantes haitianos a chegarem ao estado de Santa Catarina, trazem consigo as marcas de um processo migratório extenso, perigoso, que perpassou por vários países latino-americanos e por diferentes formas de transporte, vivenciando a ilegalidade em alguns desses espaços (Magalhães; Baeninger, 2016).

O desenvolvimento do estudo considerou o ineditismo deste fenômeno migratório em Lages/SC, as dinâmicas socioculturais e os novos desafios que surgem a partir da inserção desse contingente populacional do município, que trazem consigo suas características sociais, sua língua e cultura distinta daquelas exercidas pelos locais. A partir deste fato, emerge questionamentos quanto ao processo de migração e de inserção dos haitianos na cidade de Lages/SC. Sendo assim, pergunta-se: Como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana no município de Lages/SC?

Este fenômeno migratório carece de estudos no município lócus da pesquisa, pois trata-se de um movimento recente na sociedade local, portanto, se faz necessário o aprofundamento na pesquisa desta temática contemporânea. Devido ao tema em questão se vincular com as relações globais de migração e trabalho, sociedade e economia, foi utilizado o método epistemológico do materialismo histórico-dialético, contudo, tais análises buscam associação ao conceito de Jean-Jacques Cadet (2020b), para este autor, o pensamento *marxista haitiano*, ao relacionar questões raciais e anticoloniais às lutas de classe, desenvolve o “alargamento constante do marxismo”, ou seja, considera-se que os conceitos do materialismo se movem a partir da realidade concreta das sociedades não-ocidentais.

Deste modo, este estudo possui como objetivo geral: analisar como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana no município de Lages/SC; e em específico: descrever o processo de migração da população haitiana para o Brasil e seu percurso até o município de Lages/SC; relatar os desafios econômicos e socioculturais na inserção dos migrantes haitianos no município de Lages/SC e; identificar os processos de educação escolar e não escolar<sup>3</sup> vivenciados pela população migrante no município de Lages/SC.

---

<sup>3</sup> Conforme Zucchetti *et al.* (2017), o conceito de “educação não escolar” compreende as práticas educativas que existem para além do espaço escolar tradicional.

Entende-se que este fenômeno integra elementos sociais, culturais e econômicos, e assim, justifica-se a inserção deste estudo à Linha de Pesquisa II – Processos Socioculturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (PPGE/UNIPLAC). Considera-se a abordagem qualitativa para esta pesquisa, pois compreende a realidade social como um conjunto de fenômenos humanos (Minayo, 2007). A pesquisa é descritiva, pela necessidade de relatar as características de uma população específica e, assim, busca a explicação de situações da vida real por meio do Estudo de Caso (Gil, 2008). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa (Triviños, 2013) e as posteriores análises de dados consideraram as concepções teóricas de Bardin (2016), a pesquisa de campo também gerou dados quantitativos, estes apresentados por meio de gráficos e quadros. Ao final, foram realizadas incursões em espaços de educação popular com a população migrante haitiana em Lages/SC, utilizando o recurso da observação participante (Gil, 2008).

Este estudo estrutura-se da seguinte forma: na primeira seção, a introdução contextualiza o tema da pesquisa, destacando sua relevância e justificando sua realização, apresenta-se a questão da pesquisa e os objetivos; na segunda seção, a metodologia da pesquisa é detalhada, expondo o referencial teórico que fundamenta o estudo, a abordagem epistemológica escolhida, bem como a contextualização do lócus da pesquisa, essa seção também inclui a descrição da amostra do estudo, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise; na terceira seção, abordo as questões históricas sobre o Haiti, assim como, os dilemas sociais e econômicos nos tempo atuais; o movimento migratório de haitianos para o Brasil e, em especial, no município de Lages/SC, encontram-se nas seções seguintes. Ao final, as considerações sintetizam os principais pontos do estudo, destacando suas contribuições para a área acadêmica e para a sociedade em geral. Apresentam-se também sugestões para pesquisas futuras, ao entender o amplo campo que pode ser explorado e as transformações conjunturais, sinalizando, desta forma, a relação dialética deste movimento histórico.

## 2 TRAJETO DA PESQUISA

Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2014, p. 31).

Esta seção trata dos caminhos percorridos na construção deste estudo. Para tal, apresenta-se inicialmente o método epistemológico utilizado; a metodologia do trabalho – abordagem e tipo de pesquisa; o espaço geográfico lócus do estudo; os sujeitos da pesquisa; e as técnicas de coleta e análise de dados.

### 2.1 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Partindo do princípio de que os fenômenos sociais podem ser abordados e analisados por meio de diversas óticas e perspectivas, neste estudo, considera-se que o processo migratório e os elos entre Haiti-Brasil, estão inseridos em um contexto laboral e econômico estruturado nas desigualdades do capitalismo global (Brunetto, 2018). Sendo assim, o motor teórico para esta pesquisa foi o materialismo histórico-dialético.

Essa concepção parte de três características fundantes: a) materialidade do mundo, ou seja, os fenômenos, processos e objetos são aspectos da matéria em movimento; b) a matéria é anterior à consciência, desta forma, a consciência é um reflexo da matéria e se constitui numa realidade objetiva; c) o mundo é conhecível, sob esta premissa, o ser humano tem a possibilidade de transformar a realidade que está inserido (Triviños, 2013).

O esforço<sup>4</sup> de compreensão teórica ocorreu, durante o desenvolvimento da pesquisa pelo contato com o *pensamento marxista haitiano*, que a partir do materialismo e em específico, do “*alargamento constante do marxismo*” (Cadet, 2020a), considera as questões raciais e anticoloniais nesta concepção epistemológica. A partir deste “*alargamento*” epistemológico, considero que é possível o diálogo amplo entre distintos pressupostos teóricos, em que haja convergência pontuais de ideias. Assim, reconheço a importância do desenvolvimento de outras linhas epistemológicas, sobretudo aquelas que atribuem para o protagonismo às lutas dos povos

---

<sup>4</sup> Utilizo o termo “esforço” devido à dificuldade em encontrar materiais relacionados ao “*pensamento marxista haitiano*”. Raras obras físicas são encontradas, estas, geralmente em livrarias francesas e canadenses. Praticamente não há tradução destas obras para português ou espanhol, com exceção de obras literárias como “Senhores do orvalho” de Jacques Roumain. Sobre essa dificuldade no intercâmbio intelectual entre autores haitianos e o restante da América Latina, Yves Dorestal argumenta que: “Em geral, o Caribe de língua inglesa e francesa tende a ser excluído da ideia de América Latina. Intelectuais que escrevem em inglês ou francês têm mais dificuldade de serem lidos do que aqueles que escrevem em espanhol” (Dorestal, 2021, tradução livre).

historicamente explorados e o seu papel como sujeitos de sua própria história – muitas vezes apagadas pelos processos de colonização. Todavia, a realidade externada pelos migrantes, durante a pesquisa de campo, reforçaram a relevância das análises a partir da condição material da vida humana como propulsor do movimento migratório contemporâneo.

Para Cadet (2020a) o *pensamento marxista haitiano* busca compreender a conjuntura do Haiti a partir do materialismo histórico-dialético, dentro desta óptica, inicialmente com Jacques Roumain – um dos fundadores do Partido Comunista Haitiano, em 1934, e posteriormente, entre os anos 1950 e 1980 do século XX, com René Depestre e Gérard Pierre-Charles; estes autores utilizaram deste aporte teórico para o desenvolvimento de concepções endógenas desta sociedade caribenha. Cadet (2020a) indica que o *Castrismo*<sup>5</sup> e a *Teoria Marxista da Dependência*<sup>6</sup> foram fontes do *pensamento marxista haitiano* que, somadas ao conceito de *Negritude*<sup>7</sup>, tomaram a direção anticolonial - essa dissertação considera esse tripé como fundamental para a construção das análises epistêmicas. Cadet (2020b)<sup>8</sup> indica duas pessoas que mantêm vivo esse pensamento: Yves Dorestal e o cineasta Raoul Peck<sup>9</sup>. Cito, neste sentido, a importância de outro caribenho, trinitário-tobagense, Cyril Lionel Robert James (CLR James) para a construção dessa relação entre a história haitiana e o marxismo. Além destes autores, Suzy Castor, Franck Seguy e Joseph Handerson, haitianos relevantes na academia, também transitam habilmente entre a concepção materialista da história e questões

---

<sup>5</sup> Relativo a Fidel Castro e o pensamento nacionalista e anti-imperialista da Revolução Cubana de 1959. Para Tablada (2017, p. 23): “A Revolução de 1959 foi contra todo o saber e as verdades estabelecidas no Ocidente, na esquerda e na academia. Cuba era o único país do mundo onde era impensável que se desse, triunfasse e se desenvolvesse uma revolução anti-imperialista, que conquistasse a independência, a soberania e onde se fundassem e crescessem instituições populares inéditas de verdadeira participação popular, tanto na defesa quanto na distribuição do produto social nos anos de 1960”.

<sup>6</sup> Desenvolvida por intelectuais como Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, entre outros, esse campo de estudos propõe a investigação da dependência não como elemento externo, mas sim como um conjunto de determinações particulares da reprodução capitalista na América Latina (Carvalho, 2021).

<sup>7</sup> Segundo Ndombele (2015, p. 49): “A palavra Negritude surgiu como a expressão de uma reivindicação contra a situação imposta pela administração colonial. A negritude é um movimento reivindicativo que conheceu vários arautos na década 30, dentre os quais destacaremos: Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor, Leon Damas nos quais sob pisadas do patrono do renascimento fundaram a revista “l’étudiant noir”, assim a palavra negritude aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire em 1938, no seu livro de poemas “Cahier d’un retour au pays Natal” através da literatura estes arautos do movimento negritude, enaltecem a cultura negra que foi vilipendiada pela administração colonial sob forma de preceitos de inferioridade, julgamos que a ignorância em relação à história dos povos africanos em particular e dos negros em geral, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre as duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispueram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do africano e suas aptidões intelectuais, assim sendo o negro tornou, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica.”

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.contretemps.eu/lire-marx-haiti/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

<sup>9</sup> Diretor de “Eu não sou seu negro” (2016) e “O Jovem Marx” (2017). Foi Ministro da Cultura do Haiti durante o governo de René Préval em 1996.



que envolvem a identidade haitiana, explorando perspectivas anticoloniais, como discutido nesta dissertação.

A partir de conceitos relacionados a leitura materialista das estruturas sociais, Jean-Jacques Cadet (2022b, n.p.) afirma que:

A alienação pós-colonial e a articulação dos modos de produção constituem o nó temático do que denomino pensamento marxista haitiano. Essa tendência marxista, que fez da questão colonial seu principal vetor epistêmico, analisou detalhadamente a realidade do Ocidente. Portanto, afirmo que se trata de um marxismo anticolonial. [...] O marxismo torna-se haitiano na medida em que, ao estudar a história colonial do país, utiliza um método de leitura da obra de Marx, que chamo “destilação”. Por sua vez, o marxismo haitiano se constrói contra as grandes teses do Ocidente colonial e capitalista, sem abandoná-las por completo.<sup>10</sup>

Para o autor, o “método haitiano de leitura das obras de Marx” (Cadet, 2020a, p. 10), parte de uma “destilação do pensamento” a fim de eliminar “impurezas relacionadas ao eurocentrismo”. Assim, este método funciona de mãos dadas com o processo de descolonização, possuindo um caráter libertador (Cadet, 2020a). Neste sentido, a materialidade histórica da realidade vivenciada pelos povos latino-americanos, e, em especial, os haitianos, possuem particularidades em seu caráter, não sendo possível a sua explicação por método prontos, necessitando um estudo sobre a história de sua sociedade, vivencia-se hoje reflexos das explorações do sistema capitalista e dos países centrais - colonizadores e imperialista, que pertencem ao Norte Global.<sup>11</sup>

O movimento em compreender a realidade haitiana sob a óptica materialista exige considerar as questões internas e subjetivas da identidade construída historicamente no Haiti, fruto da migração forçada de africanos, a partir dessa releitura, René Depestre utiliza o termo “*zumbificação*” em uma leitura haitiana do processo de “alienação”. Em linhas gerais, “*alienação*” consiste na ação, ou no estado, no qual um indivíduo, grupo ou sociedade se tornam alheios aos resultados e produtos de sua própria atividade (Bottomore, 2001). O autor haitiano considera este conceito a partir de uma leitura anticolonial. O processo de “*zumbificação*” consiste na transformação dos seres humanos vivos em “*mortos-vivos*”, nesta

<sup>10</sup> Disponível em: [jacobin.com.br/2022/01/o-legado-anticolonial-do-marxismo-haitiano-novo/](http://jacobin.com.br/2022/01/o-legado-anticolonial-do-marxismo-haitiano-novo/). Acesso em: 15 out. 2023

<sup>11</sup> Nesta dissertação, empregam-se os conceitos de “Sul Global” e “Norte Global” com o intuito de distinguir os países que foram submetidos à colonização e exploração e que, integram o conjunto dos denominados “subdesenvolvidos” ou “em desenvolvimento”. Esses países são também designados como “periféricos” e “semiperiféricos”. Por outro lado, aqueles que são considerados “desenvolvidos” economicamente, ou seja, os países colonizadores que compõem o núcleo do capitalismo central. É importante salientar que essa divisão não se baseia fielmente na geografia tradicional a partir da Linha do Equador, mas sim em considerações históricas e socioeconômicas.

crítica, o capitalismo, a escravidão e o colonialismo confiscaram a força de trabalho, a alma e a razão dos haitianos. Afirma Depestre (1984, p. 268, tradução livre):

Não é por acaso que o mito do Zumbi, conforme se conta no Haiti, é conhecido também nos outros países da América. O escravo foi literalmente um resto de homem, um zumbi, a quem o capitalismo comercial roubou e confiscou, além de sua força de trabalho, sua alma e sua razão, a livre disposição de seu corpo e suas faculdades mentais. No processo americano de produção e de zumbificação, houve uma dupla metamorfose: a metamorfose clássica de uma relação social em uma relação entre coisas; a metamorfose de uma relação entre escravos e mestres (que já se encontrava na escravidão antiga) em uma relação, mais fetichizada, entre “negros” e “brancos”.

René Depestre (1984) utiliza conceitos como *luta de classes* e *reificação*<sup>12</sup> a partir dos processos de colonização no Haiti e demais repúblicas caribenhas, considerando a questão étnica e racial. Sobre as diferentes formas de opressão, o autor faz uso de conceitos trabalhados por Frantz Fanon (2008).

Pelo processo de epidermização e de racialização de luta de classes e suas representações na consciência social de nossos povos, as realidades reificantes do capitalismo, que, nos tempos modernos, determinaram, em todo o mundo, as relações entre opressores e oprimidos, modelaram, nas sociedades escravistas das Américas, um tipo de condição negra marcada por níveis de opressão, de reificação, de alienação, mais complexos, mais constrangedores que os que pesavam sobre as outras camadas oprimidas da sociedade colonial: mulatos alforriados e brancos pobres, ou por aqueles que por que na mesma época, passavam os trabalhadores assalariados metropolitanos. Este estado de servidão se caracterizou a partir de experiência e formas singulares de uma consciência infeliz: um novo tipo de sofrimento e de solidão, de humilhação e de recusa de si, de vergonha e de angústia patológica. A época histórica da escravidão americana produziu, nas plantações do continente, os tipos sociais e raciais de que necessitava: mestres (brancos), escravos negros, e os tipos intermediários de pequenos brancos e de mulatos livres ou alforriados. Esses diversos tipos e categorias da divisão colonial do trabalho, confrontadas nas suas relações, com um sistema específico de contradições (Depestre, 1984, p. 268, tradução livre).

Frantz Fanon (2008) considera que a tomada de consciência da população negra parte das realidades econômicas e sociais. Para Fanon (2008, p. 28): “só há complexo de inferioridade após um duplo processo: inicialmente econômico; em seguida pela interiorização, ou melhor, pela *epidermização* dessa inferioridade”. A partir desta afirmação, compreende-se que as questões materiais da vida humana são os pilares que sustentam a desigualdade entre as

---

<sup>12</sup> A utilização deste conceito compreende a condição de “coisificar”, desumanizar as relações sociais e os trabalhadores. Para Marilena Chauí (1980, p. 23): “[...] o trabalhador passa a ser uma coisa denominada força de trabalho que recebe uma outra coisa chamada salário. O produto trabalho passa a ser uma coisa chamada mercadoria que possui uma outra coisa, isto é, um preço. O proprietário das condições de trabalho e dos produtos do trabalho passa a ser uma coisa chamada capital, que possui uma outra coisa, a capacidade de ter lucros. Desapareceram os seres humanos, ou melhor, eles existem sob a forma de coisas (donde o termo usado por Lukács: reificação; do latim: res, que significa coisa)”.

sociedades, todavia, o racismo, engendrado a partir dos processos de escravização de africanos nas américas, intensifica as lutas por libertação e igualdade.

Jacques Roumain (2017) identifica na sociedade haitiana o *preconceito de cor* como a expressão da oposição das classes sociais. O autor cita que a degradação econômica dos negros haitianos não se deve tão somente a oposição de cor, mas pela opressão da minoria burguesa (majoritariamente mulata).

O preconceito de cor é a expressão sentimental da oposição de classe, da luta de classes: a reação psicológica, a um fato histórico e econômico, a exploração desenfreada das massas haitianas pela burguesia. [...] O fato é este: um proletariado negro, uma pequena burguesia na maioria negra, é implacavelmente oprimido por uma pequena minoria, a burguesia (a maioria mulata) e proletarizada pela grande indústria internacional (Roumain, 2017, p. 14, tradução livre).

Por fim, essa dissertação busca fundamentação teórica para elucidar as questões levantadas por meio de autores, cuja perspectiva materialista histórico-dialética é a base das análises. No entanto, também incorpora algumas contribuições de pensadores que analisam as questões raciais e das classes oprimidas em âmbito global, por meio de uma perspectiva pluralista, ao incluir em momentos pontuais, outras linhas epistemológicas que discutam temas relacionados a este campo.

## 2.2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O Brasil, país marcado por sua composição étnica diversificada e por uma série de movimentos migratórios distintos, viu-se como receptor de um novo fluxo populacional nos primeiros anos do século XXI. Impulsionada por condições políticas, socioeconômicas e por eventos geológicos, a migração haitiana encontrou no solo brasileiro um novo destino. Essa ocorrência assume contornos inéditos no contexto do município de Lages/SC, sendo esse o cerne dos problemas e objetivos desta pesquisa. Diante dessa realidade, surge a indagação: Como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana no município de Lages/SC?

Assim, esta pesquisa possui como objetivo geral: analisar como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana no município de Lages/SC; e os específicos: descrever o processo de migração da população haitiana para o Brasil e seu percurso até o município de Lages/SC; relatar os desafios econômicos e socioculturais na inserção dos

migrantes haitianos no município de Lages/SC; e identificar os processos de educação escolar e não escolar vivenciados pela população migrante no município de Lages/SC.

Portanto, para responder ao problema da pesquisa, e contemplar seus objetivos, este estudo efetivou-se por meio de pesquisa descritiva (Gil, 2008), com abordagem qualitativa (Minayo, 2007), e com características que o identifica como um Estudo de Caso (Gil, 2008). Relaciona-se a pesquisa descritiva neste estudo devido a sua aproximação com a afirmação de Gil (2008, p. 28):

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis. [...] Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc.

Sobre a abordagem qualitativa, Minayo (2007, p. 20) afirma que a mesma “se ocupa, dentro da Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é parte da realidade social [...]”. Sendo assim, avalia-se que a convergência da pesquisa descritiva e da abordagem qualitativa manifestam atributos adequados quanto ao processo de compreensão das percepções dos migrantes, referente aos aspectos socioculturais, econômicos e educacionais ao se inserirem em um novo espaço geográfico, com diferentes características linguísticas e culturais. Registre-se que a pesquisa de campo também gerou dados quantitativos, estes sendo apresentados por meio de quadros e gráficos. Segundo Gil (2008), é possível obter conclusões por meio de análise quantitativa ao solicitar informações a um grupo, como neste caso, os migrantes sujeitos desta pesquisa.

A imersão neste estudo ocorreu no primeiro momento pelo aprofundamento aos pressupostos metodológicos e epistemológicos da pesquisa; posteriormente, as questões históricas que envolvem o Haiti; os conceitos migratórios e os processos de migração dos haitianos para o Brasil. Foram utilizados artigos científicos, livros, dissertações e teses sobre o tema estabelecido.

Devido às características apresentadas, avalia-se que esta pesquisa possui em seus objetivos específicos aspectos que caracterizam um Estudo de Caso, pois os propósitos deste procedimento se encontram em consonância com o tema. Busca-se em Gil (2008, p. 58) a corroboração para tal afirmativa:

- O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como:
- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
  - b) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e
  - c) Explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Ou seja, foram investigadas questões diretamente ligadas às experiências dos migrantes na sociedade local, as quais foram relatadas exclusivamente por meio de entrevistas. Além disso, houve uma contextualização aprofundada desta investigação, a partir de elementos relacionados aos aspectos laborais, educacionais, sociais, culturais e familiares, proporcionando uma compreensão abrangente de todo o processo migratório.

Na subseção abaixo descrevo o espaço geográfico em que a pesquisa de campo foi empreendida, a partir de suas características econômicas e migratórias, levantadas em um contexto histórico.

### 2.3 CONTEXTO LAGEANO: HISTÓRIA, ECONOMIA E MIGRAÇÃO

O município de Lages/SC se caracteriza pela diversidade étnica de seus habitantes, embora haja uma prática predominante que destaca uma tradição<sup>13</sup> formada a partir de elementos bandeirantistas e gaúchos. Esses elementos adornam uma oligarquia que tende a ignorar outros sistemas de produção e associação comunitária. Essa persistente idealização do passado pode levar ao silenciamento e à exclusão da rica diversidade populacional presente nesta região de Santa Catarina. Assim, é uma responsabilidade e uma missão social do pesquisador desafiar essa representação utilizando as ferramentas disponíveis.

O mapa<sup>14</sup> da Figura 1 mostra a localização do município de Lages, na região serrana<sup>15</sup> do Estado de Santa Catarina. A paisagem natural do município é composta por uma área de

---

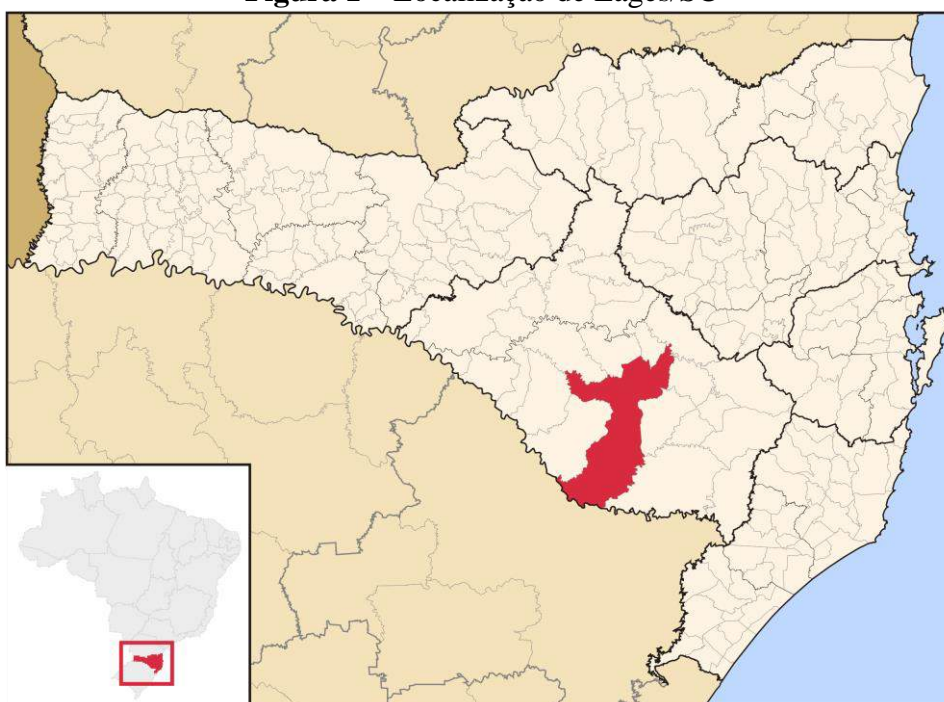
<sup>13</sup> Utilizo o termo “tradição” devido à aproximação com Hobsbawn e Ranger (1997, p. 9) “[...] conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.

<sup>14</sup> Nesta dissertação, os mapas e as imagens desempenham um papel importante como recursos didáticos, fornecendo orientação e contexto ao leitor. O foco desta pesquisa não se concentra na análise visual das imagens cartográficas ou fotográficas, mas sim na sua função como guias informativos e representativos.

<sup>15</sup> Terminologia utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para definir a mesorregião compreendida pelas microrregiões dos “Campos de Lages”, que inclui os municípios de Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Celso Ramos, Cerro Negro, Correia Pinto, Lages, Otacílio Costa, Paineira, Palmeira, Rio Rufino, São Joaquim, São José do Cerrito, Urubici e Urupema; e “Curitibanos”, que é composta pelos municípios de Abdon Batista, Brunópolis, Campos Novos, Curitibanos, Frei Rogério, Monte Carlo, Ponte Alta, Ponte Alta do Norte, Santa Cecília, São Cristóvão do Sul, Vargem e Zortéa. (IBGE, 2023).

relevo acima de 900 metros, destacando-se predominantemente pela presença de vastos campos e pela mata de araucárias. No entanto, essa paisagem foi significativamente impactada devido às atividades econômicas extrativistas e o processo de urbanização ao longo do século XX e XXI. A média de temperatura anual é em torno de 15 °C, caracterizando o clima temperado subtropical ao qual essa região pertence. No território desta região, encontram-se rios importantes, como o Caveiras, Lava Tudo, Pelotinhas, Pelotas e Canoas, que fazem parte da bacia hidrográfica do rio Uruguai (Peluso Junior, 1991).

**Figura 1 – Localização de Lages/SC**



Fonte: Campos (2006).<sup>16</sup>

A extensão territorial de Lages/SC é de 2.637,660 km<sup>2</sup>, o que o torna o maior município desta unidade federativa, neste espaço habitam cerca de 164.981 pessoas<sup>17</sup>, sendo a décima maior população de Santa Catarina. Segundo os dados divulgados pelo último censo demográfico, 69,4% dos habitantes do município se identificam como brancos; 26% pardos; 4,3% pretos; 0,15% amarelos; e 0,06% indígenas (IBGE, 2022). Quanto a condição econômica, dentre os trabalhadores formais, a média é de 2,2 salários-mínimos, ficando em 116º neste quesito entre os 295 municípios catarinenses. O município ocupa o 50º lugar no Estado e 227º em âmbito nacional - num total de 5570 municípios -, conforme o ranking referente ao Índice

<sup>16</sup> Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina\\_Municip\\_Lages.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina_Municip_Lages.svg). Acesso em: 19 maio 2023.

<sup>17</sup> Dados do último censo demográfico do IBGE (2022).

de Desenvolvimento Humano (IDH), com a pontuação de 0,770, abaixo da média estadual, 0,774; e acima da média nacional, 0,759 (IBGE, 2022).

Quanto às etapas históricas do município, o professor Geraldo Augusto Locks (2016) em “Uma análise antropológica da formação social e do desenvolvimento socioeconômico de Lages e da Serra Catarinense”, argumenta que, para fins didáticos, pode-se dividir o passado de Lages/SC em três etapas: a primeira compreende desde o processo de povoamento e colonização aos latifúndios, progresso ao século XVIII à primeira metade do século XX; a segunda etapa a partir do início da exploração da araucária, num cenário de industrialização e urbanização brasileira, na metade do século XX; e a terceira etapa após o fim do ciclo da madeira e a configuração socioeconômica atual.

Levando em consideração essa classificação em etapas conforme os processos históricos, sociais e econômicos do município, registra-se que durante o primeiro período o espaço que hoje compreende a região serrana de Santa Catarina era habitado pelos povos Xokleng e Kaingang.

No momento em que os Xokleng começam a ingressar na História, eles ocupavam toda a área existente entre o litoral e o planalto [...] A abertura da estrada de tropas, ligando Rio Grande do Sul a São Paulo, o surgimento de Lages e o aparecimento de fazendas de criação nos campos de Lages, Curitiba, Curitiba e Guarapuava, praticamente vieram impedir que os Xokleng continuassem a fazer suas incursões de coleta nos ricos pinhais que se adensavam ao entremeio dos campos (Santos, 1973, p. 33).

A perseguição a esses povos na região fez com que estes fossem empurrados para a borda do planalto e para as florestas da região do vale (Santos, 1973), assim como na maior parte do processo colonizatório no território brasileiro “o poder de extermínio da pólvora se sobrepôs ao da flecha” (Branco, 2001, p. 75). Sobre o processo de dominação, conflitos e tensões envolvendo estes grupos em Santa Catarina, Piovezana (2010, p. 39) afirma que:

[...] é importante assinalar que desde a chegada dos europeus, no ano de 1500, e de povos remanescentes do processo de miscigenação entre portugueses, afrodescendentes e índios, e mais especificamente a partir do final do século XIX e meados do século XX, com a entrada das empresas colonizadoras e a vinda, na maioria, de grupos de famílias de origem italiana e alemã, ações e práticas de educação/formação indigenista foram uma constante. [...] no sentido estratégico de domínio e de submissão aos princípios de uma cultura fundamentada na exploração capitalista, na qual a natureza (leia-se floresta) se constituía em obstáculo a ser dominado para a implantação de atividades agrícolas e de criação de animais. Nesse contexto, o índio era visto como natureza ou selvagem, passível da mesma ação de limpeza da terra.

Durante o século XVIII, a região de Lages/SC servia como parada para as tropas de gado bovino, no processo de transporte de mercadorias e alimentos entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, conhecido como “Caminho das Tropas”<sup>18</sup>. No contexto da colonização portuguesa, visando o povoamento e a ocupação territorial, após períodos conflituosos - que evidencia resistência dos povos originários, Lages/SC é fundada em 1766, por Antônio Correia Pinto de Macedo, tropeiro e conhecedor da região, o fundador traz consigo famílias e africanos escravizados<sup>19</sup> (Costa, 2021). O local estratégico da fundação de Lages/SC é descrito por Costa (2021, p. 74) da seguinte forma:

Lages, foi uma das cidades do período colonial brasileiro, com fundação planejada e cuja construção obedeceu a um objetivo claro: o de colocar em boa posição estratégica um núcleo de população que, além de marcar a ocupação portuguesa, constituísse, quando necessário, um ponto de dissuasão ou de resistência a uma possível tentativa castelhana de invasão [...] e também, se fosse o caso, de ponta de lança para desfechar um ataque aos adversários castelhanos.

É possível afirmar a configuração de um processo de ocupação diversificado, a partir de uma análise quanto à composição étnica do local, embora de maneira forçada e, por vezes, violenta, tal como as demais regiões do Brasil, com a presença de portugueses e descendentes, povos indígenas e africanos. Dessa diversidade étnica na região, ocorreu o encontro entre o descendente português com o indígena, resultando no “caboclo”, que virá a ser o “maior segmento étnico da região” (Locks, 2016, p. 28). Sobre os “caboclos”, Peixer (2002, p. 42-43) aponta o apagamento desta identidade no aspecto da história tradicionalista de Lages/SC:

Na região serrana, grande parte da população é de origem “cabocla”, ou, quando não é cabocla, compartilha diversos níveis de sua cultura, seu modo de vida e de expressão. Entretanto, sua história tradicionalmente tem sido relegada a um segundo plano. [...] Na história oficial local, seguindo os moldes da história tradicionalista, esses grupos não aparecem. As alusões feitas a eles tendem a considerá-los sempre como agente passivo nas relações sociais.

Referente aos aspectos econômicos, durante o século XIX e início do século XX, os campos de Lages/SC foram repartidos em “poucas e grandes posses” (Locks, 2016, p. 25). A partir desta concentração econômica e de propriedade, a região “dedicou-se quase que

<sup>18</sup> Mais detalhes sobre este tema podem ser encontrados no Volume 1 da obra: COSTA, Licurgo. O continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme. 2. ed. Lages: Graphel, 2021.

<sup>19</sup> “A bandeira que acompanhou Correa Pinto na viagem de mudança para as ‘Lagens’, presume-se, era composto de umas oito ou nove famílias. A elas, vieram juntar-se no primeiro lustro da fundação algumas outras, formando uma população inicial de mais de uma centena de habitantes. A estes deverão ser acrescentados os escravos de cada família. Quantos eram? Não há levantamento oficial, mas não será exagero dar para cada núcleo familiar a média de três escravos. E assim teriam vindo para Lages, de 1766 a 1770, uns cinquenta escravos” (Costa, 2021, p. 179).



exclusivamente às atividades ligadas à pecuária” (Martendal, 1980, p. 30). A concentração fundiária é uma característica do município, pode-se afirmar que é um dos elementos que criam um processo perene de desigualdade social. Neste sentido, Pereira (2021, p. 33-34) aponta que:

[...] Lages e Região Serrana se inserem no contexto de um Brasil colonial, escravocrata e de economia agro mineira exportadora. Emerge daí um segmento social latifundiário ocupado com a administração da grande fazenda de gado (1755-1940), coexistindo com a agricultura familiar localizada nos fundos de fazendas, em terras dobradas ou nas barrancas dos rios Pelotas, Canoas e seus afluentes. Neste cenário vale ressaltar que a Região Serrana somente conheceu a escola pública no início do século XX. Em consequência se engendrou uma sociedade ágrafa, sem letras, sem livros, sem escola [...].

Em que pese as desigualdades latentes, o discurso de modernização e mudança, prevaleceu durante a transição do século XIX para o início do século XX entre a elite local, objetivou-se, assim, uma transformação da cidade. Até então com caráter de pequena vila, almejava-se torná-la um centro urbano conectado a outros polos (Peixer, 2002). Sobre a condição de Lages/SC durante este período, Vaz (2019, p. 126) descreve que:

A despeito de todas as dificuldades, ainda assim, Lages era às portas do século XX uma cidade inserida nas tensões entre o desejo de modernidade de suas elites e as contingências de um universo ainda precário, de dificuldades infraestruturais, com uma população majoritariamente pobre, analfabeta e isolada.

Materializado a partir do “Código de Posturas”<sup>20</sup> de 1895, esse processo de modernização possuía caráter higienista e segregacionista (Vaz, 2019). Havia proibição de elementos simbólicos das tradições culturais dos descendentes de africanos que habitavam a cidade, como “sambas e batuques” (Marcon, 2010, p. 75).

Os próprios jornais se pronunciaram como porta-vozes de tal discurso, ao noticiarem os melhoramentos urbanos e as novas práticas sociais da elite, associando-as à civilidade. Por outro lado, os mesmos jornais definiam, em seus artigos, como maus costumes e imoralidades, a jogatina, a prática do curandeirismo, os roubos de gado, a vagabundagem, a prostituição e os bailes populares - também chamados “sambas” ou “fandangos” -, afetando a moral e os significados das práticas cotidianas populares existentes (Marcon, 2010, p. 75).

---

<sup>20</sup> “O Código de Posturas de 1895, portanto, impunha-se como um dispositivo de regulação, higienização, delimitação dos espaços e definição dos parâmetros de urbanização. Com efeito, este código não só pretendia normatizar as fronteiras e lugares das práticas sociais, como impingir à vila de Lages e sua população novos conceitos de organização da vida cotidiana alinhados com os princípios de civilidade e urbanidade” (Vaz, 2019, p. 129).

Desde as normatizações do espaço urbano de Lages/SC, aos aspectos morais e comportamentais, o “Código de Posturas”<sup>21</sup>, compunha um significativo elemento das práticas da elite local. No entanto, “brancos pobres, caboclos e descendentes de africanos em geral [...] tinham suas manifestações cotidianas associadas à barbárie, aos maus costumes e à ociosidade” (Marcon, 2010, p. 43).

Na segunda etapa econômica (Locks, 2016), por volta da metade do século XX, a intensificação da exploração da araucária marca uma nova fase na configuração socioeconômica do município. Segundo Martendal (1980, p. 31): “na década de quarenta, a araucária motivou o surgimento de uma atividade econômica importantíssima, que superou em significação a tradicional pecuária da região, qual seja a indústria madeireira”. Munarim (1990, p. 76) afirma que:

É a partir daí que a Região Serrana de Santa Catarina passa a desempenhar um papel na produção econômica em função da economia nacional [...] ocorre aí o chamado ciclo da madeira, que alcança seu auge no final do período, coincidindo com a inauguração de Brasília, obra que consumia grande parte da madeira bruta extraída da região.

A partir de então, o município inicia o processo de urbanização, recebe significativo fluxo de migrantes de áreas rurais e intensifica o seu papel de cidade-polo da região serrana, receptora do êxodo rural e de mão-de-obra regional (Peixer, 2002). Ao passo que novos bairros em espaços periféricos do município também se estabelecem, estes abrigam, sobretudo, os “caboclos”.

De um modo geral, os caboclos que migraram para a cidade se radicaram nas periferias, formando bairros e vilas como o Centenário, Santa Helena, Vila Nova, São Luiz, Curva da Morte, Várzea, Penha, Guarujá, Triângulo, Lomba Seca e Passo Fundo (Martendal, 1980, p. 48).

Ressalta-se que também há no município um bairro formado, em seu princípio, exclusivamente pela população negra, sendo este o primeiro bairro de Lages/SC, a sua formação está vinculada ao processo de abolição da escravidão. Para Rosa (2016, p. 200) “nas décadas de 20 a 60 o Bairro da Brusque era um quilombo urbano”.

Este bairro, chamado Bairro da Brusque, é o mais antigo da cidade, no qual os escravos libertos fizeram suas residências, um local que no início do século era

---

<sup>21</sup> Para aprofundar o tema, sugiro a obra de Zilma Peixer: “A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages”, a partir da p. 62, sob o título “Gestão da cidade pelo Código de Posturas”.

afastado do centro da cidade e hoje fica numa área central, com um intenso processo de valorização das terras e afastamento dessa população (Peixer, 2002, p. 99).

Sobre o Bairro da Brusque, Frank Marcon (2010, p. 98) reforça que “concentravam-se vários descendentes de africanos que migraram para a cidade após a Abolição da Escravatura, em busca de oportunidades de sobrevivência”, completa afirmando sobre a mudança na configuração territorial e o deslocamento desta população, estes espaços “hoje fazem parte da área central da cidade. Muito pouco dos descendentes daquelas populações pertenceram nestes locais, trasladando-se à periferia urbana” (Marcon, 2010, p. 95).

A industrialização da araucária motivou movimentos migratórios para o município, oriundo das colônias italianas do Rio Grande do Sul; estes migrantes estabeleceram-se na região e na cidade com a intenção principal de se dedicarem à atividade madeireira; e em menor número, integrantes de colônias alemãs no litoral catarinense migram para a Região Serrana neste período (Martendal, 1980). A partir dos anos sessenta do século XX, o município de Lages recebe um novo fluxo migratório, desta vez de imigrantes sírio-libaneses (Locks, 2016). Neste sentido, Branco (2001, p. 19) sinaliza que tais movimentos impulsionaram a vasta pluralidade étnica e cultural no município em questão:

Diversos grupos de tradições culturais diferentes aqui convivem e estão recriando e produzindo a diversidade e especificidade de nossa terra. Cultura que transparece no modo de falar, de receber as pessoas, do chimarrão, da cozinha de chão, das danças, das tradições, das comidas, do estilo arquitetônico, religião, símbolos de diversos grupos culturais entre eles dos caboclos, italianos, gaúchos, africanos, alemães, sírio-libaneses, portugueses.<sup>22</sup>

Para Munarim (1990, p. 52) o município de Lages/SC, em comparação com outras regiões de Santa Catarina, recebeu poucas levas de imigração europeia, o autor aponta que “estes imigrantes receberam mais influência (culturais) dos caboclos do que eles influenciaram. Percebe-se, hoje, na região serrana, um tipo descendente de imigrante “acaboclado”.

A terceira etapa neste processo econômico do município de Lages/SC é marcada pelo declínio da atividade madeireira. Após a década de setenta do século XX, acentuam-se as desigualdades socioeconômicas e territoriais. Segundo Peixer (2002) essa situação de crise econômica culminou na formação e adensamento da periferia, grande parte constituindo um grupo de espoliados urbanos. Novos bairros e vilas formaram-se a partir da população cabocla que migrou do campo para a cidade. Nesta direção, Martendal (1980, p. 51) afirma que “o surto

---

<sup>22</sup> Citação extraída da Revista da Memória. Fundação Cultural de Lages. Lages, 1996, Ano 1, nº 1, p. 10, disponível na dissertação de Branco (2001, p. 19).

de industrialização da madeira na região arrancou os caboclos de seu habitat, através de procedimentos sutis, e jogou-se como marginalizado para as periferias da cidade de Lages”.

Para Locks (2016), no presente, o grande capital se apropria de instrumentos para explorar recursos naturais, o que mantém a concentração de poder nessa região. Embora com avanços em áreas primordiais como saúde e educação, relações engendradas no passado histórico do município mantém a desigualdade na sociedade local. Locks (2016) aponta novas relações coletivas e solidárias, que associe capital-trabalho, como possibilidades para o desenvolvimento socioeconômico da população local.

Em suma, o histórico do município de Lages/SC denota uma realidade étnico-cultural moldada por processos migratórios. Antes da fundação do município, assim como em outras partes do país, ocorreu-se a perseguição aos povos originários. O subsequente movimento de ocupação aconteceu por meio do estabelecimento de migrantes luso-paulistas e africanos, estes últimos submetidos ao regime de escravização. Posteriormente, houve a migração de descendentes de italianos e alemães durante o processo de industrialização da madeira, oriundos do Rio Grande do Sul e outras regiões de Santa Catarina. Em menor número, sírio-libaneses também desempenharam um papel significativo nesse contexto histórico.

Referente aos novos fluxos migratórios, atualmente, no município de Lages/SC, consta o registro de migrantes africanos, asiáticos e, em sua maioria, latino-americanos, sendo que 142<sup>23</sup> destes são haitianos (Lages, 2022a). O contexto das restrições migratórias aos países centrais do capitalismo e a condição socioeconômica contemporânea brasileira servem como áreas de atração para esses migrantes. Especificamente, o desenvolvimento do município, embora limitado em comparação a outras regiões de Santa Catarina, mas significativo em relação ao seu passado, tornam Lages/SC um dos pontos de atração para os novos migrantes. A chegada de migrantes haitianos representa mais um capítulo na história desse município, assim, espera-se que a cultura e riqueza que esses migrantes trazem sejam visibilizadas e humanizadas na sociedade local.

---

<sup>23</sup> Conforme informação da Delegacia de Polícia Federal em Lages, sob o Ofício n. 5/2022/DPF/LGE/SC (Anexo B), em resposta à solicitação da Vereadora Katsumi Yamaguchi (Anexo A). No Anexo C, extensão do Ofício nº5/2022/DPF/LGE/SC, consta a planilha com o número de estrangeiros registrados no município de Lages.

## 2.4 “MWEN SE AYISYEN”<sup>24</sup>: SUJEITOS PARTICIPANTES

Quatorze migrantes haitianos, representando aproximadamente 10% da população total residente em Lages/SC (segundo estimativas oficiais da DPF/Lages (2022), foram entrevistados para este estudo. As entrevistas, realizadas durante os meses de agosto e setembro de 2023, foram conduzidas nos locais escolhidos pelos migrantes, sendo a maioria delas realizada nas próprias residências dos participantes, utilizando o recurso de entrevista semiestruturada. Para Triviños (2013, p. 146):

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Cada entrevista teve uma duração média de trinta minutos<sup>25</sup>, os diálogos foram gravados em áudio. Posteriormente, as gravações foram transcritas e as mídias correspondentes foram arquivadas. O roteiro utilizado para a condução das entrevistas está detalhado no Apêndice A do presente documento. Segundo Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social que permite um diálogo, a fim de uma das partes coletar informações a partir do entrevistado. Sendo assim, justifica-se a necessidade desta abordagem, uma vez que as percepções dos migrantes podem se externar de maneira fluída, observando dados dos mais diversos aspectos sociais.

Os critérios de inclusão para participação nesta pesquisa foram: ser migrante haitiano residente no município de Lages/SC, ter mais de 18 anos, concordar e realizar o preenchimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme consta no Apêndice B. Busquei diversidade em relação à idade e gênero dos entrevistados, visando uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado, sendo que compuseram o grupo de entrevistados, 5 mulheres e 9 homens, com faixa etária entre 24 e 49 anos. Não houve necessidade de intérprete, pois os haitianos entrevistados possuem razoável ou boa comunicação em língua portuguesa. O sigilo, quanto a identidade dos participantes<sup>26</sup>, foi garantido pela substituição de seus nomes

---

<sup>24</sup> Em créole: “eu sou haitiano”.

<sup>25</sup> Triviños (2013) indica que uma entrevista semiestruturada pode se tornar repetitiva ou empobrecida ao ser realizada em tempo superior aos trinta minutos.

<sup>26</sup> Conforme determina a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

pelo nome de cidades haitianas<sup>27</sup> e, a apresentação das características relacionadas a gênero, idade, entrada no Brasil, ocupação profissional e inserção educacional está disponibilizada no Quadro 3 da página 81 desta dissertação.

## 2.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Para a realização das análises dos dados coletados, por meio das entrevistas semiestruturadas com os migrantes, sujeitos centrais no estudo desenvolvido nesta pesquisa, considerou-se o método de Laurence Bardin (2016), organizado em três etapas: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

O primeiro momento, a pré-análise, compreende a fase de organização desta etapa. Tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais de modo a conduzir uma estrutura prática quanto a questão introdutória da análise de dados (Bardin, 2016). Este momento é composto por três etapas: escolha dos documentos; formulação das hipóteses e dos objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. Constitui-se, primeiramente, na “leitura flutuante”, que consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2016, p. 125). Na sequência, a segunda etapa do método de análise de dados, consiste na exploração do material previamente analisado, assim, Bardin (2016, p. 132) afirma que:

Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. [...] Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Segundo Bardin (2016, p. 134) a codificação “corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, [...] permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão”. Por fim, após as duas primeiras etapas e seus devidos procedimentos, o método de análise traz como última etapa o tratamento dos resultados obtidos por meio da interpretação. A partir desta fase, o pesquisador pode “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (Bardin, 2016, p. 130).

---

<sup>27</sup> Avalio que utilizar nomes de cidades haitianas em substituição aos nomes reais dos sujeitos participantes da pesquisa, além de garantir o anonimato necessário para a efetivação da pesquisa, também é uma forma de reconhecer as raízes de suas identidades históricas. Os migrantes são mais do que números e códigos, possuem suas histórias e laços sociais e culturais com o seu país de origem.

Neste sentido, após um período de contato e leitura sobre o processo de migração haitiana no Brasil, elaborei o roteiro da entrevista, avaliando os pontos que necessitavam de respostas para a compreensão desse processo. Ao término das entrevistas, o material foi trabalhado por meio de transcrição dos áudios, a partir da identificação de palavras-chave utilizadas pelos migrantes, bem como o levantamento dos temas principais relatados pelos entrevistados. A partir dessa identificação, tornou-se possível avançar para a etapa de interpretação das entrevistas, relacionando-as com o método utilizado nesta dissertação.

## 2.6 ESTADO DO CONHECIMENTO

Com a finalidade de compreender o fenômeno migratório e a inserção dos haitianos nos âmbitos socioculturais, econômicos e, em especial, educacionais<sup>28</sup>, realizou-se um levantamento quanto às produções acadêmicas (dissertações e teses) que utilizam este tema como foco de estudo. O mapeamento das produções realizadas, permite analisar a relevância do tema a ser pesquisado e identificar possíveis lacunas, experiências, alternativas e as contribuições prévias para o meio acadêmico (Romanowski; Ens, 2006).

Para tanto, utilizou-se a plataforma do Catálogo de Dissertações e Tese da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no dia 04 de março de 2023. Os descritores foram submetidos ao filtro: **“Grande Área Conhecimento: Ciências Humanas”** e **“Área Conhecimento: Educação”**, com recorte temporal a partir do ano de 2010, quando o fluxo migratório de haitianos para o Brasil, e conseqüentemente Santa Catarina, tornou-se expressivo (Quadro 1).

**Quadro 1** – Pesquisa e resultados: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

<b>Descritores</b>	<b>Resultados</b> (quantidade de produções)
Haitianos e Migração	6
Haitianas e Migração	7
Haitiano e Migração	1
Haitiana e Migração	0
Imigrantes e Haitianas	5
Imigrantes e Haitianos	12

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Constatou-se, por meio destas pesquisas, que não há estudos publicados nesta plataforma sobre o processo migratório de haitianos para o município de Lages/SC.

<sup>28</sup> Justifica-se o foco na área educacional por ser objeto de estudo do PPGE/UNIPLAC.

Após análise inicial dos títulos dos estudos, notou-se a repetição de algumas produções devido às variações nos descritores utilizados para a pesquisa. Assim, ao final, resultou em **quatorze estudos**, sendo **onze dissertações** e **três teses**. Dentro deste conjunto, a partir dos resumos e objetivos, observou-se o foco de cada pesquisa e o seu **método epistemológico** e, assim, foram selecionadas aquelas que se encontram dentro do escopo do **materialismo histórico-dialético** e possuem correlação com a abordagem deste estudo, tratando do processo de **migração e inserção de haitianos a partir do meio do trabalho, das questões socioeconômicas e da educação escolar e não escolar**. Como resultado foram selecionadas **três pesquisas**, sendo todas dissertações, conforme o Quadro 2.

**Quadro 2** – Seleção das dissertações: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não-escolares no oeste catarinense	BORDIGNON, Sandra de Avila Farias	Migração. Haitianos. Educação. Oeste Catarinense.	UNOCHAPECÓ Universidade Comunitária da Região de Chapecó	2016
Trabalho e educação no processo migratório de haitianos no Brasil	BRUNETTO, Valnei	Migração. Trabalho. Educação. Haitianos.	UNOCHAPECÓ Universidade Comunitária da Região de Chapecó	2018
Trabalho e educação no processo de inclusão social de imigrantes haitianos em Joaçaba e Herval D'Oeste – Santa Catarina	FERREIRA, Mirian Gregorio	Inclusão social. Trabalho e educação. Imigrantes haitianos.	UNOESC Universidade do Oeste de Santa Catarina	2020

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em “Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não-escolares no oeste catarinense” da pesquisadora Sandra de Avila Farias Bordignon (2016), a migração haitiana é abordada a partir da análise das experiências educacionais em contextos escolares e não-escolares, desenvolvidos com ou para o imigrante. O estudo, caracterizado como pesquisa-ação, conta com relatos do processo de inserção dos imigrantes na comunidade chapecoense e na região Oeste de Santa Catarina.

A dissertação “Trabalho e educação no processo migratório de haitianos no Brasil” de Valnei Brunetto (2018) possui como lócus geográfico a cidade de Xaxim e a região Oeste de Santa Catarina. Nessa pesquisa, o autor aborda a questão da migração dos haitianos no interior deste estado, sob a perspectiva do trabalho e da educação formal neste processo. Avalia que o



fenômeno global da migração Haiti-Brasil, possui como fatores principais o encontro entre a desigualdade social e catástrofes naturais.

O estudo “Trabalho e educação no processo de inclusão social de imigrantes haitianos em Joaçaba e Herval D’Oeste – Santa Catarina”, de Mirian Gregorio Ferreira (2020), também possui como lócus geográfico a região Oeste deste estado. A pesquisadora avalia que a inserção dos migrantes adultos nos meios educacionais ocorre através da modalidade Educação de Jovens e Adultos, formação técnica e preparação para o trabalho. Não há, segundo a autora, senso de coletividade, o que dispersa os migrantes e dificulta as articulações com a sociedade regional.

Avalia-se que os estudos acima se encontram correlacionados com esta dissertação, devido às características já citadas, todavia, outras produções que possuem relevância na questão migratória Haiti-Brasil também foram utilizadas neste estudo. Assim, para investigar os processos históricos, econômicos e sociais de Lages/SC, priorizei a consulta de obras que estabelecem diálogo com esses contextos específicos no município, para tanto, concentrei-me principalmente nas contribuições de Peixer (2002), Locks (2016), Martendal (1980), Munarim (1990), Marcon (2010), Costa (2021), Branco (2001) e Vaz (2019). A utilização das obras de Ricardo Seitenfus (1994, 2007, 2014) com enfoque em questões políticas, para o entendimento dos processos históricos e conjunturais do Haiti, fora de fundamental importância na construção desta dissertação. A pesquisa é enriquecida por obras históricas de James (2010); pela análise de aspectos culturais proporcionada por Grondin (1985) e pela contextualização sobre a conjuntura contemporânea, através das contribuições de Seguy (2009, 2014a, 2014b, 2023) e a perspectiva de Pierre-Charles (2020), todas essenciais para uma compreensão abrangente do contexto haitiano.

Ao desenvolver a análise metodológica sobre a origem econômica das desigualdades sociais, que estão submetidas as classes oprimidas e os países do Sul Global - ou “periféricos”, “dependentes” e “subdesenvolvidos”, além dos autores já citados nesta dissertação, destaquei as contribuições conceituais de Marini (1973, 2017), Ianni (1988a, 1988b, 1993), Harnecker (1983), Harvey (2008, 2013, 2014) e Santos (1996, 2021a, 2021b). Para compreender a perspectiva contemporânea da migração, tomei como partida a visão de Sayad (1998, 2000) e aprofundi a análise com o respaldo das pesquisas sobre a migração haitiana no Brasil realizadas por Handerson (2010, 2015a, 2015b), Mamed (2018), Magalhães (2015), Magalhães e Baeninger (2016) e Medeiros (2023), as quais desempenharam um papel fundamental no enriquecimento das análises propostas. Ao abordar os aspectos vinculados à educação, utilizei

as relevantes contribuições de Freire (1997, 2014, 2019), Brandão (2007, 2009), Gohn (2020) e Moura e Zucchetti (2006, 2010).

Contudo, é importante citar que, embora esses autores tenham sido cruciais na elaboração desta dissertação, outros, que foram introduzidos ao longo das próximas seções, também proporcionaram um significativo arcabouço de possibilidades. Constatei que os estudos sobre a migração haitiana no Brasil representam um campo de pesquisa em constante expansão, caracterizado por um determinado alinhamento teórico e metodológico, considerei estas construções para a estruturação desta dissertação, respeitando as nuances dos espaços geográficos lócus das diferentes pesquisas em território brasileiro.

### 3 HAITI: HISTÓRIA, SOCIEDADE, POLÍTICA E ECONOMIA

Nunca mais  
Nunca mais  
Nossas irmãs e irmãos haitianos  
Serão vendidos para  
Transformar seu sangue em açúcar amargo  
(Aristide, 1995, p. 187).

O passado histórico aproxima as questões sociais, culturais e econômicas dos países latino-americanos e caribenhos, frutos de um processo de colonização de exploração, tais países conviveram durante séculos com o regime de escravidão e dominação imperialista, marcas que prevalecem até os dias atuais. Para avaliar essa aproximação entre os países, é fundamental contextualizar o fenômeno migratório haitiano em Lages/SC, considerando não apenas o movimento em si, mas também as origens dessa população e as condições sociais, políticas e econômicas de seu país de origem. Além disso, é importante reconhecer que os migrantes trazem consigo não apenas seus desejos de melhoria econômica, mas também expressões de suas identidades, como o idioma e seus costumes. Ao compreendermos as características específicas do Haiti, torna-se possível identificar as principais motivações do processo migratório que se origina nessa nação.

Nesta seção, exploro os processos de constituição do Haiti, a partir dos aspectos históricos, que perpassam a vitória revolucionária do povo escravizado perante a dominação europeia, as disputas entre classes sociais que tensionam a sociedade haitiana, os processos de intervenção e ocupação internacional – imperialismo, e a atual conjuntura política e socioeconômica.

#### 3.1 ASPECTOS NATURAIS, ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

A República do Haiti, país localizado na América Central insular - conjunto de ilhas também conhecida como Antilhas, faz fronteira terrestre com a República Dominicana, dividindo a Ilha Hispaniola, possui saída ao Oceano Atlântico ao litoral norte, e ao Mar do Caribe<sup>29</sup> pelo litoral sul e oeste (Figura 2).

---

<sup>29</sup> Ou “Mar das Antilhas”, conforme consta na Figura 2.

**Figura 2** – Localização do Haiti – América Central e Caribe



Fonte: IBGE (2009).<sup>30</sup>

A posição geográfica do país é propícia a fenômenos geológicos e climáticos, situado entre duas placas tectônicas (norte-americana e caribenha), o que justifica o histórico de abalos sísmicos enfrentados pela população local. Localizada em uma Zona de Convergência Intertropical<sup>31</sup>, a região é suscetível aos ciclones tropicais – conhecidos como furacões no Atlântico Norte, o que intensifica os fenômenos deste caráter no Haiti.

Originalmente o território haitiano era composto por florestas tropicais, todavia, com o avanço do desmatamento, devido às atividades econômicas de exploração, como o cultivo de cana-de-açúcar durante o período colonial-escravista, e posteriormente outros cultivos agrícolas, como café e tabaco, além da utilização da madeira como fonte de energia, fizeram com que, atualmente, essa vegetação seja quase inexistente. Isso ocasionou problemas de erosão do solo, diminuição da fertilidade e desertificação (Caramel, 2010).<sup>32</sup> O clima na ilha é tropical, com média mínima de 20 °C e máxima de 31 °C, sendo o relevo montanhoso predominante – o

<sup>30</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101627>. Acesso em: 19 abr. 2023.

<sup>31</sup> Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) é uma região próxima ao Equador onde os ventos alísios do hemisfério norte encontram os ventos alísios do hemisfério sul. Esse encontro cria uma área de convergência, onde o ar quente e úmido sobe, formando nuvens carregadas e frequentes chuvas. O Haiti, por estar geograficamente próximo à ZCIT e no caminho das rotas de furacões que se formam no Oceano Atlântico, é vulnerável a esses fenômenos. As águas quentes do Caribe, durante a temporada de furacões (normalmente entre junho e novembro), fornecem energia para a formação e intensificação desses sistemas climáticos.

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/27/le-pays-de-la-foret-disparue\\_1297189\\_3222.html](https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/27/le-pays-de-la-foret-disparue_1297189_3222.html). Acesso em: 18 nov. 2023.

que traz significado ao seu nome, “terra das montanhas” na língua *arahuaca*, falada pelo povo *Taínos*, autóctones que habitaram a ilha antes do processo de colonização (Seitenfus, 1994).

Atualmente, o país conta com cerca de 11 milhões de habitantes, sendo que a expectativa de vida média da população é 63 anos; a taxa de alfabetização de adultos é de 62%; a subnutrição atinge 47% dos haitianos; 37% da população dispõe de rede de saneamento básico adequada; e apenas metade dos haitianos possuem acesso à energia elétrica (Banco Mundial, 2021).<sup>33</sup> Conforme relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) da ONU (2022)<sup>34</sup>, o Haiti consta como o país do continente americano com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH baixo: 0.535) e na 163ª posição dentre os 191 países avaliados neste ranking. Para Suzy Castor (2008) a deterioração socioeconômica é resultado de um sistema de exclusão da maioria da população.

Em sua composição étnica, o Haiti é formado por 95% de negros, e 5% de mulatos e brancos<sup>35</sup>. A língua mais falada no Haiti é o *créole*, oriunda da junção entre a língua francesa e dialetos da costa oeste do continente africano. É considerada a língua oficial do país, junto a língua francesa. O *créole* é um dos marcadores das divisões de classes sociais no Haiti, falado por toda a população, diferentemente do Francês, que é ensinado nos espaços escolares e falado por menos de 20% dos haitianos. É uma das expressões da identidade haitiana e da resistência das massas populares (Grondin, 1985).

O *créole* foi e continua sendo a língua dos negros, embora seja falada por todos os habitantes do país desde a colônia até os dias de hoje. O *créole* foi a língua dos escravos, feitura dos negros, grudada à cor da sua pele. Na opinião de uma grande parte da elite, que fala francês, essa linguagem não passa de um vulgar dialeto de uma população sem cultura. Para a grande massa do povo – e para os linguistas esclarecidos – o *créole* é a sua identidade, sua forma de comunicação, de expressão cultural e de transmissão de sabedoria popular através de seus inumeráveis provérbios, contos e lendas. [...] Mecanismo de defesa, de afirmação e de hegemonia das massas (Grondin, 1985, p. 74).

Assim como o *créole*, outro elemento fundante da identidade haitiana é o *vodu*, utilizado como mecanismo de unidade e estímulo às lutas populares e revolucionárias, sendo a religião franca dos negros durante o período de escravidão e libertação. O *vodu* consiste no culto aos espíritos e divindades, com origem no continente africano e que incorporou elementos do catolicismo com o passar do tempo (Grondin, 1985), tal como o sincretismo que também

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/haiti>. Acesso em: 18 nov. 2023.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/09/idh-2021-2022-8set-2022.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

<sup>35</sup> Conforme informações da CIA (2023). Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/haiti/#people-and-society>. Acesso em: 27 nov. 2023.

acontece em religiões afro-brasileiras ou afro-latino-americanas. Para Handerson (2010), a prática do *vodu*<sup>36</sup> tem conotação semelhante a ideia pejorativa de “macumba” no Brasil, sobretudo pelo aspecto preconceituoso e relacionado a “magia negra”. No Haiti, o vodu foi proibido durante alguns governos – da minoria mulata, e pela pressão da Igreja Católica, em momentos distintos do século XVIII a XX.

Por ser religião das massas e escapar ao controle dos grupos de poder, o vodu sempre foi considerado por estes como algo fora da lei, uma herança indesejável do passado, vergonhosa e inadequada ao novo estatuto político do cidadão do Haiti. Ao lado desses grupos encontra-se a Igreja Católica, que, pregando a religião oficial do Estado desde 1869, ressentia-se da existência de um outro poder religioso que, não sendo seu, ainda tem a capacidade de adaptar-se ao catolicismo e de integrar a seus rituais expressões católicas. Em 1941, foi decretada pelo governo mulato uma campanha de destruição do vodu e de saneamento do conteúdo do catolicismo. A campanha correspondeu a um verdadeiro empreendimento de desculturação, como nos primeiros tempos da colônia, na época da Inquisição: destruição geral de tambores (muitas vezes peças de valor artístico extraordinário), cântaros, imagens, garrafas, postes, cruzes, pedras colares, templos (Grondin, 1985, p. 83).

Atualmente, nessa terceira década do século XXI, além do catolicismo<sup>37</sup> – religião declarada pela maior parte dos haitianos, religiões neopentecostais, através de missionários estadunidenses, têm avançado no território do Haiti. Em Lages/SC, todos os participantes que entrevistei para este estudo, declaram-se cristãos, sendo que 86% de congregação evangélica.

Na próxima subseção, abordo o contexto histórico da construção da República do Haiti, com destaque para o pioneirismo revolucionário dos escravizados, a conquista de sua libertação e independência, as lutas e disputas políticas – internas e externas (anticoloniais, antiescravista e anti-imperialista), e a conjuntura política atual.

### 3.2 DA ESCRAVIDÃO Á REVOLUÇÃO

“Esse país é o quinhão dos homens pretos, e todas as vezes que tentaram tirá-lo de nós, podamos a injustiça a golpes de facão” (Roumain, 2020, p. 65). Começo essa subseção com a

<sup>36</sup> Segundo Grondin (1985, p. 81): “O vodu mantém uma das características fundamentais das religiões africanas: o culto às divindades é exercido por um grupo de fiéis (*hounsi*) que se colocam voluntariamente sob a autoridade de um sacerdote (*houngan*) ou de uma sacerdotisa (*mambo*) no seu santuário (*houmfô*). [...] A atmosfera do rito é de confraternização. Durante toda a cerimônia, os participantes ficam na expectativa, aguardando o momento em que um *loa* vai encarnar nalgum dos *hounsi* ou em qualquer outro participante, pois este será favorecido pela divindade.”

<sup>37</sup> Conforme informações da CIA (2023), cerca de 50-80% dos haitianos incorporam alguns elementos da cultura ou prática do Vodou além de outra religião, na maioria das vezes o Catolicismo; Vodou foi reconhecido como religião oficial em 2003. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/haiti/#people-and-society>. Acesso em: 27 nov. 2023.

fala da personagem Manuel, do romance haitiano “Senhores do Orvalho” de Jacque Roumain. A luta pela emancipação e a resistência da identidade haitiana são símbolos anticoloniais que marcaram os séculos. Pela primeira vez, o colonizador europeu foi derrotado. Em momentos e situações distintas, França, Espanha e Inglaterra sucumbiram a força dos negros do Haiti.

Para compreender todo o processo, retomo ao ano de 1492, marcado por importantes mudanças na história humana, com o avanço da expansão marítima, Cristóvão Colombo desembarca em um desconhecido território, para os europeus e, a partir de então, inicia-se um processo de dominação. A ilha atacada pelos europeus recebe o nome de “Hispaniola”, este espaço não consistia em um vazio demográfico, ao contrário, era habitado por povos autóctones, os *Tainos*. Contudo, o destino deste povo estava submetido ao poder do colonialismo vindo do outro lado do Atlântico.

Por meio do processo de apropriação territorial e humana na ilha, os espanhóis impuseram aos povos autóctones um regime de submissão, tendo como finalidade econômica a produção aurífera – procura e exploração de ouro. Do período da possessão do território até o ano 1530 restaram apenas 5 mil indígenas, sendo que estimativas apontavam a presença de 500 mil no ano de 1492, este extermínio ocorreu por conta de epidemias e maus tratos que os povos autóctones foram submetidos pelos colonizadores (Grondin, 1985).

Para James (2010, p. 19) os espanhóis “introduziram o cristianismo, o trabalho forçado nas minas, o assassinato, o estupro, os cães de guarda, doenças desconhecidas e a fome forjada (pela destruição dos cultivos para matar os rebeldes de fome)”. O processo de possessão e exploração não foi exclusividade da ilha caribenha, todos os povos autóctones do continente também sofreram a violência colonizadora e em alguns casos, o genocídio.

À medida que a população indígena foi diminuindo, os colonizadores buscaram mão-de-obra africana, também escravizada, sobretudo, para o cultivo da cana-de-açúcar. A descoberta de ouro e prata no México e em regiões dos Andes, fez com que os espanhóis reduzissem a produção em sua colônia. Durante o século XVII, a colônia espanhola vivenciava forte decadência e concomitantemente, os franceses passavam a ocupar a porção oeste da ilha Hispaniola, praticamente abandonada pela Espanha. Em 1697, através do Tratado de Ryswick, a porção ocidental da ilha é cedida à França, recebendo o nome de Saint-Domingue (Grondin, 1985).

Além do cultivo da cana-de-açúcar, os franceses também implementaram a produção de cacau, algodão e café. A demanda econômica culminou no sequestro<sup>38</sup> de milhares de africanos

---

<sup>38</sup> Utilizo o termo “sequestro” com base nas características descritas por CLR James (2010) na citação da próxima página.

por ano. James (2010, p. 22) relata como ocorria o processo de aprisionamento e transporte dos africanos, submetidos à condição de escravizados.

Os escravos eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 23 quilos para evitar tentativas de fuga; então, marchavam uma longa jornada até o mar, que algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. [...] nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro de galerias.

Após o processo de compra e a travessia do Atlântico em condições subumanas, os africanos eram “colocados para trabalhar como animais, [...] alojados também como animais”. (James, 2010, p. 25). Este contingente populacional advinha de regiões da África Equatorial e da costa atlântica do continente africano, regiões que hoje abrange países como Guiné, Congo, Mali, Costa do Marfim e Angola. Para Mbembe (2014, p. 12): “[...] a espoliação organizada quando, em proveito do tráfico atlântico (século XV ao XIX), homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda”. O autor complementa que:

[...] na perspectiva da razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objecto, um corpo e uma mercadoria. [...] é também uma substância [...] cujo valor decorre da sua energia física. [...] O dono da plantação que compra um escravo negro não o compra nem para o destruir nem para o matar, mas para ser utilizado, para produzir e aumentar a sua própria força. Nem todos os escravos negros têm o mesmo preço. A variação de preços diz algo a respeito da qualidade formal de cada um deles. [...] Uma vez desgastado, consumido ou exausto pelo seu proprietário, o objecto regressa à natureza, estática e, doravante, inutilizável (Mbembe, 2014, p. 141).

Os escravizados eram submetidos ao Código Negro, descrito por Seitenfus (2014, p. 46) da seguinte forma:

[...] considerava o escravo um bem móvel desprovido de direito à propriedade ou à proteção. Fixava penas aos fugitivos e permitia que o mestre aplicasse o castigo que bem entendesse ao escravo. Entre os castigos mais correntes estavam o açoite, a tortura, a mutilação, a prisão e o assassinato.

A exploração exaustiva dos escravizados em Saint-Domingue era extremamente lucrativa, a colônia foi responsável por cerca de dois terços do comércio exterior da metrópole, o que fazia, à época, no século XVIII, parte fundamental da vida econômica da França. A prosperidade econômica francesa em detrimento da população escravizada, engendrou a consciência de coletividade e luta, por meio dos sentimentos de justiça e da revolta popular.



Os escravos trabalhavam na terra e, como os camponeses revolucionários de qualquer lugar, desejavam o extermínio de seus opressores. Mas, trabalhando e vivendo juntos em grupos de centenas nos enormes engenhos de açúcar que cobriam a Planície do Norte, eles estavam mais próximos de um proletariado moderno do que qualquer outro grupo de trabalhadores daquela época, e o levante foi, por essa razão, um movimento de massas inteiramente preparado e organizado. Pela dura experiência, aprenderam que esforços isolados estavam condenados ao fracasso, e nos primeiros meses de 1791, dentro e nos arredores de Le Cap, eles estavam se organizando para a revolução. O *vodu* era o meio de conspiração. Apesar de todas as proibições, os escravos viajaram quilômetros para cantar, dançar, praticar os seus ritos e conversar; e então, desde a Revolução, escutar as novidades políticas e traçar os seus planos (James, 2010, p. 91).

Com base nas afirmativas de James (2010) é possível identificar uma ligação entre a construção revolucionária de Saint-Domingue e o posterior “pensamento marxista haitiano”, conforme esquematizado por Cadet (2020a). Elementos fundantes das lutas de classes e dos processos revolucionários são identificados, como a organização dos trabalhadores (respeitando aqui as enormes diferenças entre o proletariado industrial – ponto de partida das análises marxistas, e os escravizados), a concepção radical da derrubada do poder hegemônico e os aspectos endêmicos da cultura local, como herança africana, por meio do *vodu* e do *créole*. Conforme Aristide (1995, p. 73): “uma árvore não pode existir sem suas raízes. O *Vodu*, o *créole* são as nossas raízes, *rasin lakay*<sup>39</sup>”.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII ocorreram tentativas de insurgências na ilha, lideradas por Padre Jean em 1676, e por François Mackandal em 1757, porém, após o início dos processos revolucionários na sociedade francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, um novo acontecimento histórico marca o princípio do levante das massas de Saint-Domingue em 1791. Sob a liderança de Boukman<sup>40</sup> – no papel de *hougan* (sacerdote de *vodu*), em um ritual na localidade de *Bois Caiman*, foi realizado um juramento de vingança contra os seus opressores, como resultado, uma série de ações rebeldes tomam Saint-Domingue, cerca de 1800 plantações foram destruídas e 1000 proprietários de pessoas escravizadas foram mortos. Alguns meses depois, Boukman foi morto e decapitado pelos franceses. Porém, essa cerimônia engendrou elementos importantes para os próximos passos do processo revolucionário<sup>41</sup> e na futura identidade haitiana (Noel, 2017). A insurreição iniciada por Boukman na parte norte do território – região mais rica, generaliza-se no restante da ilha. (Seitenfus, 1994).

<sup>39</sup> Em *créole* “raízes caseiras”.

<sup>40</sup> Nascido na Jamaica e posteriormente “vendido por seu amo britânico para um dono de plantação francês, que colocou Boukman para trabalhar como diretor dos escravos e, mais tarde, como cocheiro. Seu nome do francês tem origem do inglês ‘Book man’, que quer dizer “homem do livro” (Noel, 2017, p. 46).

<sup>41</sup> Neste período, a ilha de Saint-Domingue era formada aproximadamente por 500 mil habitantes, sendo que a maioria, 435 mil, eram negros escravizados, ainda havia 30 mil mulatos e 35 mil brancos (Noel, 2017). Tais configurações populacionais criaram condições para insurgências.

Em meio as insurgências na ilha e ao processo revolucionário na metrópole, em 1794 a França decreta a abolição da escravidão em suas colônias, durante esse período, os franceses encontravam-se em guerra com a Inglaterra e a Espanha, e através da liderança de Toussaint L'Ouverture<sup>42</sup>, nomeado comandante chefe do exército francês em Saint-Domingue, ingleses e espanhóis são derrotados. Além de L'Ouverture, dois tenentes destacam-se, Jean Jacques Dessaline e Henry Christophe (Noel, 2017). Esse conflito configura um cenário inédito, pois “pela primeira vez na história um exército europeu é derrotado por um comandante negro” (Seitenfus, 1994, p. 30).

Em 1801, Toussaint L'Ouverture redige a primeira carta constitucional da América Latina, em que reafirma a abolição do regime de escravidão no território de Saint-Domingue. No entanto, em 1802, sob a liderança de Napoleão Bonaparte, a França restabelece a escravidão nas suas colônias. Sob as ordens do general Leclerc, cerca de 30 mil soldados franceses invadem o território caribenho e capturam L'Ouverture, sendo preso e deportado para a França, onde faleceu de pneumonia no ano seguinte (Seitenfus, 1994).

Contudo, o levante revolucionário, comandado por Jean Jacque Dessalines e Alexandre Pétion, em 16 de novembro de 1803, obtêm êxito e derrotam as forças militares enviadas da França, que assinam a sua rendição.

O invencível exército de Napoleão, aureolado por suas vitórias nos campos de batalha europeus, foi massacrado por forças que, embora combatam de maneira heroica, são pobremente equipadas, subalimentadas e pouco treinadas. [...] Os franceses perderam 43 mil soldados, e a totalidade de seus colonos foi massacrada ou obrigada a abandonar o Haiti (Seitenfus, 2017, p. 49).

A independência foi proclamada oficialmente no dia 1º de fevereiro de 1804. Jean Jacques Dessalines tornou-se governador geral, em caráter vitalício. O primeiro país do continente a abolir a escravidão, a primeira república liberta da América Latina e a única revolta de escravizados a derrotar seus opressores, recupera seu nome indígena, agora não mais Saint-Domingue, que remete aos colonizadores, mas sim, Haiti. O exemplo da vitória revolucionária da população negra no Haiti repercutiu em todo o mundo, para Mbembe (2014) a Revolução Haitiana “leva até as últimas consequências as ideias, na altura revolucionárias, de igualdade racial e de liberdade universal” (Mbembe, 2014, p. 36). A agitação revolucionária influenciou outras revoltas dos escravizados contra seus proprietários no continente americano, assim como, o temor das classes dominantes na possibilidade de uma nova revolução negra bem-

---

<sup>42</sup> No início de 1794, Toussaint L'Ouverture organiza um exército com 4 mil negros, alguns oficiais brancos e mulatos. L'Ouverture negociou a posição de seu exército com o general francês Laveaux (Noel, 2017).

sucedida, sendo que no Brasil, o termo “*haitianismo*” era utilizado por escravagistas como uma forma de expressar o temor de um processo revolucionário libertador ocorresse neste território (Gomes, 2002).

### 3.3 DISPUTAS INTERNAS, IMPERIALISMO E DITADURA NO SÉCULO XX

Após o processo de revolução, abolição da escravidão e a sua independência, ocorrida entre 1791 e 1804, o país vivenciou períodos de desorganização por exigências econômicas da metrópole, bloqueios externos e lutas internas pelo poder do território (Grondin, 1985).

Importantes fatos históricos aconteceram no decorrer do século XIX, conforme aponta James (2010):

- Líder da vitória revolucionária, Jean Jacques Dessalines, é assassinado em 1806, a partir de então, o Haiti é dividido em dois: na porção norte, de maioria negra comandado por Henri Christophe; e o Sul, mulato, por Alexandre Pétion;
- Na economia, a maior parte da produção de cana-de-açúcar foi substituída por cultivos de subsistência;
- Após conflito entre norte e sul, o Haiti é reunificado, em 1822, sob a liderança do presidente Jean Pierre Boyer; no mesmo ano forças haitianas se apropriam do lado leste da ilha;
- Em 1825, os franceses reconhecem a independência haitiana;
- Após a derrota de Boyer, em 1844, os haitianos perdem o território a leste e a República Dominicana conquista sua independência.

O reconhecimento da independência haitiana pelos franceses teve um alto custo, o governo do Haiti contraiu uma dívida de 150 milhões de francos, sendo essa somente extinta nos anos 1950. Segundo Piketty (2020, p. 207), a dívida gigantesca contribuiu para “minar o desenvolvimento do Haiti nos dois séculos seguintes”.

O caso do Haiti é emblemático não só por se tratar da primeira abolição da Era Moderna, resultante de uma revolta de escravos, e da primeira independência conquistada por uma população negra contra uma potência europeia, mas também porque esse episódio termina como uma dívida pública gigantesca. [...] tal quantia corresponde a cerca de 2% da renda nacional francesa da época, ou seja, o equivalente hoje a mais de 40 bilhões de euros (Piketty, 2020, p. 207).

De certa forma, embora teoricamente livres, esse episódio mostra a sequência da lógica colonizadora e escravista, é a “superestrutura do pensamento [...] usada como ferramenta de dominação” (Lôbo, 2020, p. 37). Na perspectiva de Thomas Piketty (2020, p. 209), “no fundo, os escravos haitianos foram os que mais levaram a sério a mensagem de emancipação revolucionária e pagaram por ela o preço máximo”.

Além da exorbitante dívida imposta pela França como condição para o reconhecimento da independência do Haiti, outras revoltas, golpes e disputas internas marcam esse século. As diferenças pela *cor da pele* e as *classes sociais* também evidenciam a fragmentação da sociedade haitiana. Marcelo Grondin (1985, p. 40) aponta que:

O poder econômico e o controle de poder político foram sempre fundamentais, no Haiti, para distinguir as classes sociais. [...] desde as lutas da independência até os dias de hoje, a cor da pele sempre foi utilizada pelos dois setores da elite para marcar suas diferenças e definir suas lutas, bem como promover, ocasionalmente, alianças intercores em busca de poder econômico e da dominação política. Desde as lutas por independência, sucederam-se no Haiti mais de 30 chefes de Estado alternando-se com uma quase completa regularidade os representantes de cada setor.

Já no século XX, em 1915, os Estados Unidos, sob a ideologia imperialista da *Doutrina Monroe*<sup>43</sup> e a política do *Big Stick*<sup>44</sup>, ocupam o território haitiano, alegando a contenção de diversas revoltas internas e a proteção aos negócios econômicos estadunidenses mantidos na ilha. A socióloga haitiana, Suzy Castor (2008, n.p.) descreve este momento da seguinte forma:

O imperialismo nascente leva os Estados Unidos considerarem toda América Latina como sua zona de expansão natural e o Caribe como seu quintal. Assim, em 1915, o desembarque dos marines estadunidenses inicia a ocupação mais longa (1915-1934) na zona do Caribe e América Central.

Para Ianni (1998b) a política externa dos Estados Unidos para os países da América Latina, além de representar a apropriação das estruturas econômicas e dominação política,

---

<sup>43</sup> A Doutrina Monroe, proclamada pelo presidente dos EUA, James Monroe em 1823, estabeleceu um princípio fundamental na política externa americana. Essa doutrina afirmava a oposição à colonização europeia nas Américas e declarava que qualquer intervenção europeia seria considerada uma ameaça aos interesses dos Estados Unidos. Além disso, a Doutrina Monroe enfatizava a não interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos dos países europeus. Assim, atribuiu-se às nações latino-americanas um status de inferioridade, ao mesmo tempo em que justificava a expansão dos EUA na região. Além disso, a doutrina foi usada para justificar intervenções dos EUA em assuntos internos de nações latino-americanas, muitas vezes em detrimento de sua soberania e autonomia.

<sup>44</sup> A política do "Big Stick", associada ao presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, refletia a abordagem de "falar suavemente e carregar um grande porrete" na política externa. Essa doutrina enfatizava a diplomacia acompanhada da prontidão militar, sustentando que os EUA deveriam usar seu poderio militar como uma forma de pressionar e influenciar as questões internacionais na América Latina e Caribe.

também possui caráter ideológico racista. Quanto a Doutrina Monroe, Ianni (1998b, p. 24) considera:

Esta atitude de cunho racista, inerente ao tipo de imperialismo que os Estados Unidos exercem no continente, não é assunto do passado. Ela se apresenta particularmente desenvolvida em toda ocasião em que os norte-americanos invadem um país latino-americano. E isto tem ocorrido muitas vezes neste século. É claro que a missão civilizadora das tropas invasoras somente se configura como tal, para os soldados, se os outros, no país invadido lhes são apresentados como não-civilizados, subdesenvolvidos, incapazes de ajudarem-se a si mesmos, ou não familiarizados com a democracia.

A partir destas políticas, as forças estadunidenses estabeleceram domínio e ocupação militar em vários territórios caribenhos e na América Central continental; com objetivos econômicos ocorre a independência panamenha da Colômbia através de apoio militar dos Estados Unidos; o controle exclusivo do tráfego comercial entre o Oceano Pacífico e Atlântico no Canal do Panamá mantém-se sob a tutela estadunidense até 1999. Entre os anos de 1898 e 1916, Cuba, México, República Dominicana e Nicarágua também sofreram intervenção ou ocupação territorial dos EUA, além de Porto Rico, território estadunidense até este tempo presente.

Durante o período de ocupação imperialista no Haiti, os cargos oficiais do governo seguiram com os locais, porém, os EUA detinham poder de veto sobre todas as decisões. A compra de terras por estrangeiros foi legalizada – havia sido proibida por Jean-Jacques Dessalines na Proclamação da Independência. No decorrer deste período, ocorreu um expressivo processo emigratório de haitianos para a vizinha República Dominicana e para Cuba.<sup>45</sup> Os movimentos contrários à ocupação estadunidense foram brutalmente reprimidos. Em 1932, sob a presidência de Franklin Roosevelt e a “*Política da Boa Vizinhança*”, os EUA se retiram do território haitiano.

Neste cenário de ocupação estrangeira, a presença dos Estados Unidos no Haiti desencadeou uma supressão das práticas culturais populares, resultando no ressurgimento vigoroso da identidade negra e nacional, segundo Seitenfus (1994, p. 35) “na luta contra o ocupante estrangeiro, a motivação unificadora de uma vontade nacional, intimamente associada à atitude anti-estrangeira e, portanto, anti-brancos, foi muito difundida”. Em oposição ao

---

<sup>45</sup> Importante obra da literatura haitiana, “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain, ilustra essa relação emigratória, o protagonista Manuel é um haitiano que migrou à Cuba para trabalhar como cortador de cana-de-açúcar. A obra evidencia aspectos fundantes da identidade haitiana, como o *vodu* e a inserção de elementos do *créole* ao idioma francês, além dos históricos problemas ambientais e a da organização coletiva dos trabalhadores rurais.

colonialismo e à ação imperialista, o movimento da *negritude*<sup>46</sup> é impulsionado a partir da ocupação estadunidense. Um dos grupos mais ativos são os *Griots*<sup>47</sup>, que enfatizam as raízes africanas do país, porém o grupo também possui orientações extremistas (Andrade, 2015).

Durante esse período, as cadeiras presidenciais foram ocupadas predominantemente por mulatos, os estadunidenses que estavam em território haitiano habitavam moradias luxuosas, em um distanciamento da realidade vivenciada pela grande parte da população haitiana. A disparidade entre esses dois mundos aprofundou as tensões sociais, destacando as diferenças marcantes de classe e poder entre a elite governante e a população em geral, exacerbando ainda mais as consequências da ocupação estrangeira para o povo haitiano (Grondin, 1985).

Em 1957, utilizando o discurso do nacionalismo negro haitiano – através do *vodu* e *créole*, François Duvalier (*Papa Doc*<sup>48</sup>) venceu as eleições presidenciais e ascendeu ao poder com apoio da maioria dos haitianos. É apoiado pela pequena burguesia e pelo exército, substituindo os opositores presentes nesta instituição. No contexto da Guerra Fria e do vitorioso processo revolucionário de cunho socialista em Cuba, próximo as suas fronteiras, o governo haitiano submeteu o seu país à hegemonia dos Estados Unidos.

Para se manter no poder, Duvalier submeteu o país à hegemonia norte-americana no Caribe: fez do Haiti um satélite incondicional do país do Norte, chegando inclusive a vender-lhe seu voto – decisivo – na reunião da Organização dos Estados Americanos (1961) que excluiria Cuba da OEA<sup>49</sup> causando com isso um escândalo internacional. E com o apoio do governo americano, instalou no país um regime de terror (Grondin, 1985, p. 48).

O governo de François Duvalier é marcado pela repressão e terror. Paralelo aos poderes oficiais, *Papa Doc* cria uma milícia para controle violento da população, sobretudo aos opositores, denominado “Voluntários da Segurança Nacional”, mas conhecida como os

<sup>46</sup> Conferir rodapé nº 7 na página 24.

<sup>47</sup> Segundo Andrade (2015, p. 394): “O *Griots* fazia uma leitura próxima das pseudoteorias fascistas e raciais que avançavam na Europa dos anos 1930 [...] A teoria política desse grupo era essencialmente antiliberal e com ênfase no respeito à autoridade e à disciplina. O grupo propunha uma plataforma política para o país através de reformas que abrangeram o respeito à religião vodu, incentivos à cultura e à música africana, sua arte e literatura, uma reestruturação do sistema educacional e uma redução do papel da Igreja Católica e que despertou grandes simpatias. Acreditavam que o poder poderia ser tomado por um governo autoritário composto pelos negros representantes da maioria nacional discriminada pelos “mulatos”. Os responsáveis pelo atraso e pelo desrespeito às origens negras e africanas do povo haitiano seriam esses “mulatos” locais. E, nesse sentido, se afastaram e se distinguiram tanto do movimento indigenista haitiano, que defendia a originalidade híbrida da cultura popular do país, quanto das manifestações dos movimentos e intelectuais da negritude caribenha, como Aimé Césaire (Discurso sobre o colonialismo), que defendiam os direitos dos negros em uma perspectiva de unidade na luta anti-imperialista de todos os povos.”

<sup>48</sup> François Duvalier era médico e gozava de certo prestígio popular. A partir dessa admiração recebeu o apelido de “Papa Doc” (papai Doutor), tal apelido que foi adaptado ao seu filho, Jean-Claude Duvalier, o “Baby Doc”. (Grondin, 1985).

<sup>49</sup> Organização dos Estados Americanos.

“*Tontons-Macoutes*”<sup>50</sup>. Diversas lideranças de oposição, como intelectuais marxistas e integrantes de organizações de trabalhadores, foram perseguidos, presos, exilados e torturados. O cientista social e dirigente político haitiano, Gérard Pierre-Charles (2020), preso nos anos 1970 e jurado de morte pela milícia *duvalierista* – *Tontons-Macoutes*, define o regime como “*papadocracia fundamentalmente fascista*”. O autor aponta a prática do terrorismo de Estado, além do controle político e socioeconômico, mesmo que indireto, dos Estados Unidos no território haitiano.

O terrorismo de Estado surgiu assim com características extremamente claras no Haiti e foi classificado como tal pelos cientistas sociais, muito antes de a literatura latino-americana passar a difundir conceitos sobre o fascismo no Chile, na Argentina e no Uruguai. Além disso, desde o início, o referido regime contou com um moderno aparelho de repressão diretamente ligado às redes de inteligência e meios sofisticados da Agência Central de Inteligência (CIA). Na verdade, o duvalierismo foi a forma que os Estados Unidos escolheram para dominar o Haiti durante 29 anos (Pierre-Charles, 2020, p. 42, tradução livre).

Em 1964, François Duvalier é declarado presidente vitalício, e seu filho, Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*), por meio de decreto, torna-se o sucessor. *Baby Doc* assumiu a presidência do Haiti em 1971, com 19 anos, após o falecimento de seu pai. A crise econômica se intensifica, há “fome generalizada, fuga dos haitianos para outras terras, drama dos *boat-peoples*<sup>51</sup> e dos cadáveres haitianos encontrados nas praias das tantas ilhas do Caribe” (Grondin, 1985, p. 50). O regime de Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*) acaba em 1986, com a fuga da família para a França. Para Pierre-Charles (2020), o *duvalierismo* (ou a *papadocracia fascista*) desestruturou a sociedade civil, destruiu partidos políticos, sindicatos e diversas lideranças populares, o regime do terror – financiado pelos EUA, possuiu como maiores efeitos a internalização do medo em eficiência máxima. O regime de perfil *duvalierista* seguiu no país até 1990, quando por conta de pressões internas e externas, as eleições presidenciais foram realizadas.

Yves Dorestal (2021), professor da *Université d'État d'Haïti*<sup>52</sup>, exilado político durante o período ditatorial *duvalierista*, aponta o papel importante da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiásticas de Base na resistência à ditadura:

As comunidades eclesiais de base desempenharam um papel muito importante na luta contra a ditadura Duvalier. Atualmente, mais uma vez, o povo do Haiti está empenhado na luta pelo respeito pelos direitos que conquistou. A teologia da

<sup>50</sup> Em créole, algo como “velho do saco”, figura que rouba crianças e leva em sua mochila.

<sup>51</sup> Refugiados que tentam migrar para outro país em pequenas embarcações, geralmente bastante precárias e frágeis.

<sup>52</sup> Universidade do Estado do Haiti

libertação tem sido fundamental nas lutas dos povos latino-americanos (Dorestal, 2021, n.p., tradução livre)<sup>53</sup>.

Corroborando com Dorestal, Seitenfus (1994, p. 51) afirma que:

Os movimentos contestam a estrutura verticalizada da Igreja e fazem uma clara opção pelos pobres. Contribuem de maneira significativa para a queda do ditador Baby Doc, em 7 de fevereiro de 1986. Entre 1987 e 1988, a hierarquia eclesial procura frear essa efervescência, sobretudo quando a chamada Missão Alfa, cujo objetivo era alfabetizar três milhões de haitianos, utiliza os métodos de Paulo Freire.

Neste sentido, Paulo Freire (1997), proibido de entrar no Haiti para um seminário de alfabetização, cita que durante este período, o país viveu uma fase de:

[...] mandonismo, de arbítrio, de medo à liberdade, de raiva dela também, de horror à cultura, de desprezo ao pensamento, nos regimes autoritários, sem povo, do que por outra razão, comentar a maneira como fui proibido de entrar no Haiti, àquela época. Me foi dito que, ao chegar ao conhecimento do governo a solicitação dos coordenadores do seminário para que eu entrasse no país, resolveram as autoridades nacionais, talvez para ser simpáticas ao regime militar brasileiro, consultar a nossa embaixada, em Port-au-Prince (Freire, 1997, p. 81).

Suzy Castor (2008, n.p.) reforça a importância das mobilizações após a queda de Jean-Claude Duvalier:

[...] os militares, herdeiros do regime, trataram de reconstruir um duvalierismo sem Duvalier. As lutas reivindicativas e a mobilização do povo e da sociedade civil em geral contra o neo-duvalierismo criaram antagonismos crescentes. Os militares reprimiram, mas foram incapazes de dominar o movimento democrático e popular que, em combates difíceis, marcados por avanços e retrocessos, chegou a romper o empate nas eleições de 16 de dezembro de 1990, derrotando o exército e o setor duvalerista.

A relevância da “Igreja Popular”<sup>54</sup> e das lutas dos movimentos populares é materializada na eleição de 1990, organizada com observação internacional da ONU e OEA. Ligado a Teologia da Libertação, o ex-padre Jean-Bertrand Aristide<sup>55</sup> é eleito presidente com 67% dos votos, seu opositor, pertencente ao grupo da elite hegemônica, conquista somente 14%. Aristide, em sua posse, no dia 7 de fevereiro de 1991, declara que está proclamando a segunda

<sup>53</sup> Disponível em: <https://jacobinlat.com/2021/07/09/el-marxismo-haitiano-2/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

<sup>54</sup> Seitenfus (1994, p. 51)

<sup>55</sup> Jean-Bertrand Aristide foi expulso da Congregação Salesiana em 1988, devido as suas posições políticas. Aristide também era chamado de “*Titide*”, “*padre dos povos*”, “*padre sem igreja*” e “*padre das favelas*” (Seitenfus, 1994; 2014; Lemoine, 2004). Aristide (1995, p. 84) afirma: “Em agosto de 1987, um superior chega diretamente de Roma. Eu me defendo, tentando fazê-lo ver que eu, haitiano, estava mais apto para compreender a situação de meu país. Em vão. O Vaticano acaba de condenar a teologia da libertação”.



independência haitiana, contando com maciço apoio das comunidades periféricas. Para Castor (2008, n.p.) essa vitória “é fruto do grande movimento social. Os excluídos entram em cena pela via real: o sonho de participação política se conquista com a legitimidade popular e constitucional em eleições críveis”.

Contudo, essa pequena experiência democrática e com viés progressista não é duradoura, Jean-Bertrand Aristide sofre um golpe de Estado, liderado por Raoul Cédras, militar formado nos EUA. A ala golpista argumenta que Aristide estimulou a população à violência contra “aqueles que enriqueceram às custas da opressão, contra os ladrões e os *Tontons-Macoutes*”. Cédras também utilizou discursos anti-esquerda (Seitenfus, 1994). O novo período ditatorial militar é marcado pela repressão, prisões arbitrárias, invasões de domicílios e execuções. Porém, o enfraquecimento deste governo, aliado a ilegitimidade e atritos com a comunidade internacional, culminam no retorno de Aristide ao mandato presidencial em 1994, através de mais uma intervenção estadunidense. Soares (2006, p. 86) cita que o êxodo haitiano rumo aos EUA, através do chamado *boat-people*, estimulou a invasão estadunidense e recondução de Aristide ao cargo, como política de contenção aos migrantes, “[...] os americanos não defenderam a democracia, defenderam o litoral da Flórida, por isso foram ao Haiti”.

O imperialismo estadunidense, através do presidente Bill Clinton, propôs acordo para derrubar a ditadura, com o retorno de Aristide à presidência, e invade o país novamente em 1994, sob a condição da aplicação do neoliberalismo. René Préval, eleito e apoiado por Aristide, foi o responsável por conduzir o processo, realizando privatização de estatais, derrubando as barreiras alfandegárias e elaborando um projeto com 18 zonas francas no país (Durans *et al.*, 2016, p. 131).

A implementação de políticas neoliberais, a submissão econômica a agenda do Fundo Monetário Internacional (FMI), e disputas políticas na esquerda haitiana criaram uma cisão no *Lavalas*<sup>56</sup>, partido de Aristide. A partir de então, Aristide cria o *Fanmi Lavalas*<sup>57</sup>, e liderados por Gérard Pierre-Charles, os dissidentes fundam a *OPL - Organisation du Peuple em Lutte*<sup>58</sup>. A *Fanmi Lavalas* mantém a presidência com René Préval, até o novo mandato de Aristide em 2000. Entretanto, velhas práticas *macoutianas* retornam, agora no século XXI, Aristide é acusado de montar grupos paramilitares nas periferias, os *Chimères* - a polícia política da *Fanmi Lavalas*. O segundo mandato de Aristide marca o afastamento do apoio da esquerda latino-americana ao *Fanmi Lavalas* (Peschanski, 2023)<sup>59</sup>. No contexto interno, a situação

<sup>56</sup> “A avalanche” em créole.

<sup>57</sup> Família Lavalas – referência ao antigo partido.

<sup>58</sup> Organização do Povo em Luta.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-lavalas>. Acesso em: 28 nov. 2023.

socioeconômica deteriorada, o autoritarismo e a incapacidade de gestão refletem na desilusão das camadas populares (Castor, 2008).

### 3.4 O HAITI NO SÉCULO XXI: MINUSTAH, DESASTRES AMBIENTAIS E A CRISE ATUAL

O Haiti e o Brasil possuem em comum a sua relação com os regimes escravistas implementados por franceses e portugueses, respectivamente, pela migração forçada de africanos aos territórios coloniais, além de processos ditatoriais e militares alinhados à hegemonia estadunidense no século XX. Porém, a relação entre esses países se intensifica de forma direta a partir do início do século XXI.

No bicentenário da independência haitiana, em 2004, Jean-Bertrand Aristide tem o seu segundo mandato interrompido por uma nova intervenção internacional. A crise política que se inicia após o boicote de parte da oposição nas eleições de 2000 tensionam grupos políticos e paramilitares até o seu desenlace com os acontecimentos de fevereiro de 2004 – generalização da violência e a queda do governo. Além das forças políticas de oposição – desde posições à direita até a esquerda, como a OPL, é fundamental o papel de ex-militares comandados por Guy Philippe, esse grupo possuía como objetivo a derrubada do governo de Jean-Bertrand Aristide e a reconstrução das Forças Armadas do Haiti (FAH), que foram dissolvidas em 1995 pelo próprio Aristide em seu primeiro mandato. Guy Philippe reúne seu grupo de ex-militares na fronteira com a República Dominicana, sob apoio dos dominicanos e dos EUA ingressam no território haitiano, mais uma vez as cenas de violência extrema tomam conta das ruas haitianas, como sequestros e assassinatos de simpatizantes da *Fanmi Lavalas* (Seitenfus, 2014).

A queda de Aristide aproxima-se ao passo em que aumenta a pressão exercida pela organização “*Group des 184*” – formada por empresários da classe dominante haitiana, latifundiários e opositores de Aristide, além da escalada da violência generalizada liderada por Guy Philippe<sup>60</sup>. O Conselho de Segurança das Nações Unidas, a partir de uma decisão que nasce da França (quase como uma ironia, justamente na celebração do bicentenário da independência) decide afastar Aristide – ressalta-se que Aristide havia cobrado a restituição da dívida histórica

---

<sup>60</sup> Guy Philippe, liderança armada do movimento golpista pela derrubada de Aristide, foi eleito senador no ano de 2017, porém, acusado de lavagem de dinheiro relacionado ao tráfico internacional de drogas, é preso pela DEA e enviado para os EUA (Reuters, 2017). Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ex-lider-de-golpe-no-haiti-e-condenado-a-9-anos-de-prisao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2023.

imposta pelos franceses para reconhecer a independência haitiana (Globo, 2022)<sup>61</sup>. Identifica-se um fator que, se não foi decisivo nessa intervenção, ao menos é de um peso simbólico considerável.

[...] Paris pretende punir Aristide. Trata-se da resposta pela sua irresponsável ousadia de lançar uma campanha, quando dos festejos do bicentenário da independência, exigindo da França o ressarcimento de US\$ 21 bilhões pagos religiosamente pelo Haiti para ver reconhecida sua independência em 1838 (Seitenfus, 2014, p. 101).

Aristide renunciou em 28 de fevereiro de 2004. Há duas versões quanto aos acontecimentos deste processo, os EUA alegam que Aristide solicitou apoio para abandonar o Haiti em segurança, todavia, segundo relatos do zelador da residência de Aristide, estadunidenses o sequestraram, e posteriormente, Aristide confirma essa versão (Seitenfus, 2014). Na linha sucessória, a presidência é assumida por Boniface Alexandre, presidente da Suprema Corte, que de imediato solicita auxílio à ONU.

O Conselho de Segurança da ONU, por meio da Resolução nº 1542 de abril de 2004, aprova a criação da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti). Com a configuração geopolítica desse período, o exército estadunidense encontrava-se em guerra no Iraque, assim, coube ao Brasil liderar a missão, segundo Seguy (2009, p. 119) “a pedido de Bush”. Obviamente, o Brasil possuía seus próprios interesses em liderar a MINUSTAH, como legitimar, por meio do êxito da missão, a reivindicação a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, firmar o posicionamento geopolítico de liderança na resolução de problemas e tensões internacionais na América Latina (Souza Neto, 2012).

Seitenfus (2007) aponta que a conjuntura do período sinalizava, a princípio, uma ação correta do Brasil ao enviar tropas militares para o Haiti e capitanear a missão, através de uma política de diplomacia solidária, utilizando meios para a recuperação da infraestrutura local e intermediação dialógica com os atores em conflito no país caribenho. Segundo o autor, a diplomacia brasileira pautava-se nos “*Princípios da Não Indiferença*”.<sup>62</sup>

O governo brasileiro, poucos dias após o seu exército adentrar o território do Haiti, busca aproximação e aceitação junto ao povo haitiano, promove como estratégia, em parceria com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), uma partida da seleção brasileira, atual campeã mundial, contra a seleção haitiana. Ao chegar no país, os jogadores brasileiros desfilaram em

---

<sup>61</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/05/new-york-times-revela-resgate-astronomico-pago-pelo-haiti-a-franca-por-sua-independencia.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

<sup>62</sup> Prática da política externa de Lula de solidariedade com os países do Sul (Seitenfus, 2014).

carros blindados da ONU, e foram recebidos por uma multidão nas ruas de Porto Príncipe, o exército também distribuiu camisetas da seleção brasileira e bolas de futebol. A partida recebeu o nome de “Jogo da Paz”.<sup>63</sup>

No desenho traçado para a MINUSTAH, não haveria apenas atuação no âmbito militar, por se tratar de uma missão multidimensional e integrada, também abrangia aspectos relacionados à coordenação de ações humanitárias, projetos de infraestrutura e desenvolvimento no país, além da observação quanto às questões democráticas – eleitorais e de direitos humanos (Verenhitach, 2008). Bezerra (2016, p. 113) aponta os principais objetivos da missão:

Dentre os principais objetivos estabelecidos para a MINUSTAH, estão: assegurar cumprimento da Constituição Haitiana, criando um ambiente político e institucional favorável; reestruturação e treinamento da PNH (Polícia Nacional Haitiana); desarticulação do crime organizado; apoiar ações da PNH e da Guarda Costeira; ajudar na organização de novas eleições em todo o país; e monitoramento da situação dos Direitos Humanos no Haiti.

Todavia, a missão, sob liderança brasileira, acumulou acusações de violação aos direitos humanos, massacres em bairros periféricos e até estupros de menores. Cerca de 85% dos recursos para a missão multidimensional eram destinados aos militares e policiais<sup>64</sup> (Durans *et al.*, 2016).

Diversas organizações sociais do Haiti, reunidas na Plataforma Haitiana de Desenvolvimento Alternativo, divulgaram um documento nesta sexta-feira (9), pelo qual exigem que a ONU (Organização das Nações Unidas) se responsabilize pelos mais de 3 mil casos de estupros (cerca de 300 deles envolvendo crianças) registrados no país durante a presença da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti), entre os anos de 2004 e 2017 (Farinelli, 2020).<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> O “jogo da paz” foi relatado com bastante entusiasmo por dois haitianos entrevistados para essa dissertação, Jean-Rabel e Petite Rivière.

<sup>64</sup> Também participaram da missão militares da Argentina, Benin, Bolívia, Canadá, Chile, Croácia, República Dominicana, Equador, Espanha, França, Guatemala, Indonésia, Jordânia, México, Nepal, Paraguai, Peru, Filipinas, Sri Lanka, Estados Unidos e Uruguai.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2020/10/9/haitianos-pedem-indenizacao-da-onu-por-estupros-na-epoca-em-que-general-helena-comandava-foras-de-paz-83907.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

**Figura 3** – Militar brasileiro em bairro periférico de Porto Príncipe/Haiti



Fonte: Belizaire (2009).<sup>66</sup>

A partir da presença militar ostensiva na capital Porto Príncipe e a pressão da classe dominante haitiana por ações violentas nas favelas<sup>67</sup>, ocorreram violações de direitos humanos e abusos de poder, neste sentido, vincula-se o massacre ocorrido em Cité Soleil, maior e mais pobre favela da capital Porto Príncipe. Em 2005, a operação chamada de “Punho de Ferro”, durante um dia, utilizou 22 mil balas, 78 granadas e 5 bombas de morteiro, resultando na morte de 60 pessoas, entre a gangue que a missão perseguia, civis desarmados, mulheres e crianças. A ação foi denunciada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), pela ONG Médicos Sem Fronteiras e outras instituições. General Augusto Heleno, comandante da ação em Cité Soleil, foi afastado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva após essas acusações

<sup>66</sup> Disponível em: <https://media.gettyimages.com/id/95867192/pt/foto/to-go-with-afp-stories-by-mauricio-rabuffetti-a-un-brazilian-soldier-patrols-the-streets-of-port.jpg?s=1024x1024&w=gi&k=20&c=aEkdFqQSdv9gJHRsVNMFUJiDG42L2qgGedOTSBVDS4U=>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>67</sup> Ver reportagem do The Guardian (2011). Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/jan/21/haiti-wikileaks?INTCMP=SRCH>. Acesso em: 31 dez. 2023.

(Stargardter, 2018)<sup>68</sup>. Pode-se considerar que a atuação do exército brasileiro no Haiti também serviu como treinamento para intervenções no estado do Rio de Janeiro.

As tropas brasileiras estão fazendo do Haiti um campo de treinamento, que serve à militarização de diversas periferias urbanas. Há treinamentos dessas tropas em favelas do Rio de Janeiro: elas vão ao Haiti e depois retornam à cidade carioca, como foi o caso da ocupação do Morro da Providência pela Guarda Nacional, em 2008. (Coggiola, 2010, n.p.).

O pesquisador haitiano Frank Seguy, relata que, em 2009, ocorreram um dos mais importantes levantes populares no Haiti, reivindicando melhorias nas condições básicas de vida – denúncia ao aumento de preço da cesta básica, considerando que o salário-mínimo diário era próximo a US\$ 2,00. A mobilização que uniu trabalhadores e estudantes foi duramente reprimida pelas forças militares da MINUSTAH.

Para reprimir a manifestação, a mal chamada Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti disparou tiros em todas as direções; prendeu 40 pessoas, dentre as quais 24 estudantes. Numa igreja perto da Universidade, uma criança morreu sufocada pelo efeito do gás lacrimogêneo com o qual a MINUSTAH aspergiu todas as ruas da cidade universitária. Um jovem de 20 anos foi atingido na cabeça por uma bala. As 40 pessoas ficaram presas e, durante os três primeiros dias, a polícia não aceitou visita dos familiares que queria lhes levar comida (Seguy, 2009, p. 137).

Além da opressão pelas vias militares, Magalhães (2015) identifica também um processo de expansão dos interesses de empresas brasileiras, como as empreiteiras e construtoras, através da ocupação da ONU. A partir da concepção teórica de Ruy Mauro Marini, Magalhães (2015) considera a missão capitaneada pelo Brasil como *subimperialista*. Ou seja, o Brasil, país *semi-periférico*, intervém militarmente e, entre outras questões, busca ampliação de setores econômicos e lugares de prestígio no capitalismo mundial, sob um país *periférico*.

A expansão brasileira ao exterior é fato inerente do desenvolvimento do capitalismo dependente no Brasil, e este processo se dá, não sem contradições, pelo menos desde a etapa de maior industrialização da economia dependente. Entendamos melhor este ponto para definir corretamente o fenômeno do subimperialismo. [...] seja para realizar esta mais-valia, seja para buscar matérias-primas e fontes energéticas e naturais, a expandirem-se em países que ocupam posições ainda mais subalternas na divisão internacional do trabalho. Em outras palavras, a produção capitalista, mundializada, condicionou níveis intermediários de acumulação, de composição orgânica do capital. São os chamados países de semi-periferia (Magalhães, 2015, p. 26).

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2018/11/29/bolsonaro-nomeia-militares-que-estiveram-no-haiti-para-governo-e-pode-repetir-estrategia-de-seguranca.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Sobre a categorização *subimperialista*, Marini (2017, p. 156-157) afirma que:

Em primeiro lugar, o impulso da economia brasileira em direção ao exterior, no afã de compensar sua incapacidade de ampliar o mercado interno através da conquista de mercados já formados, principalmente na América Latina. Esta forma de imperialismo conduz, no entanto, a um subimperialismo. [...] O subimperialismo brasileiro não pode converter a espoliação que pretende realizar no exterior em um fator de elevação do nível de vida interno [...] devido a sua necessidade de proporcionar um sobrelucro a seu sócio maior estadunidense.

Em outra perspectiva, Hirst (2011, p. 66) aponta alguns avanços nos objetivos traçados no início da missão:

O processo político local ordenava-se obedecendo a um marco de legalidade, avançava a organização de uma polícia haitiana (com a cooperação coordenada da América do Sul) capaz de assumir em poucos anos o controle da ordem interna, tímidos investimentos externos – dominicanos, brasileiros, mexicanos – identificavam oportunidades a serem exploradas e ganhavam impulso com a iniciativa Clinton<sup>69</sup>, dava-se uma inédita interação entre o governo haitiano e a comunidade latino-americana e caribenha – coroada com a presidência do CARICOM<sup>70</sup> assumida pelo Haiti – eram palpáveis junto a sociedade haitiana os resultados da cooperação cubana, argentina, venezuelana, mexicana, brasileira e chilena em áreas de políticas sociais, desenvolvimento econômico, direitos humanos e fortalecimento institucional e finalmente, a ONU dava sinais de que uma redução e mesmo retirada da MINUSTAH seria possível após as eleições presidenciais de 2010. Nesta mesma direção, especulava-se nos corredores da ONU sobre a uma ampliação do papel da OEA na etapa final da supervisão multilateral do processo de “normalização política” no Haiti.

Um novo capítulo no drama haitiano é escrito em janeiro de 2010, acometido por um abalo sísmico de 7,2 graus na escala Richter, com epicentro na região oeste do Haiti, onde fica a capital Porto Príncipe e seus arredores, áreas densamente povoadas são afetadas (Figura 4). As instituições internacionais que estavam em atividade no Haiti naquele momento, calcularam cerca de 300 mil mortes, isso é, aproximadamente 10% da população da região metropolitana. (Seguy, 2014a). Mais uma vez, a resistência da população haitiana era testada, porém, agora não por forças imperialistas/colonizadoras, mas por eventos que fogem do controle humano. O território haitiano, assim como toda a região do Caribe, está localizado entre as placas tectônicas Norte-americana e do Caribe, ou seja, uma área propensa a esse tipo de evento geológico.

<sup>69</sup> A “*iniciativa Clinton*” consistiu em investimentos públicos e privados dos EUA e outros países para a reconstrução da infraestrutura do país. Para Borges (2010), Clinton introduziu no país as indústrias maquiladoras que utilizam da exploração do trabalho, pagam baixos salários e não garantem direitos trabalhistas. Disponível em: <https://ctb.org.br/noticias/opiniaio/traga-no-haiti-e-a-culpa-dos-impos/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

<sup>70</sup> Sigla para “Comunidade do Caribe”, bloco de cooperação econômica que envolve os seguintes países caribenhos: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago.

**Figura 4** – Terremoto em Porto Príncipe (Haiti)



Fonte: Lejarceg (2010).<sup>71</sup>

Yanick Lahens (2012, p. 61), escritora haitiana, em sua obra *Falhas*, relata de maneira sensível a sua experiência com a catástrofe:

Às 16 horas e 53 minutos, na terça-feira 12 de janeiro de 2010, o Haiti deslizou para o horror. O sismo durou um minuto e trinta segundos. De pé na moldura de uma porta, enquanto as paredes parecem querer desabar ao redor e o solo esquivar-se sob os pés, um minuto e trinta segundos é muito tempo, muito tempo. Nos segundos seguintes o clamor surdo de milhares de brados de pavor, de gritos de dor, subiu como de um único ventre das favelas dos arredores, dos prédios mais abastados em torno da praça, e veio me agarrar pela garganta até asfixiar-me. Depois, abri a porta da casa para o começo do horror. Ali mesmo, na extremidade de minha rua. Cadáveres espalhados pelo chão, rostos cobertos de pó, muros demolidos. Com a certeza de que mais além, na parte baixa da cidade, tudo seria estarrecedor. Levamos imediatamente ajuda às vítimas, mas não conseguíamos deixar de chorar. E naquele crepúsculo tropical sempre tão disposto a deixar-se devorar pela noite, não pude evitar fazer esta pergunta que me tortura desde então: por que nós, haitianos? Ainda nós, sempre nós? Como se estivéssemos no mundo para medir os limites humanos, diante da pobreza, diante do sofrimento, e sustentarmo-nos por meio de uma extraordinária capacidade de resistir e transformar as provações em energia vital, em criatividade luminosa. Encontrei as primeiras respostas no fervor dos cânticos que não deixaram de elevar-se na noite. Como se aquelas vozes que subiam voltassem resolutamente as costas à desgraça, ao desespero. No dia seguinte percorri uma cidade caótica, juncada de cadáveres, alguns já cobertos por um lençol branco ou um simples pedaço de papelão, corpos de crianças, de jovens, empilhados em frente às escolas, com as moscas dançando em redor de vários outros, feridos, idosos desorientados, edifícios e casotas destruídos. Faltariam apenas as trombetas do Anjo do Apocalipse para anunciar o fim do mundo se a coragem, a solidariedade e a imensa paciência de todos não tivessem vindo nos fazer apegar-nos ao mais essencial. A esse princípio de humanidade, de solidariedade que jamais deveria faltar e que os pobres conhecem tão bem. A própria potência da vida. Desses seres vivos tão ferozmente vivos em uma cidade morta. Pacientes ao

<sup>71</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529\\_549176.html#foto\\_gal\\_9](https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529_549176.html#foto_gal_9). Acesso em: 15 jan. 2024.



limite mais extremo. Os poucos inevitáveis saqueadores sistematicamente anunciados pela imprensa internacional não têm relevância diante de tanta vida e dignidade recuperadas.

Com parte de sua estrutura destruída, o Haiti encontrava-se em uma situação ainda mais delicada. Barbosa (2015, p. 80) cita a condição vivenciada pelos locais neste ano:

No Haiti, em 2010, 80% da população era classificada como vivendo abaixo da linha da pobreza. A pobreza era estrutural, em todo o país. [...] havia ausência de canalização nas residências, as pessoas, na sua maioria crianças e mulheres que não tinham dinheiro para comprar a água que o caminhão distribuía, caminhavam até três quilômetros para buscar água na fonte.

Por conta do terremoto, a propaganda em torno da reconstrução do Haiti impôs uma nova e “próspera indústria neste país, transformando-o em paraíso das Organizações não governamentais (ONGs)” (Seguy, 2014a, p. 27). Os melhores salários no Haiti são oferecidos pelas ONGs, porém, esses empregos são concedidos aos estrangeiros, soma-se a ação destas organizações a quase totalidade da ausência do Estado haitiano e de sua estrutura de serviços públicos básicos<sup>72</sup>. O apelo “humanitário” faz do Haiti, devastado pelo terremoto, um local para negócios desta natureza (Seguy, 2014a). Seitenfus (2014) em “Haiti: Dilemas e Fracassos Internacionais”, reconhece que a atuação de algumas ONGs – mais tradicionais, com experiência e independência, foram importantes na urgência pós-sismo, todavia, aponta a falta de transparência da maioria destas organizações e critica a proliferação destas em substituição prática aos serviços públicos, assim, questiona: “Haiti ou HaitONG?” (Seitenfus, 2014, p. 265).

Ainda há outros acontecimentos trágicos para o ano de 2010. No mês de outubro, é identificado a bactéria da cólera em território haitiano, após três anos, cerca de 900 haitianos morrem nessa epidemia. Concluiu-se que a disseminação da cólera partiu de uma base da MINUSTAH, onde se encontravam militares do Nepal (Seguy, 2014a). De tal forma, Seitenfus (2014, p. 23) afirma que o ano de 2010 ficou conhecido como o mais “terrível da história haitiana”, por conta de três acontecimentos: a) o sísmico que destrói a região metropolitana da capital, desabrigando cerca de 1,5 milhão de pessoas; b) a epidemia de cólera, trazida por soldados nepaleses a serviço da MINUSTAH e; c) as eleições presidenciais, intermediada pela ONU e OEA, impondo “um candidato não somente à revelia da vontade popular, mas também contrariando elementares regras diplomáticas e basilares princípios eleitorais”.<sup>73</sup>

<sup>72</sup> 90% dos hospitais no Haiti pertencem à iniciativa privada (Seitenfus, 2014).

<sup>73</sup> O Conselho Eleitoral baniu candidaturas da *Fanmi Lavalas*, partido mais popular do Haiti. Assim, Michel Martelly, apoiado por empresários e pelos EUA, saiu vitorioso na disputa presidencial.

Na conjuntura política de 2010, o Brasil despontava como a grande liderança latino-americana e dos países do Sul Global, aliado a propaganda de um país amigável, em ritmo de uma economia emergente, com vagas de emprego, sobretudo nas áreas da construção civil – vale lembrar que neste período o país estava se preparando para sediar eventos de grande importância internacional, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol –, a estrutura de proteção social quanto à saúde e educação e a ideia de país pouco afetado pela crise mundial de 2008, engendraram o início de um novo fluxo emigratório dos haitianos, a partir de então, tendo o Brasil área de atração<sup>74</sup> (Lôbo, 2020).

Quanto às questões políticas internas, durante o período da ação da MINUSTAH, entre 2004 e 2017, René Préval – antigo aliado de Jean-Bertrand Aristide; e Michel Martelly – cantor famoso no país, também conhecido como *Sweet Mickey*, ligado a setores da direita haitiana, foram eleitos em pleitos questionáveis, com baixa participação popular. Em 2016, Jovenel Moïse – empresário diretor de uma grande exportadora de bananas e suspeito de lavagem de dinheiro, até então apoiado por Martelly, é eleito presidente (Liberation, 2016).<sup>75</sup>

Desgastada politicamente e enfrentando protestos locais quanto a sua atuação e presença, a MINUSTAH encerrou a missão em 2017, se retirando por completo do território haitiano em outubro do mesmo ano. Bezerra (2016) aponta que, embora tenha conseguido dismantelar o crime organizado transnacional, a missão apresentou dificuldades em vários setores; não ocorreu a estabilização dos processos eleitorais de forma efetiva; o sistema de segurança pública é precário; a miséria aumentou. Bezerra (2016) identifica que a MINUSTAH serviu como força repressora para quando a ação das ONGs não garantia a passividade da população haitiana.

As tensões nas relações sociais, econômicas e políticas haitianas seguem em ebulição, após a dissolução do parlamento e sucessivas tentativas de mudança na constituição, aliados a uma série de protestos, a crise no governo do Jovenel Moïse culminou em seu assassinato no dia 07 de julho de 2021, na sua casa, após invasão de um grupo formado por mercenários. Segundo o jornal El País (2021a)<sup>76</sup> a ação envolveu mais de vinte pistoleiros, a maioria ex-

---

<sup>74</sup> Jean-Rabel, migrante haitiano em Lages/SC, relatou com afetividade um discurso de acolhimento da presidente Dilma Rousseff, que segundo ele, abriu possibilidades de auxílio à população haitiana. Discurso disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/estamos-abertos-receber-cidadaos-haitianos-diz-dilma-no-haiti.html>. Acesso em 31 dez. 2023.

<sup>75</sup> Disponível em: [https://www.liberation.fr/planete/2016/11/29/l-election-de-jovenel-moise-une-catastrophe-pour-haiti\\_1531703/](https://www.liberation.fr/planete/2016/11/29/l-election-de-jovenel-moise-une-catastrophe-pour-haiti_1531703/). Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-09/haiti-prende-15-colombianos-e-2-norte-americanos-pelo-assassinato-do-presidente-jovenel-moise.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

militares colombianos. Uma investigação do The New York Times (2021)<sup>77</sup> aponta que Moïse entregaria aos EUA uma relação de narcotraficantes, dias antes, Moïse havia ordenado a destruição de uma pista clandestina que servia como porta de entrada para drogas e contrabando (El País, 2021b).<sup>78</sup>

O Haiti vivencia uma crise de legitimidade no poder político. No âmbito executivo, o primeiro-ministro, Ariel Henry, assume atribuições presidenciais após a morte de Moïse (Folha de S.Paulo, 2023)<sup>79</sup> e se responsabiliza em convocar novas eleições. Porém, o país sofreu mais um abalo sísmico de 7 graus na escala Richter, vitimando mais de 2 mil pessoas (G1, 2021)<sup>80</sup>. Alegando estado de emergência pós-terremoto e o aumento da violência urbana e sequestros, Henry suspende o pleito sem data definida.

A ausência de um poder nacional amplamente reconhecido pelos haitianos, serve como terreno fértil para o avanço do poder paralelo. Estima-se que 80% da capital, Porto Príncipe, esteja sendo controlada por gangues lideradas, sobretudo, por ex-policiais (AFP, 2023).<sup>81</sup> O processo de *gangsterização* (León, 2021)<sup>82</sup> vitimou, em 2023, aproximadamente 2400 pessoas e contabiliza-se mais de 350 mortes por linchamentos, conforme informações da rede de notícias francesa, com atuação mundial, Euronews (2023)<sup>83</sup>. *Jimmy “Barbecue” Cherizier*, ex-policial, que lidera uma aliança de gangues, chamada de *Coalizão G9*, controla parte significativa da capital e ameaça derrubar Henry por meio das armas. Em torno de 20 mil pessoas foram obrigadas a deixar Porto Príncipe por conta da violência generalizada (Reuters, 2023)<sup>84</sup>.

Após Ariel Henry solicitar na Assembleia Geral da ONU de 2023, uma nova missão internacional visando restabelecer a ordem no país, o Conselho de Segurança determinou o envio de tropas internacionais para o Haiti. Os EUA buscaram intermediar o retorno do Brasil ao Haiti, porém, a proposta não foi considerada pelo governo brasileiro. A atual missão

---

<sup>77</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/12/world/americas/jovenel-moise-haiti-president-drug-traffickers.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>78</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-12-13/presidente-do-haiti-foi-assassinado-por-tentar-enviar-aos-eua-lista-de-pessoas-ligadas-ao-narcotrafico.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>79</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tAuGut08ees>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/19/numero-de-mortos-por-terremoto-no-haiti-passa-de-2100-pais-registra-novo-abalo.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>81</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/11/16/parlamento-do-kenia-aprova-envio-de-forca-policia-ao-haiti.htm>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>82</sup> Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/america-latina/70510/alem-de-jovenel-moise-assassinatos-tirroteios-execucoes-a-quem-interessa-a-gangsterizacao-do-haiti>. Acesso em: 19 jan. 2024.

<sup>83</sup> Disponível em: <https://pt.euronews.com/2023/01/27/bandos-semeiam-violencia-e-caos-no-haiti>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ex-lider-de-golpe-no-haiti-e-condenado-a-9-anos-de-prisao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2023.

multinacional será liderada pelo Quênia, que enviará cerca de mil policiais para o país caribenho e contará com reforço de contingentes de países caribenhos, como Jamaica, Bahamas, Antígua e Barbuda, Granada e Guiana. As ações ocorrerão em colaboração com a Polícia Nacional Haitiana (PNH) (CNN, 2023)<sup>85</sup>. O Quênia já participou de outros processos chamados de “missão de paz” na Somália, Libéria e na República Democrática do Congo, será a primeira intervenção fora do continente africano (AFP, 2023).

Com o aumento da violência, a justificativa de conter migrações e a ampliação da atuação de grupos armados, o presidente da República Dominicana, Luis Abinader, determinou a construção de um muro para dividir os dois países. O país vizinho é um dos destinos dos trabalhadores haitianos, sendo que dos 14 migrantes entrevistados para essa pesquisa, que residem em Lages/SC, sete viveram no território dominicano durante algum período. Atualmente, cerca de 80% dos trabalhadores da construção civil dominicana são haitianos (CNN, 2021)<sup>86</sup>. Em outros momentos da história, o governo dominicano se envolveu em massacres e políticas de expulsão dos haitianos habitantes da República Dominicana, evidenciando um tratamento preconceituoso. Em 1937, o *anti-haitianismo* do governo de Rafael Trujillo ordenou a morte de 20 mil haitianos que habitavam o lado oriental da ilha Hispaniola, as sucessivas cenas de violência ficaram conhecida como o “*Masacre del perejil*” (Seguy, 2009).

Isolados na porção oeste da ilha Hispaniola, a população haitiana sofre com a escalada da violência e das disputas internas. A falência do Estado haitiano pode ser evidenciada pela expansão das gangues e o controle da maior parte da capital; assim como a atuação de ONGs em todos os setores sociais, o Estado não controla mais do que 10% da saúde e educação. As experiências com as intervenções internacionais denotam a falta de solução democrática para o Haiti, e mostram possibilidades da expansão perversa do poderio militar imperialista. As saídas não são simples, a complexidade das relações sociais no Haiti mostra quão grande é o desafio, porém, vale pensar a partir da perspectiva de João Pedro Stédile, que em mensagem para Bezerra (2016), afirma: “o povo do Haiti não precisa de soldados armados. O povo do Haiti precisa de solidariedade para desenvolver as forças produtivas de seu território e produzir os bens que precisam para sair das imensas necessidades que padecem”.

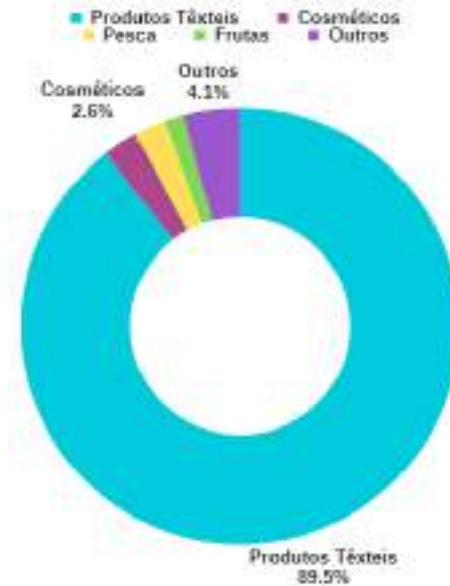
---

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conselho-de-seguranca-da-onu-aprova-envio-de-forcas-internacionais-ao-haiti/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/republica-dominicana-fecha-fronteiras-com-o-haiti/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

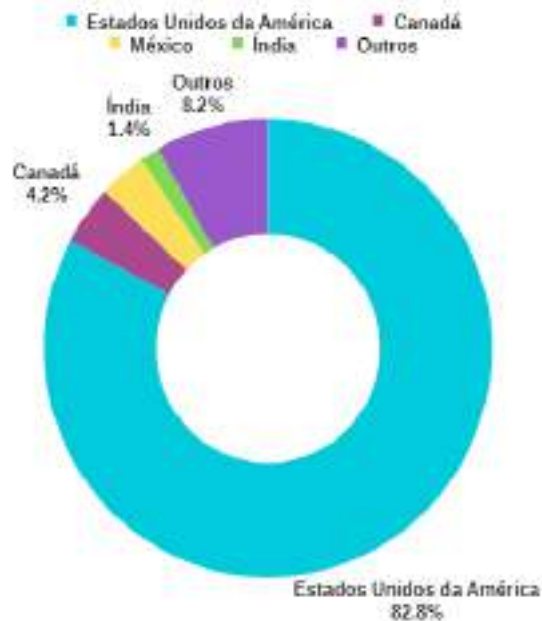
A indústria têxtil compreende a maior parte das exportações do país, tendo os EUA como principal destino, conforme dados da The Observatory of Economic Complexity (OEC, 2021), nos Gráficos 1 e 2.

**Gráfico 1 – Haiti - Comércio anual: exportações**



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados da OEC (2021).<sup>87</sup>

**Gráfico 2 – Haiti - Comércio anual: destino das exportações**



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados da OEC (2021).<sup>88</sup>

<sup>87</sup> Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/hti>. Acesso em: 29 dez. 2023.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/hti>. Acesso em: 29 dez. 2023.

O domínio estadunidense da economia haitiana demonstra a distância da população haitiana em guiar o seu próprio destino. Os Estados Unidos não são simples compradores da indústria têxtil haitiana, mas em grande parte, proprietários. De acordo com Franck Seguy (2014b), as zonas francas no Haiti são áreas que, na prática, são de propriedade dos Estados Unidos. Isso ocorre porque a produção é enviada para os EUA como se fosse local, mas no Haiti é comercializada como importação<sup>89</sup>.

Neste movimento de expansão imperialista<sup>90</sup>, exploração e intensificação da mais-valia<sup>91</sup> é evidente o aumento da lucratividade das multinacionais dos EUA. Almeida (2011, p. 28) cita que:

Essas multinacionais podem produzir no Haiti, pagando duas vezes menos aos trabalhadores do que na China, a uma distância da costa dos EUA doze vezes menor. Podem pagar três vezes menos que aos trabalhadores brasileiros, a uma distância seis vezes menor da costa dos EUA. As multinacionais não pagam nenhuma das conquistas dos séculos XIX e XX, como férias, décimo terceiro salário, aposentadoria. Não pagam praticamente nenhum imposto ao Estado, que por sua vez não precisa assegurar saúde nem educação ao povo. Os trabalhadores moram ao lado das empresas, podendo ir a pé para o trabalho. Se alguém morar longe, vai a pé assim mesmo.

Com balança comercial negativa, ou seja, há necessidade de importar mais produtos do que o número total de exportações, o custo de vida se eleva, há desvalorização de sua moeda – US\$ 1,00 Dólar americano equivale a G 132,32 Gourdes haitianos<sup>92</sup>, importam-se produtos básicos, como alimentos e combustíveis (OEC, 2021).<sup>93</sup> Tais circunstâncias mostram a necessidade de uma reestruturação econômica no país.

Franck Seguy atribui um novo conceito para a situação econômica dos tempos atuais no Haiti: a “*epiperiferia*”. “O Haiti, a nosso ver, é duplamente periférico: está na periferia dos EUA e ao mesmo tempo na periferia de outros que também são países periféricos do próprio

---

<sup>89</sup> Trata-se da Lei HOPE (Haitian Opportunity for Economic Enhancement) é um acordo de livre comércio entre os Estados Unidos e o Haiti. De acordo com essa lei o produto vestuário feito no Haiti é comercializado nos Estados Unidos como sendo norte-americano. Não há custos para a instalação de empresas norte-americanas no Haiti (Seguy, 2014b). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CnNPVQOWNUQ&ab\\_channel=FranckSeguy](https://www.youtube.com/watch?v=CnNPVQOWNUQ&ab_channel=FranckSeguy). Acesso em: 01 jan. 2023.

<sup>90</sup> Partindo dos escritos de Lenin, as autoras Harnecker e Uribe (1980, p. 23) identificam a exportação de capital como uma das características do imperialismo: “Com o fim de dar saída à grande quantidade de capital acumulado e com o objetivo de obterem o máximo de lucro, os monopólios passam a investir capitais noutros países, construindo grandes empresas, fundamentalmente de extração de matérias-primas, numa primeira fase. Deste modo, conseguem obter mercadorias a custos muito baixos, dado que a mão de obra, nestes países, é muito mais barata”.

<sup>91</sup> Na teoria marxista, é o valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho. É a fonte do lucro capitalista (Harnecker, 1983).

<sup>92</sup> Cotação de 02/12/2023.

<sup>93</sup> Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/hti>. Acesso em: 29 dez. 2023.

EUA” (Seguy, 2014a, p. 74). Além do processo de “*epiperiferia*”, para Seguy (2014a, p. 204) o país também vive uma realidade de “*recolonização*”.

Por exemplo, a formação social haitiana, em situação periférica capitalista, tem sido sempre uma terra fornecedora de matérias-primas e de mão-de-obra barata. Hoje, na sua situação reforçada de epiperiferia e de recolonizado, o Haiti continua sendo uma terra fornecedora de forças de trabalho baratíssimas, que seja internacionalmente na forma de trabalho migrante, ou localmente na sua metamorfose em território de zonas francas industriais prioritariamente de têxtil.

A “Pérola da Antilhas”<sup>94</sup>, desejada ilha no mar do Caribe, enfrentou durante toda a sua história as consequências da ousada luta contra o colonialismo, por independência e dignidade, porém, suas contradições, disputas internas e processos de intervenção internacional, mantém o ambiente em conflito e inóspito, agonizando a população em problemas sociais e econômicos.

---

<sup>94</sup> Alcinha atribuída ao Haiti devido às suas riquezas no período colonial (James, 2010).

## 4 MIGRAÇÃO HAITI-BRASIL

A imigração não ocorre sem deixar marcas, frequentemente de maneira indelével, mesmo sem reconhecê-lo, seja por nos atermos à ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmos conscientes disto (Sayad, 2000, p. 14).

### 4.1 QUEM SÃO OS MIGRANTES?

A história dos seres humanos é marcada por um processo de adaptação e transformação aos espaços<sup>95</sup>. Há relação direta entre a necessidade de sobrevivência, fruto da demanda por trabalho, e a produção de cultura por grupos étnicos em cada território.

Saladini (2012) conceitua migração como um fenômeno de movimentação de um determinado grupo de indivíduos de um local para outro, sendo que, esse processo pode ocorrer dentro das próprias fronteiras de um país ou entre países alheios ao de origem.

No contexto histórico, é de se lembrar que a história se confunde com a história dos movimentos migratórios. [...] Diversos momentos ao longo da história levaram as pessoas a sair de seus países para buscar fixação em outras terras, sendo que muitas vezes a motivação explícita ou implícita era a busca por trabalho. Mesmo migrações involuntárias, como a dos escravos trazidos para o Brasil no período colonial, são relacionadas com a questão do trabalho, ainda que para fins de trabalho forçado (Saladini, 2012, p. 16).

Para evitar confusões quanto à terminologia a respeito dos *migrantes*, é necessário identificar que se entende por *imigrante* aquele que é estrangeiro em terras alheias, que reside em um novo país; e, *emigrante*, aquele sai voluntariamente do seu país, sendo essa nomenclatura a partir da ótica dos nativos de sua pátria de origem (Brasil, 2017). Outro conceito que é relevante para estudos relacionados aos movimentos migratórios, é o de *refugiados*. Estes migrantes se situam em condição de fuga de seu país de origem, devido à conflitos bélicos ou perseguições, que podem ser étnicas, religiosas ou políticas, Jardim (2011, p. 6) afirma que:

Para a elegibilidade (jurídica) de um sujeito em condição de refugiado observa-se sua autodeclaração de sentir sua vida ameaçada no seu local de origem, expressando um temor fundado e a impossibilidade de retornar ao local de moradia. Isso quer dizer que os pedidos de refúgio são singulares, pois as fontes de ameaça podem partir da própria vizinhança no local de origem, podendo ser desde ameaças provenientes de milícias, parentes. Mas, o quadro de violência física que incide sobre o sujeito ou em suas relações pode ser o desencadeador do pedido de ajuda.

---

<sup>95</sup> Refere-se a “espaço” o conceito atribuído por Milton Santos (2021b, p. 78): “O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”.



Ainda na perspectiva dos conceitos relacionados à migração, compreende-se também o termo *exilado*, que trata do indivíduo banido ou ausente de seu país de origem (Saladini, 2012).

Estudioso das questões migratórias e da relação destes movimentos com os processos de colonização, em especial no vínculo entre Argélia e França, Abdelmalek Sayad (1998, p. 54), argelino, afirma que um imigrante é “essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisório, temporária em trânsito”. Nesse sentido, há relação direta entre os processos de migração com a conjuntura geopolítica contemporânea, não se desassocia o processo de exploração capitalista e a relação do trânsito entre as fronteiras.

A estadia autorizada do imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; e é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta a sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes (Sayad, 1998, p. 55).

As relações sociais que marcam a profunda desigualdade entre os países do Sul Global e Norte Global, estão vinculadas aos processos de colonização, nesta esteira, os fenômenos migratórios fazem parte da relação entre dominante e dominado. Para Sayad (1998, p. 66): “exportam-se” ou “importam-se” exclusivamente trabalhadores, mas nunca – ficção essa indispensável e compartilhada por todos – cidadãos, atuais ou futuros”.

## 4.2 LEGISLAÇÃO MIGRATÓRIA

O Brasil possuiu diferentes legislações migratórias, estas, são um reflexo da história do país, marcadas por períodos de incentivo à imigração europeia e momentos de restrição, ambos moldando a configuração demográfica e social. Em certos momentos, houve um acolhimento mais amplo de grupos específicos, enquanto em outros períodos, foram estabelecidas limitações discriminatórias, muitas vezes, em nome de uma determinada ideia de proteção da identidade nacional, idioma e território.

Sobre o tratamento distinto ao local de origem do migrante, Silva e Sá (2021, p. 2) argumentam que:

Historicamente, o Brasil produziu um conjunto de políticas de imigração que, tanto no Império quanto na República, traduziam-se no incentivo (material, jurídico e burocrático) ao embranquecimento da nação operado, sobretudo, pelo estímulo à vinda de europeus, ao passo que eram criadas barreiras ou até proibições explícitas à entrada de migrantes racializados advindos do chamado Sul global.

Concebido durante a ditadura militar brasileira, o “Estatuto do Estrangeiro” (Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980), adotava uma abordagem restritiva que afastava os migrantes das garantias básicas de direitos. Ao invés dos direitos humanos como centralidade, em certos momentos, essa legislação os considerava potencial ameaça, fundamentando-se “sob a vertente da segurança e do interesse nacional” (Claro, 2020, p. 45).

Conforme as transformações na conjuntura geopolítica nacional e mundial, o “Estatuto do Estrangeiro” fora revogado e substituído pela “Lei de Migração”. Esta nova legislação, estabelecida pela Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017 (Brasil, 2017), visa garantir direitos aos migrantes, incluindo a conquista do direito ao estudo, ao trabalho e a um acolhimento humanitário adequado. Essa mudança representa um avanço significativo, afastando-se da abordagem restritiva do passado em favor de uma visão mais inclusiva e respeitosa dos direitos humanos para os migrantes que buscam oportunidades no Brasil.

A Lei de Migração simplifica os vistos com relação ao Estatuto do Estrangeiro e formaliza as categorias de visto temporário para tratamento de saúde e de visto temporário de acolhida humanitária, antes estabelecidos por normas infralegais diante das lacunas do estatuto. Em matéria de políticas, a lei estabelece os princípios e diretrizes da política migratória brasileira e faz alusões às políticas públicas para a população migrante, temas não contemplados no estatuto (Claro, 2020, p. 51).

A consolidação da “Lei da Migração” representou um passo significativo no campo do acolhimento ao migrante pelo Estado brasileiro, concretizando um movimento que vinha sendo impulsionado por conselhos, movimentos sociais e diversas instituições. Para Guimarães (2016, p. 86):

Nota-se também a preocupação em se adotar uma acolhida humanitária na política migratória brasileira, o que já tem se concretizado, na prática, com a atuação de alguns movimentos sociais, instituições, organizações e parte da sociedade civil. Dentre eles, merecem ser citados o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), o Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), a Pastoral do Migrante, a Organização “O Estrangeiro”, o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), o Conselho Nacional de Imigração, o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI), a Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (COMIGRAR), o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Além da “Lei da Migração”, que abrange juridicamente os imigrantes e emigrantes, e em suas diversas classificações<sup>96</sup>, o “Estatuto dos Refugiados” (Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997) define mecanismos de regulamentação dos imigrantes que necessitam de refúgio.

Segundo a Lei nº 9.474/1997, considera-se refugiado “todo indivíduo que: I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” (Brasil, 1997, n.p.).<sup>97</sup>

Cabe ressaltar que no contexto internacional, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas – resolução 217 A III), garante o direito à migração.

Artigo 13: 1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a este regressar. Artigo 14: 1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países (ONU, 1948, n.p.).<sup>98</sup>

Além do direito internacional, e de legislações específicas, a Constituição Federal do Brasil, de 1988, garante o tratamento igualitário ao migrante, ao considerar no art. 5<sup>a</sup> do Capítulo 1 que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (Brasil, 1988, n.p.).

Na subseção a seguir, em diálogo com o início do fluxo migratório de haitianos para o Brasil, contextualizo resoluções e legislações específicas que foram elaboradas por comitês e ministérios vinculados ao governo federal brasileiro no decorrer deste processo.

---

<sup>96</sup> Além dos conceitos relacionados aos emigrantes e imigrantes, a Lei nº 13.445/2017 classifica: “IV - residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho; V - visitante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que vem ao Brasil para estadas de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporária ou definitivamente no território nacional; VI - apátrida: pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro. [...] Art. 2º Esta Lei não prejudica a aplicação de normas internas e internacionais específicas sobre refugiados, asilados, agentes e pessoal diplomático ou consular, funcionários de organização internacional e seus familiares” (Brasil, 2017, n.p.).

<sup>97</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9474.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm). Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>98</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 20 fev. 2023.

### 4.3 A MIGRAÇÃO HAITI/BRASIL

A insustentabilidade da vida no território haitiano, muitas vezes, torna a emigração uma imposição das circunstâncias, uma necessidade vital para sobreviver e buscar recursos financeiros essenciais para si e suas famílias, as quais, em grande parte, permanecem no Haiti. Registros indicam que o fluxo de migrantes haitianos para o território brasileiro teve início por volta de 2010.

Embora a intensificação do fluxo migratório para o Brasil tenha ocorrido após 2010, e seja inegável as dificuldades pós-terremoto que impulsionam este fluxo, o histórico migratório dos haitianos não está necessariamente vinculado a somente este fenômeno. Para Seguy (2014b) a migração haitiana é um processo histórico, que se inicia a partir da ocupação imperialista dos Estados Unidos em 1915.

Seguy (2014a) identifica que o principal motor para o processo emigratório de haitianos na atualidade é a busca constante por dignidade. O autor aponta dois destinos distintos à emigração: aos profissionais diplomados, o Canadá; a massa dos trabalhadores precarizados, países caribenhos e o Brasil. A questão migratória é de extrema relevância tanto para a sociedade haitiana quanto para o Estado, a ponto de haver um ministério específico destinado a estas questões, o Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (Handerson, 2015b).

O pesquisador Joseph Handerson (2015a), haitiano, aborda em seu estudo etnográfico: “Diáspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa”, o trajeto realizado pela maior parcela dos primeiros migrantes haitianos ao entrar no território brasileiro, especificamente tendo como ponto de chegada ao Brasil (a Figura 5 evidencia um fluxo semelhante), a Tríplice Fronteira do país com Colômbia e Peru, na cidade de Tabatinga/AM. Conforme trecho abaixo:

[...] os primeiros chegados à Tabatinga saíam do Haiti, passavam na República Dominicana com escala em Panamá. Depois, iam ao Equador, à Lima, no Peru, de Lima a Iquitós, de lá para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros deixavam o Haiti, faziam escala em Panamá, iam direto para Peru até a Tríplice Fronteira. Há também vários itinerários e circuitos diferentes: alguns saíam de Port-au-Prince diretamente a Lima, no Peru; de lá para Iquitós; depois, para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros passavam por Peru, Bolívia até a fronteira com o estado do Acre. A rota que utilizavam parecia estar relacionada às condições econômicas, ao nível de instrução, às redes sociais e migratórias e ao local de procedência (Handerson, 2015a, p. 92).

“[...] a maioria dos haitianos chegados entre fevereiro de 2010 e o final de 2011, tinha pouca bagagem, roupas gastas, com visual cansado, sinal de uma viagem muito longa. Estes

faziam trajetos maiores por vários países, levando entre 15 e 30 dias [...]” (Handerson, 2015a, p. 97).

**Figura 5** – Rota de migração Haiti/Brasil



Fonte: Folha de S.Paulo (2014).<sup>99</sup>

Nos primeiros movimentos quanto à entrada deste contingente populacional no território brasileiro, não havia uma política estruturada de imediato para a sua recepção, embora recebessem *visto humanitário*, não ocorria uma relação integrada entre os municípios de destino dos migrantes, sendo estes, muitas vezes, assistidos por organismos ligados à sociedade civil e instituições religiosas (Ferreira, 2020).

Por conta do aumento do fluxo migratório nos anos seguintes, o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE)<sup>100</sup>, começou a discutir a questão haitiana no Brasil, até então, acreditava-se que este fenômeno migratório seria temporário, sendo o território brasileiro um país de trânsito até a Guiana Francesa, destino de alguns migrantes do Haiti (Fernandes; Farias, 2017). Até este momento, a legislação migratória brasileira se apresentava como um obstáculo

<sup>99</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/04/1439034-acre-vai-fechar-abrigo-para-imigrantes.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2023

<sup>100</sup> Órgão federal, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, atua na questão legal dos refugiados.

para a regulamentação legal dos haitianos, uma vez que o *Estatuto dos Refugiados*<sup>101</sup> não reconhecia a condição complexa destes migrantes.

Em razão de a solicitação de refúgio dos haitianos ser justificada, em sua grande maioria, pelas situações adversas provocadas pelo terremoto que devastou a cidade de Porto Príncipe, em janeiro de 2010, e não ser condizente com as premissas definidas em lei e convenções internacionais, ela era sistematicamente recusada (Fernandes; Farias, 2017, p. 152).

Silva (2016) aborda que uma possível aceitação da condição dos haitianos como refugiados, geraria uma situação de contradição, uma vez que o exército brasileiro já atuava no país caribenho há alguns anos e, de certa forma, atentaria contra a própria efetividade da Missão. Sendo assim, ajustes foram promovidos pelos órgãos brasileiros responsáveis pela questão migratória, mantendo atenção especial ao fenômeno haitiano de emigração e criando mecanismos para atender a este movimento. Neste sentido, destaca-se a Resolução Normativa 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração (CNIG)<sup>102</sup>, que regulamentou a questão dos vistos permanentes para os migrantes chegados do Haiti.

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010 (CNIG, 2012, n.p.).<sup>103</sup>

Estas ações, além de oportunizar a regulamentação dos migrantes haitianos no território brasileiro, também buscou diminuir a atuação dos “coiotes”<sup>104</sup> no deslocamento dos grupos em trânsito.

Interiorizando o processo de migração, com foco no Estado de Santa Catarina, especificamente na região oeste, Bordignon (2016) aponta que o movimento migratório de haitianos nas cidades desta região pode ser classificado em três etapas, entre 2010 e 2015:

<sup>101</sup> Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997.

<sup>102</sup> Órgão federal, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, atua na elaboração e deliberação de questões legais relacionadas aos imigrantes.

<sup>103</sup> Disponível em: [https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/1541/1/REN\\_CNIG\\_2012\\_97.pdf](https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/1541/1/REN_CNIG_2012_97.pdf). Acesso em: 19 jan. 2024

<sup>104</sup> “Agente que conduz os imigrantes ilegais, pelas áreas de fronteiras, mediante pagamento” (Barbosa, 2015, p 22).

- Os primeiros fluxos compreendem homens haitianos entre 25 e 35, solteiros, trabalhadores de agroindústrias e frigoríficos;
- O segundo fluxo é feminino, sobretudo, esposas dos haitianos residentes nestes locais;
- E o terceiro movimento, mais sutil, abrange a chegada dos filhos destes migrantes e o nascimento de brasileiros com pais haitianos.

Com a intensificação da crise institucional, social e econômica no Haiti, o governo federal brasileiro estabeleceu por meio da Portaria Interministerial MJSP<sup>105</sup>/MRE<sup>106</sup> n° 38, de 10 de abril de 2023<sup>107</sup>, um sistema simplificado para a solicitação da concessão de autorização de residência prévia e visto temporário com o propósito de *reunião familiar* para haitianos que já possuem familiares estabelecidos no Brasil.<sup>108</sup>

Os dados atuais apontam para a presença de 150 mil haitianos no território brasileiro.<sup>109</sup> (Folha de S.Paulo, 2022)<sup>110</sup>. Contudo, o avanço de uma política migratória mais humanitária e a conjuntura crítica e precarizada da vida no Haiti, denotam que a presença de haitianos no Brasil deverá aumentar nos próximos anos.

#### 4.4 MIGRANTES HAITIANOS EM LAGES/SC

A presença crescente de migrantes haitianos em Lages/SC é resultado do processo de interiorização desse fenômeno no território brasileiro. Embora tenha se tornado mais visível a partir de 2016, quando houve um aumento significativo da presença desses migrantes no município, dados obtidos durante a elaboração desta dissertação revelam que o primeiro migrante dessa nacionalidade já estava presente no município em 2014.

Para a efetivação da pesquisa de campo desta dissertação, durante os meses de agosto e setembro de 2023, os contatos foram ampliados por meio dos haitianos com os quais já

---

<sup>105</sup> Ministério da Justiça e Segurança Pública.

<sup>106</sup> Ministério das Relações Exteriores.

<sup>107</sup> Disponível em:

[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/2023/PORTARIA\\_INTERMINISTERIAL\\_MJSP.MRE\\_Nº\\_38\\_DE\\_10\\_DE\\_ABRIL\\_DE\\_2023.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/2023/PORTARIA_INTERMINISTERIAL_MJSP.MRE_Nº_38_DE_10_DE_ABRIL_DE_2023.pdf). Acesso em: 09 jan. 2023.

<sup>108</sup> Conforme notícia disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/04/11/governo-vai-facilitar-visto-humanitario-para-familiares-de-haitianos-que-ja-estejam-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 09 jan. 2023.

<sup>109</sup> Informação cedida pelo Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores do Governo Brasileiro) a Folha de S. Paulo, reportagem do dia 16 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/12/decisao-da-justica-abre-caminho-para-que-haitianos-venham-ao-brasil-sem-visto.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2023.

<sup>110</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/12/decisao-da-justica-abre-caminho-para-que-haitianos-venham-ao-brasil-sem-visto.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2023.

mantinha convívio, assim, formando o grupo a ser entrevistado. A flexibilidade para escolher os locais e horários partiu dos próprios haitianos, o que frequentemente resultou na realização das conversas em suas residências. Nesses encontros, para além de uma acolhedora e amigável recepção, tive a oportunidade de imergir em momentos de suas vidas cotidianas. Desta forma, pude vivenciar a dinâmica familiar, interações com seus filhos e os seus afazeres domésticos, o que contribuiu significativamente para uma compreensão mais profunda de suas realidades. No Quadro 3, estão disponibilizados os nomes (fictícios)<sup>111</sup> dos haitianos entrevistados<sup>112</sup>, gênero, idade, ano que chegou ao Brasil, ocupação profissional e se frequentou, em algum momento, espaços educacionais em Lages/SC.

---

<sup>111</sup> A motivação para a utilizar nomes de cidades haitianos em substituição aos nomes reais consta no rodapé nº 27, na página 38.

<sup>112</sup> Nos trechos das entrevistas que estão inseridos nesta dissertação, escolhi preservar integralmente a fala dos migrantes haitianos, ou seja, expressões e concordâncias incorretas na língua portuguesa formal foram mantidas.



**Quadro 3** – Migrantes haitianos sujeitos da pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Chegada em Lages/SC</b>	<b>Ocupação profissional</b>	<b>Inserção educacional em Lages/SC</b>
Gonaïves	Masculino	49	2016	Operador de máquina em indústria de transformação de plásticos	Não frequentou espaços escolares/técnicos ou profissionalizantes
Estère	Feminino	39	2017	Desempregada	EJA (cursando)
Saint-Marc	Masculino	34	2016	Trabalhador em pomar de maçãs (trabalho sazonal)	Curso profissionalizante na empresa que trabalhou
Ennery	Masculino	40	2015	Trabalhador na construção civil	EJA (incompleto)
Petite Rivière	Masculino	38	2014	Operador de empilhadeira em supermercado	Curso profissionalizante na empresa que trabalha
Pétion-Ville	Masculino	37	2016	Chapeiro e pizzaiolo	EJA (concluiu Ensino Médio)
Fonds-Verrettes	Masculino	34	2019	Agricultor urbano e professor de língua francesa em escola de idiomas	IFSC (Agroecologia - concluído), CAV/UNESC (cursando Agronomia)
Jean-Rabel	Masculino	39	2015	Operador de caldeira em indústria de produção de bens de capital	Curso profissionalizante na empresa que trabalhou
Les Cayes	Feminino	35	2016	Costureira industrial	Não frequentou espaços escolares/técnicos ou profissionalizantes
La Chapelle	Feminino	37	2021	Desempregada	EJA (incompleto)
Bassin-Bleu	Masculino	35	2019	Cozinheiro	EJA (incompleto)
Bainet	Feminino	33	2016	Autônoma (comércio de roupas e calçados) e limpeza (trabalho intermitente)	EJA (cursando) e estuda em uma escola de gastronomia
Miragoâne	Feminino	24	2019	Desempregada	Não frequentou espaços escolares/técnicos ou profissionalizantes
Aquin	Masculino	28	2017	Trabalhador em indústria papeleira e motorista de aplicativo	CEDUP Industrial (incompleto-Eletrotécnica), UNIFACVEST (cursando Engenharia Mecânica)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Para as próximas subseções, onde descrevo as informações sobre os sujeitos participantes da pesquisa e seus relatos, optei por uma organização temática, buscando atender aos objetivos específicos desta dissertação. A estruturação dessa parte também se fundamenta nas respostas obtidas nas entrevistas. Inicialmente, avaliei as palavras mais recorrentes durante esses encontros:

- Dinheiro;
- Trabalho (e variações, como trabalhar e emprego);
- Família.

A recorrência destas palavras nas entrevistas evidencia a necessidade de manutenção financeira das famílias, tanto daquelas que se encontram no Brasil, quanto dos familiares que permaneceram no Haiti. Isso indica que a questão financeira é o principal motor por trás do processo migratório, conforme analiso nas seções subsequentes. Os relatos dos entrevistados sobre suas experiências no processo de migração para o Brasil e, conseqüentemente, para Lages/SC, estão dispostos na subseção abaixo.

#### **4.4.1 Do Caribe<sup>113</sup> à Serra Catarinense**

Nesta subseção apresentarei quem são os migrantes sujeitos da pesquisa e como chegaram ao Brasil, e, em específico, Lages/SC. Suas histórias mostram os desafios enfrentados ao longo do caminho e trazem o retrato da situação excludente do Haiti, fruto de um processo histórico de exploração do capitalismo em diversas formas – colonialismo e escravidão, imperialismo, dominação econômica do Estado pela elite por meio de regimes ditatoriais. Compreender esse processo migratório não só revela a realidade do próprio fluxo, mas também oferece um olhar crítico sobre as estruturas econômicas e sociais que moldam essas experiências.

Handerson (2015a) identifica a República Dominicana, os Estados Unidos da América, o Canadá, a Guiana Francesa e, atualmente, o Brasil e o Chile como um “espaço de mobilidade haitiana” que caracteriza os fluxos da população emigrante. Segundo este autor, determinados espaços devem ser compreendidos a partir da “circulação de bens, das pessoas e

---

<sup>113</sup> Utilizo “caribe” pois nem todos os migrantes haitianos saíram de seu país de origem, alguns moravam na República Dominicana antes de migrar ao Brasil.

da informação entre diferentes polos e suas implicações sobre a construção dos espaços sociais” (Handerson, 2015a, p. 92).

Inseridos nesse contexto, os primeiros haitianos entrevistados foram o casal Gonaïves, 49 anos, e Estère, 39 anos, que possuem quatro filhos, sendo que os dois mais velhos estão no Haiti, e os mais jovens nasceram no Brasil. Gonaïves, assim como outros haitianos participantes desta entrevista, morou na República Dominicana, na sua viagem, partiu de Santo Domingo e esperou seis meses pelo visto brasileiro no Equador, em 2016. Essas experiências de Gonaïves são identificadas a partir de sua fala, a entrevista ocorreu em um diálogo entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Sua esposa, Estère, que morava no Haiti, veio de avião no ano seguinte, em 2017, com a situação regularizada desde a saída do país caribenho.

Os migrantes Saint-Marc e Ennery dividem a mesma moradia, uma edícula aos fundos de uma casa no bairro Copacabana em Lages/SC, ambos moravam em Santo Domingo, na República Dominicana, antes de migrarem ao Brasil. Ennery, 40 anos, migrou para o Brasil em 2015, viajou sem visto até o Equador e, de ônibus, chegou ao Estado do Acre. Já Saint-Marc, migrou para o Brasil em 2016, de avião com visto e documentação legalizada.

Pétion-Ville, 38 anos, e La Chapelle, 37 anos, são casados, juntos possuem quatro filhos, todos haitianos e que moram com o casal. Pétion-Ville chegou no Brasil em 2016, partiu da República Dominicana e chegou em São Paulo/SP sozinho, segundo ele, a viagem foi tranquila. Sua esposa, La Chapelle, migrou para o Brasil em 2021, junto com seus quatro filhos, em situação documental regularizada.

Fonds-Verretes, 34 anos, chegou ao Brasil em 2016 e, em 2019, em Lages/SC, morou em Balneário Camboriú/SC entre esses anos. Antes de migrar ao Brasil, Fonds-Verretes morou na República Dominicana por 5 anos, segundo ele, a viagem para o Brasil foi tranquila, legalizada durante todo o percurso e sem dificuldades para emissão de visto.

O primeiro haitiano a chegar em Lages/SC foi Petite Rivière, 38 anos, migrou para o Equador em 2013 junto com amigos e, conforme seus relatos, a identificação pelo futebol e a circunstância da Copa do Mundo no Brasil, foram questões importantes para a sua chegada ao país, no ano seguinte.

Quando eu estava lá (no Equador), as pessoas falaram “você está perto, vamos pro Brasil”, aí eu saí do Equador e vim pro Brasil, na época eu pensei que ia conseguir assistir a Copa, daí eu assisti mesmo, mas igual lá, assisti pela televisão. Quando eu estava lá no Equador, passei do Peru e, do Peru, entrei no Brasil, entrei pelo Acre, no Acre tinha um refúgio lá, fiquei uns dois meses lá e depois saí do Acre e vim pra cá, pra Santa Catarina mesmo (Petite Rivière).

Sobre os motivos que levaram Petite Rivière a migrar para Lages/SC, ele afirma que:

[...] as empresas que precisam de funcionário foram lá fazer contato e trazer as pessoas, lá no Acre, na verdade várias empresas chegaram lá num lugar que tem mais 3 mil pessoas. [...] a diretora do refúgio (local onde ficavam os haitianos no Acre) me chamou e disse: “empresa que veio buscar pessoal, pessoa legal e tal, me mostrou tudo, tem alojamento, lugar pra morar, tem serviço, você não vai gastar nada do seu dinheiro, vai receber e tal”, não é isso que é meu sonho, mas se for pra mim trabalhar num lugar que... se deixei família pra trás, minha mulher grávida também, eu tenho que mandar dinheiro pra lá, acertei o contrato (Petite Rivière).

Jean-Rabel, 39 anos, chegou ao Brasil em 2015. Foi o primeiro haitiano que conheci e pude conviver, sua presença em Lages/SC é de suma importância para os demais haitianos, uma vez que Jean-Rabel deu suporte e orientação aos seus compatriotas recém-chegados no município. Migrou intermediado por *coiotes*<sup>114</sup>, de maneira ilegal até chegar em território brasileiro. Sua esposa, Les Cayes, 35 anos, chegou ao Brasil em 2016, por via aérea e com a documentação legalizada, seu filho mais velho veio, posteriormente, com outra conhecida haitiana, o casal também possui um filho brasileiro.

Como foi a sua viagem do Haiti para o Brasil? Você veio acompanhado ou sozinho? Quanto custou essa viagem?

Eu não vim para o Brasil sozinho, eu vim com o meu amigo, posso dizer, um vizinho. A passagem foi em torno de 3 a 4 mil dólares pra chegar aqui no Brasil. E outra coisa, pra mim vir aqui, eu peguei ônibus do Haiti até República Dominicana, e da República Dominicana avião até o Panamá, e do Panamá até o Equador avião de novo, e depois do Equador até o Brasil de ônibus. Passei pelo Equador, Peru, até chegar no Brasil (Jean-Rabel).

Você veio com a passagem comprada para cada um dos países?

Desde que eu saí do meu país eu já tinha passagem de avião, que é da República Dominicana, Panamá e Equador. Antes de eu sair já tinha comprado. Depois o restante da viagem, do Equador até o Brasil, foi com coioite, que eu paguei, cada lugar que chegava eu combinava com eles, vai “tanto, tanto assim e nós paga”, a cada saída de um lugar a outro lugar, foi assim (Jean-Rabel).

Assim como Petite Rivière, Jean-Rabel também migrou para Lages/SC por meio de um contrato com uma empresa do município.

Minha ideia não era morar em Lages, mas morar em Rio do Sul. Quando eu cheguei lá nós tentamos ver se consegue achar um serviço na Pamplona, em Rio do Sul, daí não deu certo, não tinha vaga e como não tem vaga, a Minusa precisava de pessoas para trabalhar aqui, eles já conhecem os nossos serviços, como os haitianos imigrantes, né? Aqui no Brasil. Daí eles já tinham contato com o pessoal lá na Pamplona, eles iam buscar pessoas ali, eu fui ali e assim que eu vim pra cá (Jean-Rabel).

---

<sup>114</sup> Ver rodapé 104 na página 78.

Na efetivação das entrevistas foi possível identificar um padrão no direcionamento dos migrantes dentro do território brasileiro para Lages/SC, segundo relatos dos primeiros haitianos a chegar no município, empresas da região sul e sudeste recrutavam trabalhadores migrantes no estado do Acre, após cruzarem a fronteira entre Peru e Brasil, a partir deste movimento iniciou a interiorização destes migrantes.<sup>115</sup>

Os recrutamentos de haitianos para atividade laboral apresentam similaridades, o que sugere um padrão de comportamento do sistema, como relata a pesquisadora Letícia Helena Mamed (2018, p. 86):

Durante a triagem se verificava, por exemplo, o porte físico do imigrante, buscando avaliar a espessura das suas mãos e canelas, o que indicava, segundo o contratante, se a pessoa estava ou não acostumada com o trabalho pesado. Também se observava a condição da pele e, em alguns casos, até a genitália do trabalho, para identificar a presença ou não de hérnias que, de acordo com os avaliadores, manifestava maior ou menor disposição física para a atividade braçal e pesada, e até inviabilizava a execução desse tipo de atividade.

Torna-se inegável a relação entre os padrões de recrutamento realizados com os migrantes recém-chegados ao Brasil e os métodos de seleção utilizados pelos compradores de africanos escravizados nos séculos passados no Haiti e no Brasil. A relação entre ambos os processos revela a continuidade da exploração humana ao longo da história. Assim, ainda é possível identificar elementos de *reificação*<sup>116</sup> nesta relação, heranças de desumanização que fizeram parte do passado e seguem ainda presentes. Sobre estes processos, René Depestre (1984, p. 271, tradução livre) cita que “a reificação e a alienação ultrapassaram a estrutura econômica e social do trabalho servil para penetrar através dos poros do Negro até as estruturas viscerais da personalidade em pedaços”.

Na relação entre o processo de mobilidade social, geográfica e a força de trabalho, Harvey (2013) aborda que as políticas migratórias podem ser manipuladas a fim de atender determinadas demandas capitalistas. Assim, os fluxos entre os países de origem dos migrantes e os países de destino, ou até de um mesmo território nacional, além das questões políticas, econômicas e naturais – como o caso do Haiti, ocorrem devido à conjuntura do sistema capitalista global.

Embora houvesse uma rota padrão utilizada pelos migrantes que vieram ao Brasil, alguns haitianos entraram para o território brasileiro por outras fronteiras, como o caso de

---

<sup>115</sup> Conforme mapa da Figura 5 (Rota de migração Haiti/Brasil), disponível na página 77 desta dissertação.

<sup>116</sup> Verificar rodapé nº 12 na página 26.

Bassin-Bleu, 35 anos, que chegou ao país no ano de 2019, e ficou durante quatro semanas na fronteira da Guiana com o Brasil aguardando o visto.

Como foi a sua viagem? Quando você saiu do Haiti e chegou ao Brasil?

Eu saí do Haiti em 2019. Em setembro. Em setembro eu passei pela República Dominicana, depois cheguei na Guiana, depois peguei um ônibus, passei na fronteira e cheguei em Boa Vista. Depois peguei outro ônibus para Manaus, depois peguei outro avião para chegar em São Paulo. Depois de São Paulo, peguei outro avião para chegar em Porto Alegre, depois outro ônibus e cheguei aqui em Lages (Bassin-Bleu).

Quando saiu do Haiti já pensava em morar em Lages?

Na verdade, eu fiquei quatro semanas esperando documento, na fronteira da Guiana (Bassin-Bleu).

Quando você chegou aqui em Lages tinha emprego? Alguém esperando?

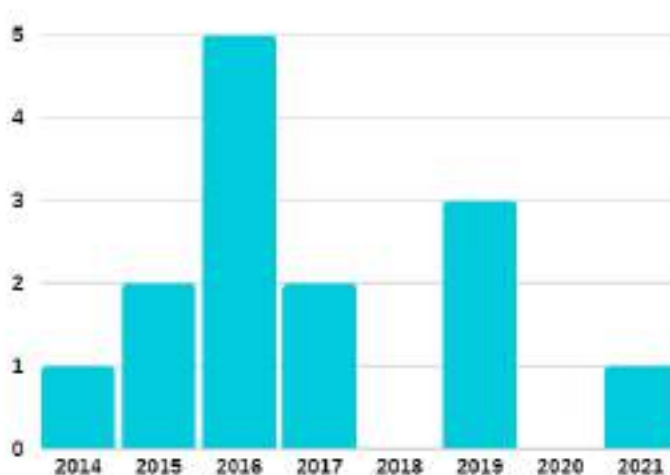
Eu fiquei quatro meses sem fazer nada, sem trabalho. Depois que eu cheguei em Lages, em setembro, eu comecei a trabalhar em janeiro de 2020.

Quando você chegou aqui tinha um grupo de haitianos pra te receber?

Foi minha irmã, já estava aqui (Bassin-Bleu).

Bainet, 33 anos, viajou com visto do Haiti para o Brasil, chegando em Porto Alegre/RS e vindo a Lages/SC em 2019, onde seu esposo já residia desde 2016. A última entrevista realizada foi com o casal Aquin, 28 anos, e Miragoâne, 24. Aquin veio sozinho para o Brasil, em 2017, em uma viagem de avião com visto e documentação legalizada. Miragoâne chegou a Lages/SC em 2021, também com as questões burocráticas regularizadas. O Gráfico 3 traz o levantamento quanto ao ano de chegada dos migrantes entrevistados em Lages/SC.

**Gráfico 3** – Ano em que os migrantes entrevistados chegaram em Lages/SC



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O ano de 2016 compreende o maior impulso na migração haitiana – conforme o universo dos migrantes entrevistados, em Lages/SC, é possível identificar avanços nas questões migratórias durante este ano. Ao final do ano de 2015, o governo brasileiro iniciou o processo de concessão de *residência permanente* para os migrantes haitianos que ingressaram no país com *solicitação de refúgio*. A nota abaixo noticia o avanço quanto a condição legal dos migrantes haitianos em território brasileiro a partir deste ano:

Brasília, 11/11/15 - A partir de amanhã, 43.871 imigrantes haitianos que moram no Brasil ganham o direito de solicitar residência permanente no país. Os ministros Miguel Rossetto (Trabalho e Previdência Social) e José Eduardo Cardozo (Justiça) assinaram nesta quarta-feira (11) medida que garante acesso a direitos como Saúde, Educação, carteira de trabalho e de identidade permanentes, benefícios previdenciários e visitar a família no Haiti ou recebê-la aqui. [...] No ato de assinatura, o ministro Miguel Rossetto deu ênfase à ampliação de direitos aos imigrantes e como a imigração traduz a diversidade do Brasil. “Esses cidadãos passam a ter residência permanente em nosso país, portanto, com os mesmos direitos dos demais imigrantes que trabalham e contribuem positivamente para construção da nossa nação”. Rossetto lembrou que a autorização de permanência atende ao compromisso da Presidenta Dilma Rousseff com a acolhida humanitária a cidadãos de outros países. A presidenta já havia manifestado, em setembro na Assembleia Geral da ONU, a disposição do Brasil de acolher os imigrantes e como essa convivência positiva torna o país mais rico. Rossetto defendeu que “este ato reafirma o Brasil como uma nação de acolhimento, uma nação aberta a todos aqueles que querem paz e reafirma a nossa história, construída também através de fluxos migratórios intensos” (Brasil, 2015, n.p.).<sup>117</sup>

A maioria dos haitianos entrevistados mostram o desejo de trazer familiares e se manterem em Lages/SC. Abaixo alguns relatos ao serem perguntados sobre a possibilidade de retorno ao Haiti ou estabilização no município de Lages/SC.

[...] até hoje não tenho consentimento pra voltar. Eu já fui lá, duas vezes, eu não consegui me adaptar, cheguei lá não consegui me adaptar com o clima, pra mim tá tudo diferente, tem uma vez que eu fui, não fui pra voltar, fui pra ir embora, mas cheguei e não consegui me adaptar, não consegui aguentar, temperatura do país, daí fui obrigado a voltar. Por exemplo, aqui, todos os meus parentes que estão aqui, primo, irmão, cunhado [...] (Petite Rivière).

Vontade eu tenho, é minha terra. Na verdade, voltar não pra ficar, mas pra passear, entendeu? Mas pra morar eu tenho vontade de ir pra outros países, pra seguir mais pra frente. Por enquanto de boa (Aquin).

Por enquanto não, tenho saudade, quero passear, mas pra voltar a morar ainda não (Bainet).

Na verdade, eu queria voltar para o Haiti, só que no Haiti não tem muita segurança, lá está pior. Esse lado eu já pensei de novo, mas não morar lá, só passear, visitar a família (Jean-Rabel).

---

<sup>117</sup> Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em: 04 jan. 2024.

Agora não. Ficar aqui, por momento. Quando meu país estiver bom, a pessoa tem que ir lá visitar a família. Visita, porque tem família, tem mãe, tem irmão lá. Não dá pra entrar todos aqui. Se tem possibilidade pra pessoa viajar pra visitar, nós temos que ir lá (La Chapelle).

Tenho, mas pra morar não. Só pra visitar. Preciso trazer meu irmão também, minha irmã, todos. Eu tinha mais ou menos umas seis, sete, familiares lá (Bassin-Bleu).

É o Brasil mesmo, inclusive eu tenho uma lageana aqui, minha filhinha nasceu aqui no Brasil. Agora eu tenho direito pra entrar no processo de naturalização, após 4 anos. Daí eu tenho esse direito agora e vou entrar (Fonds-Verretes).

Porém, o *espaço de mobilidade haitiana* (Handerson, 2015a) é identificado no desejo de Les Cayes e Jean-Rabel em migrar a outros países, o casal cita aspectos relacionados à integração cultural como um dos motivos.

Na nossa cultura tem festa, entre nós sempre tem uma coisa pra nós ir se divertir. Aqui nós chegar e nós não... não sei se nós não adapta a cultura de vocês. Aí tem muita coisa que... por exemplo, nos Estados Unidos, sempre tem festa, um grupo por exemplo... um cantor haitiano internacional que vai lá cantar (Jean-Rabel).

Na verdade, eu queria voltar para o Haiti, só que no Haiti não tem muita segurança, lá está pior. Esse lado eu já pensei de novo, mas não morar lá, só passear, visitar a família. Eu quero ir pra morar nos Estados Unidos ou Canadá, porque tem bastante haitianos (Les Cayes).

Após a conclusão das entrevistas, as análises realizadas permitiram identificar dois distintos padrões de migração entre os haitianos residentes em Lages/SC. Essas características no processo migratório corroboram com pesquisas anteriores sobre o tema em outros municípios e regiões do Brasil e evidenciam a presença desses padrões migratórios neste contexto específico. Sendo que:

- Os primeiros movimentos ocorreram em sua maioria por homens, em viagens mais complexas, envolvendo coioetes (agenciadores ilegais, e diferentes modais) aéreo e rodoviário entre países, antes de chegar em solo brasileiro;
- Foi possível identificar que os primeiros migrantes haitianos que se estabeleceram em Lages/SC foram atraídos no Estado do Acre para o interior de Santa Catarina por meio da contratação de indústrias produtoras de maçã, alimentos, e de indústria de bens de capital. Essas indústrias viabilizaram a viagem dos migrantes até o município, a partir deste movimento foi sendo formada a população haitiana em Lages/SC;
- Posteriormente, o fluxo tende a aumentar com a presença de mulheres – esposa ou familiares dos migrantes já estabelecidos no município, e filhos, em viagens aéreas e



de maneira legalizada, desde o Porto Príncipe até São Paulo/SP ou Porto Alegre/RS, com trânsito rodoviário interestadual até Lages/SC.

Sobre os processos migratórios na contemporaneidade, Hardt e Negri (2018) identificam que as migrações constituem uma parcela da crise do neoliberalismo.

O número estarrecedor de migrantes e seu sofrimento certamente incriminam governos nacionais e estruturas de governança global, demonstrando até que ponto as vidas das pessoas são tornadas inviáveis pela guerra, pelas dificuldades econômicas e pela perseguição política. As perigosas e dolorosas jornadas da maioria dos migrantes são testemunhos do quão terrível sua situação deve ser. Os números de migrantes servem também para indicar os países dominantes e as instituições globais, que consistentemente falham em oferecer ajuda suficiente aos necessitados (Hardt; Negri; 2018, p. 287).

Na próxima subseção, serão explorados os relatos derivados das entrevistas realizadas a partir das questões relacionadas ao mundo do trabalho, situação econômica e remessas financeiras aos familiares. Esses temas são indicativos do impulso principal a esse processo migratório.

#### 4.4.2 Trabalho e Economia

A lógica do capital se expressa em todas as relações sociais e esferas da vida, sendo que a história humana e as suas transformações caminham pela metamorfose do regime socioeconômico capitalista. O neoliberalismo, desde o seu nascimento na década de trinta do século XX, até a atualidade, se baseia na divisão do trabalho e é regulada pela perversidade do mercado (Dardot; Laval, 2016). Para Milton Santos (2021a) a perversidade desse sistema encontra amplitude no final do século XX, a partir das mudanças significativas quanto às condições técnicas e tecnológicas, submetidas a “emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e da informação, intimamente relacionadas” (Santos, 2021a, p. 49).

O modo de produção capitalista, baseado na exploração da *força de trabalho*<sup>118</sup> e na intensificação da *mais-valia*<sup>119</sup>, resulta na concentração de riqueza nas mãos de poucos, criando desigualdades econômicas que fundamentam a sua existência e relegam os trabalhadores a condições precárias de vida. O nível de concentração de capital é exorbitante, atualmente no Brasil, seis pessoas detém mais riqueza que a metade mais pobre da população e, no mundo,

<sup>118</sup> Para a teoria marxista, a “força de trabalho” compreende a energia humana empregada no processo de trabalho (Harnecker, 1983).

<sup>119</sup> Verificar rodapé nº 91 na página 70.

1% da população possui mais patrimônio que o 99% restante (Dowbor, 2020). Devido à desigualdade na distribuição de riqueza e às dificuldades econômicas enfrentadas, milhões de pessoas são forçadas a emigrar de seus países, todos os anos (Hardt; Negri; 2018).

A desumanização do neoliberalismo, potencializada pelas questões raciais é descrita por Mbembe (2014, p. 13) como um movimento que “caracteriza-se também pela produção da indiferença, a codificação paranoica da vida social em normas, categorias e números [...] a partir de lógicas empresariais”. Sendo que, “o capital não só nunca pôs termo à fase de acumulação primitiva, como sempre foi recorrendo a subsídios raciais para a executar” (Mbembe, 2014, p. 50).

Os relatos dos migrantes haitianos trazem evidências do *modus operandi* da fase atual do capitalismo. É perceptível a condição de *superexploração da força de trabalho* e o processo de *alienação-zumbificação*<sup>120</sup> (Depestre, 1984), afastando os trabalhadores de sua relação com o objeto de trabalho, e os colocando em uma posição em que o seu tempo é direcionado para uma intensa busca por recursos a fim de garantir a manutenção de suas vidas e de suas famílias. Para Cadet (2022a, p. 66, tradução livre):

Uma análise marxista da zumbificação deve partir de dois elementos: a degradação do ser e o fato deste ser trabalhar para os outros. A primeira explica uma perda da essência do sujeito que não consegue mais realizar determinadas ações. Ele perdeu a subjetividade diante de um outro que o domina. O outro elemento refere-se à exploração. É a intenção principal de qualquer processo de zumbificação. O “zumbi” torna-se realidade num campo de trabalho que o limita. A sua realização nada mais faz do que suprimir a sua existência humana para se colocar ao serviço de um existir consciente e ativo. Esses dois elementos justificam o encontro conceitual entre alienação e zumbificação.

Ao aproximar o diálogo com Marini (1973)<sup>121</sup> compreende-se que a *superexploração da força de trabalho* é uma forma específica de exploração que ocorre nas economias dependentes da América Latina. Essa “*superexploração*” é caracterizada pelo pagamento de salários abaixo do valor da *força de trabalho*, o que permite aos capitalistas apropriarem-se de uma parcela maior do excedente da produção, aumentando a sua margem de lucro. Essas características impõem uma situação de pobreza à classe trabalhadora. Contudo, a condição do trabalhador migrante é ainda mais precária que o nativo, Mamed (2018, p. 91) afirma que:

[...] ainda que brasileiros e haitianos integrem a mesma classe trabalhadora, a situação do imigrante é sensivelmente agravada pela (a) condição própria de estrangeiro, sem

---

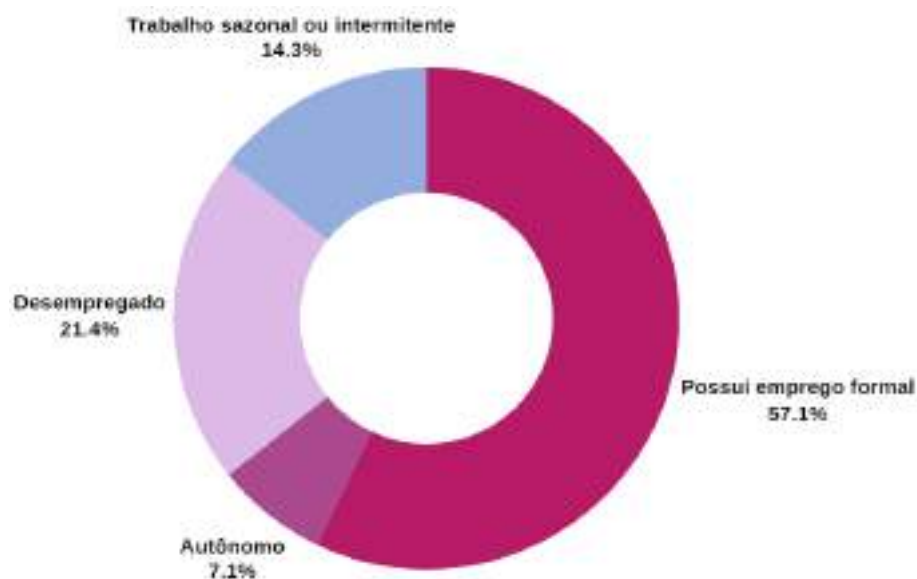
<sup>120</sup> Explicação do conceito na página 25.

<sup>121</sup> Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialetica.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.

conhecimento da língua, burocracia e legislação trabalhista, o que os torna vítimas fáceis dos circuitos de empregabilidade e superexploração; (b) a necessidade imperiosa de trabalhar, muitas vezes sob quaisquer condições, sendo reféns de assédios e adubos, para conseguir assegurar sua sobrevivência no país e efetuar remessas; (c) sem moradia própria e redes de contatos que facilitem a locação, eles também se tornam alvos fáceis de especulação imobiliária; (d) complementarmente, o desafio de precisarem conviver e subsistir face a cultura do preconceito racial e social no país.

De modo geral, a questão central para os migrantes está na insuficiência salarial, que representa um desafio para a manutenção de suas vidas no Brasil e para o envio de remessas financeiras às suas famílias no Haiti. Dentre os haitianos que entrevistei, a maioria está inserida em ocupações formais, caracterizadas pelo registro em carteira e garantia dos direitos trabalhistas. Também há haitianos em atividades laborais de natureza autônoma, ligadas a empregos sazonais e temporários. Abaixo, no Gráfico 4, trago a situação dos haitianos entrevistados para esta dissertação, quanto a sua inserção nos espaços laborais.

**Gráfico 4 – Situação quanto ao trabalho**



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O pioneirismo de Petite Rivière em Lages/SC, não apenas evidencia as mudanças nas configurações quanto à seguridade de direitos trabalhistas na última década, como também traz consigo relatos de exploração laboral e até mesmo violência cometida em ambientes de trabalho.

[...] tem muitas coisas erradas aqui na cidade. Os “chefão” dos serviços, os “patrão” faz o que quiser. Na época que cheguei não tinha muito caso aqui (violência laboral),

mas esse caso é o primeiro que aconteceu e foi resolvido na hora. Isso foi em 2015 (Petite Rivière).

Você percebe que o direito do trabalhador tenha diminuído?

Não é diminuído, foi tirado, não tem mais direito pra nós trabalhadores (Petite Rivière).

Você percebe isso com haitianos e brasileiros?

Eu percebo pra nós, no caso, pra nós, pode acontecer pra brasileiro, porque tem coisa que eu não sei a finalidade das pessoas, dos brasileiros, mas pra nós é muito diferente. Onde você vê um patrão levantar a mão pra bater num funcionário, onde você vê isso? Nunca vi um brasileiro dizer que um patrão levanta a mão pra bater neles. Mas com haitiano já aconteceu, não é só uma vez, não é só um (Petite Rivière).<sup>122</sup>

A experiência relatada por Petite Rivière deve ser apresentada no cenário das rupturas políticas e suas implicações sobre os direitos dos trabalhadores. Para Ricardo Antunes (2018), as mudanças na legislação trabalhista nos últimos anos impostas a partir do governo de Michel Temer, que ascendeu ao poder por meio de um Golpe de Estado, e intensificadas pelo governo de Jair Bolsonaro, seguem a pauta imposta pelo grande capital. As reformas possuem como objetivo privatizar empresas estatais, preservar os interesses dominantes e suprimir direitos trabalhistas, trata da “demolição completo dos direitos do trabalho no Brasil” (Antunes, 2018, p. 269).

O objetivo perfilado pelo governo de Michel Temer, no universo das relações de trabalho, é corroer a CLT e cumprir a “exigência” do empresariado [...], cujo objetivo não é outro senão implantar a sociedade da precarização total do trabalho no Brasil (Antunes, 2018, p. 269-270).

Nas relações de trabalho, os migrantes tendem a ter um tratamento ainda mais opressivo que o trabalhador nativo. Neste cenário, o migrante torna-se uma força de trabalho facilmente explorável, Harvey (2008, p. 181) afirma que “no âmbito da neoliberalização, emerge no cenário mundial a figura prototípica do trabalhador descartável”.

Os migrantes haitianos relatam que, no geral, há disponibilidade de emprego, porém, o salário é baixo. A questão do trabalho e a remuneração insuficiente para as demandas no Brasil e no Haiti, são apontadas como um dos fatores de dificuldade para a inserção dos haitianos em Lages/SC. Abaixo, algumas respostas dos migrantes para a seguinte pergunta: “Qual a maior dificuldade para o haitiano morar em Lages/SC?”

Aqui em Lages... é o trabalho, trabalho especificamente, porque eu sei que os haitianos vêm aqui pra trabalhar, porque na cabeça deles mesmo é pra trabalhar, porque vem

<sup>122</sup> O haitiano Petite Rivière informou que esta situação de violência está sendo tratada judicialmente.

aqui, deixa família, deixa criança, esposa lá no Haiti e vem aqui pra começar uma vida nova pra poder sustentar melhor lá (Fonds-Verretes).

Eu acho que o mais difícil mesmo é o trabalho, que já entra também essa parte que é um pouquinho de preconceito também, até pra conseguir um trabalho é bem difícil (Aquin).

Problema de trabalho, salário (Miragoâne).

A gente trabalha muito e recebe pouco, é muito pouquinho (Bainet).

Pra mim é o dinheiro. Porque aqui, assim, no Haiti se está doente, interna no hospital, não vai conseguir aguentar, a gente paga cama, médico, tudo é particular. A maioria lá é só dólar. Tem pessoas que tem filho aqui e se deixar um filho lá, esposa lá, não vai conseguir aguentar pagar escola, lá é tudo caro. Tudo paga. (Les Cayes).

Pra mim é a financeira (Ennery).

O salário... salário que é mínimo, não paga bem. E quando veem que a pessoa é estrangeira, deixam muita coisa pro estrangeiro fazer. [...] Eu tenho três anos aqui em Lages, neste mês fez um ano de carteira assinada, não achei serviço quando cheguei aqui, dois anos sem serviço, só ele (o esposo, Pétion-Ville) que trabalha, agora eu tenho um ano lá no serviço (La Chapelle).

Em Lages/SC, o migrante Jean-Rabel trabalhou em uma indústria de produção de bens de capital desde a sua chegada na cidade até 2023, quando conseguiu um acordo – uma prática informal em que a empresa dispensa o trabalhador, mas este concorda em renunciar a uma porcentagem do Fundo de Garantia, essa prática é usual em situações em que o trabalhador deseja deixar a empresa, mas procura garantir algum direito, como o acesso ao seguro-desemprego, que não é concedido a quem pede demissão. Les Cayes trabalhou na indústria têxtil até 2023. Atualmente, o casal e seus filhos, estão morando no México, buscando possibilidades de acesso aos Estados Unidos.

É pertinente ressaltar que dentre os desempregados, a maior parcela encontra-se entre as mulheres – aquelas que estão nessa condição possuem atribuições como o cuidado doméstico e com os filhos.<sup>123</sup> Bainet, mãe de duas meninas haitianas, trabalha de forma autônoma, vendendo roupas e calçados durante a semana, e nos fins de semana, realiza serviços de limpeza em um restaurante, além de receber uma pensão. Seu esposo, haitiano que residia em Lages/SC desde 2016, faleceu devido a um infarto em 2019. A formalidade do emprego de seu esposo em um supermercado assegura o recebimento deste direito.

---

<sup>123</sup> A questão de gênero não é o foco desta dissertação, todavia, a realidade das mulheres migrantes haitianas possibilita um caminho necessário para um estudo aprofundado.

Neste sentido, recomendo duas obras:

- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.  
- Lôbo, Jade Alcântara. Para além da Imigração Haitiana: racismo e patriarcado como sistema internacional. Curitiba: Appris, 2020.

**Figura 6** – Migrante haitiana cozinhando

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

**Figura 7** – Migrante com bandeira do Haiti em Lages/SC

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Submetido a uma jornada dupla de trabalho, o haitiano Aquin trabalha em uma indústria papeleira durante o período noturno, e é motorista de aplicativos no seu contraturno. Sobre o processo de *uberização* do trabalho, Antunes (2023, p. 520-521) afirma que:

[...] no sistema Uber, os/as motoristas não podem recusar as solicitações (em geral tem um limite de três recusas, desde que justificadas), já que, ao fazê-lo, correm o risco de serem demitidos, “desligados” unilateralmente pela plataforma. Cria-se, desse modo, uma disponibilidade enorme para o labor, possibilitada pela expansão do trabalho on line, digital, pelos “aplicativos” e plataformas que se utilizam cada vez mais intensamente dessa força de trabalho sobrando que, entretanto, é apresentada pelas plataformas como “prestadora de serviços”, “trabalho autônomo”, configurando modalidades de trabalho que mascaram o trabalho assalariado, individualizando-o, invisibilizando-o e, assim, escapando da legislação social do trabalho existente nos países onde estas plataformas atuam.

O trabalho informal, num contexto de complementação de renda, também é uma realidade para outros haitianos, como o caso de Gonaïves, que trabalha em uma empresa de transformação e comércio de embalagens plásticas e, ainda, realiza reparos gerais em outros horários. Para Vendramini (2018, p. 247) o trabalhador migrante, segmentado social e cultural, constitui “uma das populações mais vulneráveis na atualidade e, por isso mesmo, reforçando a subordinação geral da classe trabalhadora”.

Outras possibilidades laborais são identificadas para aqueles que possuem a possibilidade de se capacitar profissionalmente no Brasil ou detêm formação em outros países, como o caso de Fonds-Verretes, o migrante trabalhou como professor de língua espanhola na República Dominicana, é professor de língua francesa em uma escola de idiomas em Lages/SC

e agricultor urbano (Figura 8), faz parte da cooperativa *AGRILAGES*<sup>124</sup>, por meio da qual comercializa produtos orgânicos.

[...] eu sou produtor também de produtos ecológicos, legume e verdura [...] faço parte da *AGRILAGES*, que é associação produtores em Lages. Tem uma relação com a Secretaria de Agricultura Familiar aqui, e a gente está sempre junto, participando dos eventos, entregando na merenda escolar, essas coisas também, a gente acaba aprendendo bastante coisas, socializa muito mais com o povo brasileiro em comum.

**Figura 8** – Haitiano agricultor urbano em Lages/SC



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em suma, a questão econômica é o elemento principal que motiva os haitianos a emigrarem de seu país. Relatado em todas as entrevistas, há uma constante quanto a finalidade deste fenômeno migratório, consistindo, principalmente, em três objetivos:

- Buscar uma melhor condição econômica para a família nuclear no Brasil ou Haiti;
- Envio de dinheiro para sua família, nuclear ou extensa, no Haiti;
- Levantamento de recursos – poupança e empréstimos com outros migrantes, a fim de subsidiar a vinda de familiares (geralmente esposa e filhos) para o Brasil.

Em maior ou menor escala, para todos os migrantes haitianos há um destino certo para uma parcela significativa de seus ganhos: o envio de recursos financeiros para familiares no Haiti. Algumas famílias dependem exclusivamente do migrante que está fora do Haiti, como é o caso de Saint-Marc.

A minha história é complicada, eu não tenho filho, tenho afilhada. A minha família é complicada, meu pai não pode mais trabalhar. A casa... a família está no meu braço,

<sup>124</sup> Associação de agricultores familiares de Lages/SC.

pai, mãe, está no meu braço. Todos os meses a gente tem que mandar (dinheiro), porque eu sei o que tem e o que não tem na casa. A comida, eu sei quantos pode ficar, quantos dias não pode ficar, não pode faltar, entende? Então, a gente tem que fazer qualquer serviço que encontra rapidamente para poder manter a casa. Às vezes chega no mês e o dinheiro não entra, eu tenho que procurar um amigo para entregar um dinheiro lá em casa para eu ter paz. Porque a minha mãe já falou pra mim: “agora a casa é sua, a família está no seu braço, eu não tenho como fazer nada” e o meu pai chamou: “meu filho, você vai me desculpar, você já sabe, sofro com doença”, eu disse “que isso, não tem problema, acontece”. Você tem que achar uma maneira de ajudar a família (Saint-Marc).

Sobre a necessidade de auxílio financeiro aos familiares no Haiti, os demais entrevistados, ao serem perguntados se enviam recursos financeiros mensais, afirmaram que:

Todo mês, no que consigo serviço tem que repartir o pão, quem está no Haiti e quem está aqui, e pra pagar aluguel... coisa... sozinho, não cansa. Tem momento, patrón, que lá na empresa... pega férias... eu não consigo sentar em casa pra descansar um pouco, trabalho direito pra conseguir dinheiro pra manter a comida deles (Gonaïves).

Eu mando cada mês duas vezes. Porque minha esposa não trabalha. Tem que pagar conta lá no Haiti, pagar criança também... pagar escola para elas. Tudo isso... mando duas vezes. Minha mãe também... meu pai não enxerga, tem problema de visão, não enxerga, fica em casa, nunca sai, se não tem alguém pra sair com ele, não consegue caminhar sozinho. Minha mãe também... ela enxerga... ela aluga casa também, eu pago aluguel pra ela também. É difícil (Bassin-Bleu).

Sim, mando todos os meses (Les Cayes).

Mais ou menos, por mês, R\$ 600,00 que eu mando para minha mãe. O Western Union e MoneyGram que usa para mandar o dinheiro lá (Jean-Rabel).

Mensalmente tem obrigação que mandar dinheiro pra ela (filha) comer e os outros, tipo assim, eu tenho que mandar R\$ 500,00 esse mês e eu não tenho, tenho que fazer uma força pra mandar R\$ 300,00, mas sempre tem que mandar (Ennery).

Preciso, porque temos parente, mãe... temos os irmãos também, que às vezes precisam e tal, temos que ajudar. Claro que não é todo mês, mas a gente manda alguma coisa. Nossa obrigação também, né... o valor vai variando (Aquin).

Não tem certo, só se eu quiser mandar US\$100 esse mês, mês que vem US\$50... fica bom (Pétion-Vile).

Sim, às vezes (Miragoâne).

Às vezes, não é frequente mandar porque quase todos nós estamos aqui no Brasil agora. Uma família grande, de sete filhos, é um time grande, praticamente somos seis aqui no Brasil. Tem uns que moram lá em Balneário, uns em São Joaquim, eu em Lages (Fonds-Verretes).

As remessas são utilizadas para gastos básicos, como alimentação e saúde, na maior parte privado no Haiti. Essa é uma das principais motivações para este movimento migratório. Estima-se que cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do Haiti, atualmente, é composto



pelas remessas de migrantes, sendo a principal forma de entrada de recursos financeiros provenientes da América Latina (Magalhães; Baeninger, 2016).

Cabe destacar a necessidade de combater a precarização do trabalho dos migrantes haitianos, impedindo que sejam relegados a uma condição de subclasse trabalhadora. A inclusão e integração desses novos membros na sociedade local são fundamentais para garantir que possuam os mesmos direitos, oportunidades e representação que os trabalhadores locais. Pois, conforme afirma Harvey (2014, p. 249): “a luta pelos direitos coletivos dos cidadãos (como os dos trabalhadores imigrantes) deve ser vista como parte integrante da luta de classes anticapitalista”.

#### 4.4.3 Inserção educacional

Os processos educativos podem ocorrer em diversos espaços, para além do ambiente escolar, de maneira organizada e sistematizada por associações, organizações, sindicatos e movimentos sociais; ou podem estar estabelecidos no cotidiano das relações sociais de maneira orgânica. Para Gohn (2020) o processo educacional pode ser: a) formal – desenvolvido nas escolas, com conteúdos demarcados e que visa a obtenção gradual de títulos; b) informal – opera nos processos cotidianos de socialização – bairro, família, clube etc.; e c) não-formal – processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, ocorre geralmente em organizações coletivas e projetos sociais em geral.

Moura e Zucchetti (2010) consideram que mesmo que práticas educacionais aconteçam fora do espaço escolar, alguns processos, como os socioeducativos institucionais e outros que atendam determinadas políticas públicas, se configuram como formais devido as suas relações pedagógicas hierárquicas e o esvaziamento da sua dimensão crítico-política. Desta forma, as autoras defendem a utilização do termo *educação não escolar*<sup>125</sup>. “[...] a nomeação “escolar” e “não escolar” é mais adequada porque nos permite referenciar e demarcar a educação por aquilo que lhe é intrínseco: às práticas pedagógicas [...]” (Moura; Zucchetti, 2010, p. 632). O processo de *educação não escolar* é caracterizado por Zucchetti *et al.* (2017, p. 79) dessa maneira:

[...] a educação não escolar [...] dialoga com conceitos como: práticas de educação, educação não formal e informal, participação, gestão, instituições/organizações governamentais, infância, adolescência, juventude, mulheres, idosos, formação de

<sup>125</sup> É importante frisar que a educação não escolar não está em contrariedade com a educação escolar, pois suas práticas podem se encontrar em complementaridade e/ou associação aos métodos de ensino em espaços institucionais. A educação não escolar se constrói por meio da “práxis científica e social operada a partir das concepções pedagógicas e do reconhecimento crítico e contextualizado da realidade [...]” (Severo, 2015, p. 574).

educadores, entre outros, constituindo-se, desta forma, em tópico específico da educação.

Assim, optou-se nesta dissertação pela utilização do termo *educação não escolar*, por compreender que os processos de educação que ocorrem fora do espaço escolar podem possuir aspectos de carácter formal e não-formal. Desta forma, entende-se que o termo abrange maiores possibilidades de identificação e compreensão dos processos de inserção da população migrante nos meios educacionais do município de Lages/SC.

Quanto ao acesso aos espaços escolares em seus países de origem, a inserção da população haitiana é limitada, concluir os estudos na educação básica no Haiti não é uma possibilidade universal no país, já que cerca de 90% das escolas são de carácter privado e, mesmo precárias, possuem mensalidades elevadas que não condizem com as possibilidades da maioria dos haitianos. Ao avaliar a condição educacional do Haiti, Castor (2018, n.p.) afirma que:

A escola pública é quase inexistente e, [...] mais de 80% dos meninos e meninas escolarizadas frequentam uma escola particular. Estas quase sempre possuem péssimas condições de infraestrutura e nem sequer podem ser reconhecidas como estabelecimentos escolares pelos casuais visitantes de Porto Príncipe que as observam. Na verdade, antes do terremoto, um passeio pelas ruas da cidade permitia identificar que dezenas de escolas funcionavam em galpões ou no segundo andar de construções altamente precárias, misturadas com moradias e negócios, sobrepostas, espremidas, em ruínas antes mesmo que se anunciasse que a cidade de Porto Príncipe havia sido destruída por causa do tremor de terra. A escola particular tem um custo muito alto. [...]. O custo médio de uma escola pré-escolar haitiana está entre 70 dólares anuais e o de uma escola de primeiro grau 160 dólares. Um valor desmedido num país com uma renda per capita média de 414 dólares. Em outras palavras, enviar uma criança à escola de primeiro grau consome 40% da renda anual média de um adulto haitiano, supondo que este possui algum tipo de renda. Considerando que mais de 30% da população não possui emprego formal ou informal, que não existem políticas assistenciais que financiem a falta de recursos derivados da inexistência de uma renda trabalhista e que somente 10% das escolas nacionais são públicas, é inevitável reconhecer a trágica insignificância do direito à educação para as famílias mais pobres no Haiti.

Sobre o nível de escolaridade que os migrantes possuíam no Haiti, as respostas indicam que a maioria não conseguiu terminar o nível equivalente ao Ensino Médio no país.

Eu não terminei o ensino médio lá. Não foi completo (Pétion-Ville).

Faltou mais ou menos uns dois anos pra eu terminar tudo, por causa da família eu deixei a escola, para trabalhar, para casar (Bassin-Bleu).

Eu só estudei até os 9 anos... fundamental incompleto (Gonaïves).

Não terminei (Estère).

Ensino médio incompleto (Bainet).

Até o fundamental (Miragoâne).

Até o 7º ano. Eu estudei um pouco na República Dominicana também (Ennery).

Lá no Haiti... até 5ª série (Saint-Marc).

Em Lages/SC, no âmbito da educação básica, segundo os dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED-SC; Anexo D) referente às escolas estaduais, que abrangem desde o Ensino Fundamental nos anos iniciais até o Ensino Médio, assim como a educação de jovens e adultos; e pela Secretaria Municipal de Educação de Lages (SMEL; Anexo E), responsável pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental, observa-se que aproximadamente 10% da população haitiana residente em Lages/SC está matriculada em uma das instituições de ensino público deste município. Os dados abaixo foram levantados considerando a totalidade dos migrantes haitianos residentes em Lages/SC, ou seja, estão inclusos crianças e adolescentes, faixa etária que não está relacionada no perfil dos entrevistados para esta dissertação, todavia, consiste em uma importante informação para o contexto da condição educacional dos migrantes no município (Quadro 4).

**Quadro 4** – Haitianos matriculados nos sistemas públicos de ensino em Lages/SC

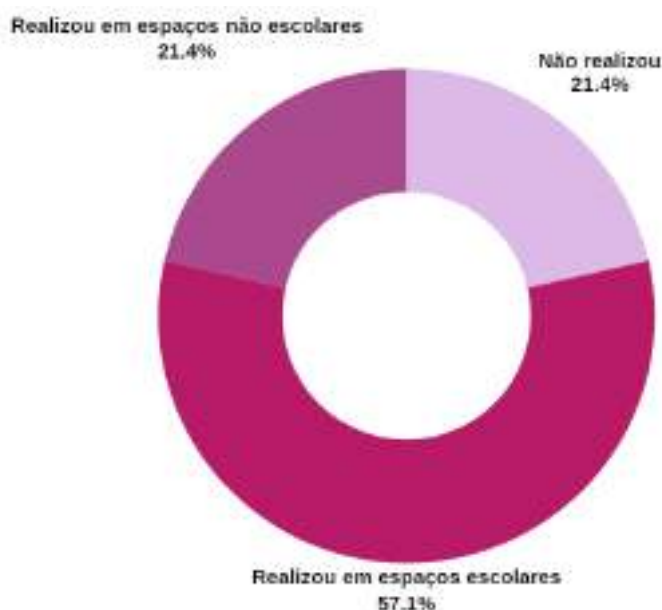
<b>Sistema de Ensino</b>	<b>Quantidade</b>
Sistema municipal	2
Sistema estadual	11
Total	13

Fonte: Elaborado pelo autor com informações da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (Anexo D) e Secretaria Municipal da Educação (Anexo E) referente ao ano de 2023.

Nas entrevistas com a população haitiana em Lages/SC, constatei que o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA)<sup>126</sup> desempenha um papel importante na inserção dos migrantes na educação escolar, ao oferecer acesso à obtenção dos diplomas de Ensino Fundamental e Médio. Além disso, alguns migrantes estão inseridos em espaços de educação não escolar por meio de cursos profissionalizantes oferecidos pelas empresas onde trabalham, ou em instituições que oferecem capacitações específicas. Outro processo importante ocorre na prática de educação popular, promovida pela Cáritas Diocesana, que será abordada na próxima seção.

No Gráfico 5, estão as porcentagens quanto ao acesso aos meios educacionais no município de Lages/SC.

<sup>126</sup> Localizado no centro de Lages/SC.

**Gráfico 5** – Realizou algum curso, escolar ou não escolar, em Lages/SC?

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A necessidade de trabalhar e gerar recursos financeiros é um dos motivos principais que afasta os migrantes dos espaços de educação escolar. Essa realidade evidencia a complexidade enfrentada pelos migrantes, entre o desejo de estudar formalmente e a urgência em prover suporte para a família no Brasil e no Haiti. O migrante Ennery cita que já tentou estudar no CEJA, porém, os compromissos com o trabalho atrapalharam o andamento dos estudos e sua presença nas aulas.

Qual o motivo por não conseguir terminar?

Trabalho. Eu queria juntar dinheiro, parei de estudar e arrumei dois empregos. Só trabalho e eu começava assim, chegava atrasado, levava advertência... aí eu desisti, era isso. Aí eu conversei com a professora, mas desisti mesmo, não vai dar certo pra mim, meio cansado, sabe? Chegava, tarefa não tava pronta pra entregar (Ennery).

O diálogo com a migrante La Chapelle evidencia o desejo em estar inserida nos processos educacionais escolares, porém, há impossibilidade devido a demanda laboral. O mesmo ocorre com o migrante Bassin-Bleu, conforme diálogo abaixo:

Você frequentou o CEJA?

Sim, eu não fiquei mais... fiquei dois dias só (La Chapelle).

Por quê? Qual problema encontrou lá?

La Chapelle: Eu não tive nenhum problema, mas eu achei um serviço à noite (La Chapelle).

Você pretende voltar a estudar? Fazer faculdade?

Eu quero, mas por dinheiro... tem que trabalhar. Por isso não sei se vou conseguir faculdade, tem coisas que as pessoas falam não entendo bem, por isso quero fazer curso de português. Me deram um dicionário para buscar palavras que não entendi (La Chapelle).

Aqui no Brasil, frequentou algum espaço escolar?

Por causa de tempo, não tem tempo. Tem curso de noite, eu trabalho de noite também, não tem curso de dia. E agora eu tentei ver um serviço de dia também, porque eu preciso de dinheiro. E por isso, no caso, minha filha vai vir... eu preciso de dinheiro para trazê-la também. Eu preciso disso. Eu fui conversar lá no Senai, pra fazer um curso de Manutenção de Empilhadeira, esse curso funciona de noite, eu trabalho de noite. Não tem tempo (Bassin-Bleu).

Essa realidade também é constatada na pesquisa de Mamed (2018, p. 91) ao afirmar que:

Com o ritmo de trabalho [...] resta a eles poucas horas de descanso e lazer. Aqueles que sonhavam em poder retomar ou prosseguir com os estudos no Brasil, logo tendem a desistir, justamente por não conseguirem conciliar horários [...]. Os domingos são os únicos dias da semana em que não trabalham, sendo estes reservados para a visita à igreja, aos afazeres domésticos e cuidados dos filhos.

Dentre as experiências vivenciadas pelos migrantes no espaço escolar, destaco abaixo recortes das entrevistas que tratam da relação entre os haitianos, colegas e professores no CEJA:

Você frequentou algum espaço escolar aqui no Brasil?

Eu fui na escola, CEJA, porque eu fiquei três anos e meio na escola aqui, no CEJA, eu terminei o ensino médio completo (Pétion-Vile).

Como era lá no CEJA?

Era muito importante, muito bom, muito legal, porque os professores... era um prazer ficar comigo, conversar sempre (Pétion-Vile).

Os professores gostavam?

Gostavam, ficava com eles aprendendo. Tenho o certificado na mão. Às vezes eles me ajudavam quando eu estava com dificuldade, dava dinheiro, traziam compra pra mim, comida (Pétion-Vile).

Você teve alguma dificuldade nas aulas?

Aham, sempre acontece, mas os professores muito pacientes, me explicam, algum aluno também ajuda a fazer as atividades. Então, bem legal (Pétion-Vile).

Como está sendo o entendimento sobre as aulas?

Sim, eu entendo, só na História que eu não sei nada sobre a História do Brasil, essa parte é muito complicada (Bainet).

Como é lá no CEJA? É bem recebida? Como é a relação?

Tá tudo bem, os professores são muito legais. Tá tudo normal. Eu termino no ano que vem (Bainet).

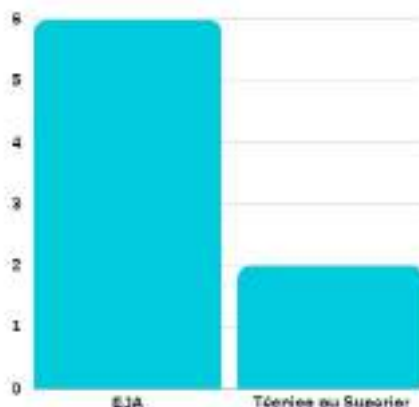
[...] na parte didática foi bem, porque os professores são bons, eles explicam, eles têm paciência, eles ensinam uma maneira pra você entender. Mas o que eu notei também a parte social que é meio fraco, porque não sei é uma coisa cultural ou não, meio fraco essa parte, porque, entre os alunos, não só comigo, mesmo entre eles não tem interação, eles não se socializam como lá no Haiti, a gente já desde o primeiro dia já vem amizade, já vem.... professor tem que ficar gritando “ei! silêncio”, mas aqui é diferente, a gente sentia todo mundo uma tristeza na aula, só essa diferença, mas pra

mim foi bem. No CEJA também tem uns professores bons, eles explicam o conteúdo e eu passei em tudo, graças a Deus. Eu aprendi bastante coisa (Fonds-Verretes).

[...] houve uns dois haitianos que foram lá no CEJA, achou que eles ensinavam português, mas chegou... eles já fizeram a inscrição tudo, é normal, mesmo tratamento (que o estudante brasileiro), eles tiveram que abandonar (Fonds-Verretes).

Dos 14 migrantes entrevistados para essa pesquisa, 57,1% frequentam ou frequentaram espaços escolares, apenas dois estão inseridos no Ensino Superior, os demais, estão cursando ou concluíram o Ensino Médio no CEJA, ou não se inseriram em nenhum processo de educação no município. O Gráfico 6 apresenta como ocorre essa distribuição entre o grupo inserido nos espaços escolares.

**Gráfico 6** – Espaços escolares frequentados (dentre os 57,1%)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O migrante Fonds-Verretes vivenciou diferentes espaços escolares em Lages/SC, concluiu o Ensino Médio no CEJA, o curso de tecnólogo em Agroecologia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e, atualmente, cursa agronomia no Centro de Ciências Agroveterinárias na Universidade do Estado de Santa Catarina (CAV/UEDESC). Além de *créole*, o migrante também é fluente em inglês e espanhol, atualmente é professor de francês em uma escola de idiomas no município. A família de Fonds-Verretes é formada por outros seis irmãos, sendo que apenas um não está no Brasil, isso diminui o peso do envio de remessas financeiras para o Haiti. Desta forma, o migrante possui uma condição favorável às possibilidades de capacitação e formação profissional.

Eu entrei aqui no Brasil com uma porcentagem mais ou menos da língua portuguesa. Porque durante meu tempo de serviço no turismo (na República Dominicana) a gente teve oportunidade de encontrar bastante estrangeiro, quase de todo o mundo, inclusive os brasileiros, eu era autodidata, consegui uns livros, dicionários e comecei a estudar português para sobreviver lá. Porque foi o objetivo principal, por isso que entrei aqui

no Brasil com uma “luz” na língua. Daí conforme o tempo passa estou melhorando (Fonds-Verretes).

Primeiro eu fiz (curso no IFSC) Adubação Verde, depois Produção Orgânica, eu formei, e aí vi que aqui tinha bastante espaço, outra facilidade, depois que eu fiz Agroecologia, fiquei gostando demais. [...] Fiz CEJA, participei, fiz vestibular, fiz tudo. Até estou cursando um estudo superior que é Agronomia (CAV/UEDESC) (Fonds-Verretes).

Também inserido no Ensino Superior, Aquin fez curso de língua portuguesa na Universidade De Caxias do Sul (UCS), por meio digital e prova presencial nessa Universidade localizada no município de Caxias do Sul/RS, cursou Eletrotécnica no Centro de Educação Profissional Industrial (CEDUP), em 2020 – não conseguiu concluir devido às mudanças nos horários por conta do emprego, e atualmente cursa Engenharia Mecânica no Centro Universitário Facvest (UNIFACVEST).

Aqueles que não frequentaram espaços escolares de educação, aprendem a língua portuguesa por outros meios, como aplicativos e vídeo aulas disponíveis na internet e, especialmente, por meio da educação informal, através das relações no ambiente de trabalho.

Na realidade eu não fui em nenhum lugar para aprender português. Eu aprendi com as pessoas e com aplicativos. [...] Não lembro o aplicativo, mas era pelo Google Tradutor, mas tem outros também que era na *PlayStore*, tem vários, tem bastante, tem vídeo também, que francês fala português, e português fala francês e créole, tem vários, acha bastante coisa que vai ajudar (Jean-Rabel).

Há locais que você identifique que aprende mais a língua portuguesa e outros elementos da cultura daqui?

Primeira coisa, lá na empresa passou muito tempo com funcionários brasileiros, ali eu aprendi, em primeiro lugar. Outro lugar é lá na Igreja, as palavras na Bíblia, tudo é em português, e outra coisa é no futebol também, quando fui jogar com eles, estão conversando, dialogando, depois e antes do jogo, tudo isso ajuda também (Jean-Rabel).

Jean-Rabel e Bassin-Bleu apontam que a inserção de ONGs e de missionários estrangeiros no Haiti, devido a necessidade de comunicação, faz com que haja uma troca cultural e, assim, aprendem outros idiomas. O haitiano Bassin-Bleu fala 5 idiomas: créole, francês, espanhol, árabe e português. Ele cita que a convivência com estrangeiros possibilitou aprender outras línguas.

Você fala quantos idiomas?

Créole, francês, inglês também, uns 50% eu posso conversar com as pessoas sem problema. [...] eu trabalhei em uma escola (como secretário) que tinha os americanos que vinham como missionários depois do terremoto, um grupo vem, outro grupo vai, e eu tava trabalhando com o pastor lá na e na igreja, mas ali eu praticava mais e aquela vez estava indo bem, mas depois que não pratica... tem que ir praticando (Jean-Rabel).

Eu falo créole, eu sei um pouco de francês, e um pouquinho de espanhol também, posso tentar conversar em espanhol, e eu tento conversar mais ou menos em arabic também... (Bassin-Bleu).

Qual?

Arabic... da Cisjordânia... árabe, um pouquinho. Inglês também, eu posso escutar em inglês. Se por exemplo se chama um americano aqui eu escuto ele um pouquinho, posso conversar com ele (Bassin-Bleu).

Seis línguas... como você aprendeu árabe?

Porque eu trabalhava com eles lá no Haiti (Bassin-Bleu).

Quanto aos processos não escolares de educação, vincula-se aos cursos profissionalizantes realizados pelos migrantes. Entre as mulheres, Bainet e Les Cayes citam nas entrevistas que buscam capacitação por meio desses espaços:

Depois que terminar o EJA, pretende continuar estudando?

Depende. Eu tô pensando nisso (Bainet).

Você falou que está fazendo um curso agora...

Sim, chefe de cozinha, gastronomia. Chef Gourmet, na esquina perto da minha casa (Bainet).

Onde você aprendeu a falar português?

Com colegas de trabalho, sabe? É assim, eu só fui na escola (CEJA) depois que sabia português (Bainet).

No Brasil você chegou a estudar?

Les Cayes: Eu fiz um curso de beleza aqui. No CEBRAC (Les Cayes).

Os migrantes reivindicam que haja em Lages/SC um curso de língua portuguesa para os haitianos – com reconhecimento pelo Ministério da Educação (MEC), visando a naturalização, sendo essa uma das exigências para esse processo, também é aceito o certificado de conclusão do Ensino Fundamental ou Médio, ou ainda, nota superior a 5,0 na prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Os haitianos Gonaïves e Esterè relatam que frequentaram aulas de língua portuguesa em um projeto específico que acontecia no salão de uma congregação de Testemunhas de Jeová, durante o ano de 2017. Não há, atualmente – fevereiro de 2024, um curso específico de língua portuguesa para os migrantes, também não há nenhum componente especial no CEJA, cursos técnicos ou em universidades em Lages/SC nesse sentido.

Ressalta-se que a educação, no Brasil, é um direito garantido para a população migrante pela Lei de Migração (Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017), no entanto, para que esse direito seja efetivado, é necessário a implementação de políticas públicas e metodologias inclusivas aos migrantes, levando em conta a sua nacionalidade, as diferenças linguísticas e culturais.



Freire (1997, p. 44) aponta a necessidade da compreensão das experiências e saberes adquiridos pelos educandos pelos diferentes processos durante a vida, todos trazem consigo uma forma de “compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, [...] sua religiosidade, seus saberes [...]”. Entende-se que a educação consiste em um elemento fundamental para a inserção dos migrantes haitianos na sociedade local e no seu desenvolvimento, considerando o respeito aos saberes e questões próprias desta população.

#### 4.4.4 Integração sociocultural

Nesta subseção, abordo a integração sociocultural dos migrantes haitianos em Lages/SC. Inicialmente, apresento relatos que evidenciam a falta de uma estrutura adequada por parte do poder público municipal para recebê-los. Em seguida, discuto os relatos sobre preconceito racial na percepção dos migrantes. Também destaco o papel da religião na integração entre haitianos e brasileiros, assim como nos espaços de socialização durante os momentos fora do ambiente de trabalho. Além disso, enfatizo a importância central da família, mostrando como as demandas dos migrantes estão diretamente ligadas a esse contexto.

“*Se vire*”, a prefeitura nem sabe se tem haitiano aqui”. Nas palavras do migrante Fonds-Verretes, há um abandono do poder público municipal quanto a presença dos haitianos em Lages/SC. Perguntado sobre a recepção no município, o migrante afirma que:

[...] eu que participei de várias reuniões, fui lá na câmara municipal [...] em tudo, na secretaria de agricultura, daí eles sempre ficam surpresos em me ver. “ah! tem um haitiano aqui, é?” Eu fui aluno na Escola de Arte, tocava piano lá no Marajoara umas duas ou três vezes, fui representar a escola, tudo bem, mas, não vi essa... esse tipo de recebimento. Todo mundo... você chega aqui, você não tem lugar pra você colocar seu nome, um cadastro... não, você chega aqui em Lages, alugue uma casa e se vire (Fonds-Verretes).

A dificuldade quanto a inserção social e resolução de questões burocráticas são relatadas pelas primeiras experiências do migrante Ennery no município:

(quanto à legalização de documentos na Polícia Federal) cheguei lá e só escrevi num papelzinho [...] o cara falou “[...] você vai entrar nesse site, vai imprimir todos os documentos que pede, e depois você voltar aqui, depois do documento pronto você volta aqui e nós agenda pra você”. Eu cheguei e não sei o que fazia, mas tem um negócio de internet aqui na esquina (lan-house), aí eu cheguei lá, entreguei o documento pro cara, o cara nem sabia mexer, nem sabia explicar direito, como minha língua é meio enrolada, não consegui direito (Ennery).

Por meio das entrevistas ficou evidente a falta de uma estrutura, por parte do poder público municipal, para acolher e integrar esses migrantes quando chegam em Lages/SC. Sendo um problema que dificultou a inserção dos primeiros migrantes haitianos no município, para aqueles que não possuem familiares ou contatos, esta lacuna resulta na dependência de outros migrantes, de assistências individuais ou de instituições religiosas, estas, segundo relatos, direcionam o migrante a Secretaria de Assistência Social<sup>127</sup>, unidades de pronto atendimento e outras estruturas para resolução de suas demandas emergenciais.<sup>128</sup>

Ao serem questionados quanto ao preconceito, se já sofreram ou perceberam alguma postura racista ou xenófoba perante o migrante haitiano, quatro dos 14 entrevistados apontaram que ocorreu algum tipo de situação que fosse interpretada desta forma. Majoritariamente, os migrantes identificam solidariedade da população lageana com o estrangeiro, todavia, é possível avaliar que, entre outros relatos, como nas dificuldades específicas aos migrantes nas relações de trabalho, a questão racial e da nacionalidade está inserida.

Já! Já aconteceu. Primeiramente que aconteceu comigo, lembrei quando comecei aqui, no momento que eu fiquei dependendo de ônibus mesmo, primeiro preconceito que eu comecei a ver, na hora que eu estava no ônibus e aí as pessoas... por exemplo, se tiver uma pessoa sentada em um banco livre, senti e no outro lado, a pessoa prefere ficar em pé do que ficar sentado (Petite Rivière).

[...] tem uma coisa que estava acontecendo era o aluguel, aluguel chegou um momento antigamente, aluguel era... tem lugar, tem pessoa que aluga casa pra nós bem tranquilo. Mas tem pessoa que, a mesma casa pra alugar, eles não alugam pra você (Petite Rivière).

Eu acho que o mais difícil mesmo é o trabalho, que já entra também essa parte que é um pouquinho de preconceito também, até pra conseguir um trabalho é bem difícil, sempre estão olhando do tipo: “ah, haitiano, não sei o que...” essa parte já entra, digamos assim, racismo, entendeu? No trabalho aqui os haitianos sofrem bastante, até achar um emprego bom pra trabalhar, entendeu? Que pague bem. E tem umas empresas também, que eu não trabalhei, mas que ouvi falar que tem haitianos que trabalham lá que, por exemplo, fazem hora-extra e não pagam. Essa parte do trabalho aqui, os haitianos... não sei se só os haitianos, mas os estrangeiros sofrem bastante (Aquin).

As experiências relatadas acima, compõem um panorama que demonstra os detalhes racializados nos quais está estruturada a presença do migrante haitiano no Brasil, para Silvio Luiz de Almeida (2019) o racismo está incorporado nas estruturas sociais, sendo assim, se manifesta nas instituições, na política, nas relações sociais e em outros aspectos da vida

<sup>127</sup> Dados da Secretaria Municipal de Assistência Social de Lages/SC quanto aos atendimentos à população migrante haitiana em Lages/SC, foram disponibilizados em um ofício que consta no Anexo F desta dissertação.

<sup>128</sup> Em áreas onde a presença do Estado falha, observa-se a atuação significativa de instituições religiosas no fornecimento de serviços de acolhimento e apoio. Este tema é relevante e oferece possibilidades para uma expansão aprofundada do tema, em pesquisa com escopo específico.

cotidiana. Esse sistema produz ainda mais desigualdades para a população negra, sendo possível afirmar que essa situação é potencializada aos migrantes negros. Sobre a relação entre racismo e as questões laborais, o autor afirma que:

[...] o racismo normaliza a superexploração do trabalho, que consiste no pagamento de remuneração abaixo do valor necessário para a reposição da força de trabalho e maior exploração física do trabalhador, o que pode ser exemplificado com o trabalhador ou trabalhadora que não consegue com o salário sustentar a própria família ou o faz com muita dificuldade, e isso independentemente do número de horas que trabalhe. A superexploração do trabalho ocorre especialmente na chamada periferia do capitalismo, onde em geral se instalou uma lógica colonialista. O racismo, certamente, não é estranho à expansão colonial e à violência dos processos de acumulação primitiva de capital que liberam os elementos constitutivos da sociedade capitalista (Almeida, 2019, p. 105-106).

Segundo Milton Santos (1996), o preconceito no Brasil deve ser encarado a partir de sua formação socioeconômica, herdada do período escravista. “A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais destes países” (Santos, 1996, p. 135). O termo “cidadania mutilada” é utilizado por Milton Santos (1996) para referir-se à limitação ou restrição dos direitos sociais básicos que o Estado deve garantir aos cidadãos, este problema é agravado pelo processo de globalização<sup>129</sup>, atingindo, sobretudo, a população negra e os migrantes.

Um outro dado a acrescentar é que a situação dos negros no Brasil é uma situação estrutural e cumulativa. [...] a situação parece se agravar com o presente processo de globalização, que tem efeito sobre todos os aspectos da vida, incluindo a questão do preconceito. [...] Há um clima internacional contra as raças chamadas “inferiores”. Esse clima já existia antes, mas com a globalização ele se agrava e se adensa, daí esses constantes julgamentos de valor das pessoas em virtude de raça, sua origem e também em relação aos imigrantes (Santos, 1996, p. 136-13).

Alguns migrantes que viveram na República Dominicana relatam que o preconceito com os haitianos é presente no país. A condição socioeconômica faz parte da construção desta forma de preconceito, Saint-Marc cita em entrevista a relação entre o caráter classista e a nacionalidade, segundo o migrante “se eu sou moreno e tenho dinheiro, não sou haitiano”, a frase remete a um ditado popular haitiano: “*nég rich sé mulat, mulat pòu sé nèg*”<sup>130</sup>.

<sup>129</sup> Milton Santos (2021a) entende os processos relacionados ao capitalismo globalizado a partir de três etapas, estas, dialéticas, buscando a estrutura e dinâmica dos fenômenos para além de sua aparência inicial. Desta forma, afirma-se estas interpretações da globalização da seguinte maneira: a) globalização como fábula, por meio dos contos ideológicos do capitalismo e sua falsa democracia; b) globalização como perversidade, a partir do mundo real, do desemprego, da exploração e da desigualdade; c) globalização como possibilidade, utilizando os avanços técnicos deste período em prol de uma sociedade menos desigual.

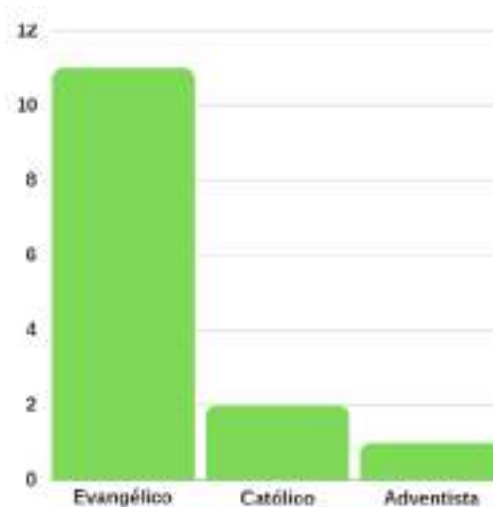
<sup>130</sup> Em créole: “negro rico é mulato, mulato pobre é negro” (Grondin, 1985, p. 45).

[...] na verdade eu morava na República Dominicana, Santo Domingo. Aí a gente trabalhava na construção civil, a gente faz o que encontra primeiro, né? Porque lá a vida é um pouco difícil para nós haitianos, [...] A gente sofreu muitas coisas e a gente não aguenta mais, a gente veio pra cá (Saint-Marc).

[...] pode ver o Brasil, aqui em Lages, eu sofri preconceito assim [...] mas não chega ser igual a República Dominicana. Lá te agredem mesmo, violência mesmo, usa profissionalmente, porque no Brasil respeita a lei, sabe que se te agredir o que pode acontecer com ele. Mas lá não respeita a lei, eles te agredem na sua cara (Ennery).

Embora os entrevistados relatem boas relações com a população lageana, não é frequente que transitem em espaços de lazer compartilhados, com exceção das Igrejas. Constatou-se em todas as entrevistas a ligação religiosa com o desenvolvimento dos objetivos pessoais e profissionais. O cristianismo é professado por todos os entrevistados, com predomínio da religião evangélica, estes afirmam que já eram praticantes no Haiti (Gráfico 7). Em conversas com esses haitianos, o *vodu* parece ser um assunto vedado, o tema tornava o ambiente notavelmente desconfortável. Segundo Rodrigues (2008) a rejeição total e explícita do *vodu* é uma exigência para a conversão às religiões protestantes.

**Gráfico 7** – Religião dos migrantes haitianos em Lages/SC



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Seitenfus (2014, p. 59) identifica que o aumento exponencial dos evangélicos no Haiti ocorre após o abalo sísmico de 2010, “o que a Igreja Católica não alcançou ao longo de quatro séculos de lutas, os evangélicos pretendem consegui-lo graças ao impacto provocado pelo terremoto”.

O terremoto de 12 de janeiro de 2010 provocou a destruição da Catedral de Porto Príncipe, da maioria das Igrejas e escolas católicas localizadas na região metropolitana e a morte do Arcebispo, Monsenhor Serge Miot. A hecatombe deixou a Igreja Católica

de joelhos e abriu caminho para os evangélicos. A partir do sismo, uma invasão silenciosa de congregações, seitas e grupos supostamente religiosos - vindos, sobretudo do meio-oeste dos Estados Unidos - desembarca no Haiti. Desde meados de 2010 não há voo proveniente dos Estados Unidos que não descarregue sua leva de “turistas de Jesus”, facilmente identificados pela camiseta de sua congregação. A Embaixada dos Estados Unidos em Porto Príncipe calcula em aproximadamente incríveis 200 mil o número de seus nacionais que anualmente aportam no Haiti. Entre estes, a grande maioria compõe-se de jovens turistas da fé. Permanecem durante uma semana em um vilarejo construído por sua igreja em convívio com crianças haitianas, na fabricação de artesanato ou de próteses para as vítimas do terremoto. E, sobretudo, oram (Seitenfus, 2014, p. 56).

Apesar da tendência dogmática e, por vezes, do poder dominador e conservador das religiões, é crucial reconhecer o papel que essa instituição desempenha na integração social e no suporte aos migrantes. As falas dos migrantes Ennery e Petite Rivière evidenciam a atribuição de situações complexas na migração, o desenvolvimento de suas vidas na atualidade, e as perspectivas futuras, com as suas religiosidades.

Quando cheguei ao Brasil, graças a Deus, eu consegui um emprego na Minusa, aí a gente está se virando, entendeu? Mas alguma dificuldade... Deus sempre está no lugar para a pessoa se entender com os outros, com os brasileiros, consigo entender os outros, como fala, como trabalha, enfim, sempre é, até para o brasileiro, a dificuldade, imagina eu que sou de lá. Mas dificuldade, sempre, tudo que você quer, você não pode acabar de dizer que é difícil. Sempre o que quer, vai pra frente, Deus dá uma proposta (Ennery).

(sobre estar no Brasil) Deus me dá propósito pra ver se eu consigo me virar, de verdade. [...] porque na verdade é Deus mesmo que me trouxe aqui (Petite Rivière).

(sobre migração aos Estados Unidos) Não sei... tudo depende de Deus, hoje o meu plano para tentar ir lá pra melhorar a vida (Jean-Rabel).

A fé cristã para os haitianos migrantes confere um sentido, que, para Medeiros (2023), constrói-se em uma perspectiva que vincula o processo migratório com a religiosidade. A autora desenvolve o conceito “cosmovisão migratória haitiana”. Essa forma de ver o mundo é forjada pelas experiências sociais e históricas do Haiti, pela superação de catástrofes naturais, pelos desafios estabelecidos no movimento migratório e pela vinculação à religiosidade.

[...] as suas crenças religiosas oferecem sustento para a cosmovisão que estes têm sobre a migração. As ações que o grupo executa nesse sentido se pautam na concepção de que, além da aprovação divina, eles têm o cuidado de Deus nesse processo. Percebemos que esses haitianos evangélicos não acreditam no acaso. As suas falas defendiam a ideia de que, onde quer que estivessem (qualquer lugar ou país), Deus estaria com eles, cuidaria deles, os ajudaria e providenciaria aquilo de que precisassem. [...] As crenças sustentadas pelo grupo pareciam produzir esperança e superação. Era uma fé que se sustentava sob a expectativa de uma migração que só seria concluída em vista de um suposto destino/final – o “reino dos céus”. A cosmovisão migratória haitiana, de certa forma legitimada pela cosmovisão religiosa (evangélica) professada por haitianos com os quais tínhamos contato, parecia

potencializar as expectativas relacionadas a seus processos migratórios. Em alguns casos, sonhos eram interpretados como confirmação de que esses imigrantes estariam sendo guiados por essa força divina nesse processo. Por fim, torna-se relevante observar que ser um imigrante evangélico no Brasil pode trazer alguns benefícios. Esses benefícios surgem a partir da relação que estabelecem com igrejas evangélicas já existentes no país, [...] facilita o acolhimento e a integração desses imigrantes no Brasil (Medeiros, 2023, p. 79).

Quando perguntados sobre outros espaços de convívio ou lazer, fora do ambiente de trabalho e da igreja, os migrantes responderam que:

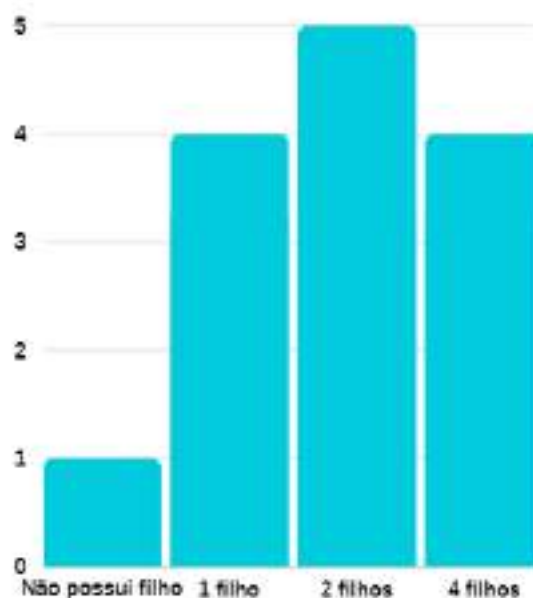
Nem tem tempo (Petite Rivière).

Só a Igreja (Les Cayes).

O futebol [...] porque é minha paixão, né? [...] eu gosto. Agora não consigo porque, você sabe, né? Tempo... tudo isso. Isso que, fora da Igreja, é minha paixão (Jean-Rabel).

Uma das palavras mais citadas durante as entrevistas foi “família”<sup>131</sup>, todos os movimentos realizados buscam o aumento de recursos para a manutenção da família, seja aquela mantida no Brasil ou os que estão no Haiti.

**Gráfico 8** – Famílias: quantidade de filhos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

<sup>131</sup> Durante as entrevistas com os haitianos, ficou evidente o quão significativos são os temas “Família” e “Religião” em suas vidas. Considero que futuras pesquisas possam explorar mais profundamente esses aspectos, ampliando o escopo para uma compreensão mais abrangente destes temas em específico.

**Gráfico 9 – Estado civil**

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na urgência da migração, as famílias haitianas costumam selecionar um homem para partir, trabalhar, e juntar recursos, visando trazer os demais familiares para o Brasil. Durante este processo, é perceptível que a ausência representa um dos dilemas mais angustiantes para o migrante.

Dificuldade para haitiano... tem haitiano que tem oito anos aqui e não consegue trazer a família. E o que está acontecendo, eu tinha quatro anos, eu e minha esposa ficamos em casa com minha irmã, os dois, ela e minha família. Minha esposa tem problema de saúde, eu tentei duas vezes trazê-la e não consegui (Bassin-Bleu).

Preciso trazer meu irmão também, minha irmã, todos. Eu tinha mais ou menos umas seis, sete, familiares lá (Bassin-Bleu).

Aí agora que não consegue ajudar nossa família direito, porque nós saímos aqui, deixamos nosso país, temos família, irmão, mãe, pessoa que está passando necessidade, aí eu vi, nós não consegue ajudar (Jean-Rabel).

[...] se você for morar em outro país você vai ver, ficar longe da família não é fácil (Jean-Rabel).

Observa-se que a integração dos migrantes haitianos nos espaços socioculturais ocorre primariamente nas instituições religiosas, enquanto as atividades desenvolvidas fora do âmbito profissional concentram-se no convívio familiar. Isso evidencia que sua inserção na sociedade local está predominantemente associada à necessidade de trabalho e à busca por recursos para sustentar suas famílias. As entrevistas transcritas e analisadas até aqui foram realizadas em momentos anteriores a um significativo processo de integração, sociabilização e educação

popular com os migrantes haitianos. As experiências vivenciadas durante o Projeto Union serão detalhadas na subseção seguinte.

#### 4.4.5 “Unyon Ayisyen Nan Lages”<sup>132</sup>: Experiências de Educação Popular - Projeto Union

Após o período de realização das entrevistas semiestruturadas, fui procurado pelo professor dos cursos de Direito e Serviço Social da UNIPLAC, e presidente da Cáritas Diocesana de Lages, Domingos Pereira Rodrigues, para participar do Projeto Union<sup>133</sup>, que visa estabelecer relações entre os migrantes haitianos e, a partir de encontros quinzenais, buscar soluções para as demandas desta população e proporcionar momentos de debates, reflexões e acolhimento. Aceitei o convite e considero a importância de tal projeto na promoção de visibilidade e suporte aos migrantes haitianos residentes no município.

Para esta etapa, utilizei o recurso da observação participante, que, conforme Gil (2008, p. 103) “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”. Desta forma, embora não tenha sido programado inicialmente, julgo ser necessário trazer algumas experiências durante o projeto para esta dissertação.

A Rede Cáritas consiste em uma organização vinculada à Igreja Católica, com atuação global em vários territórios. Entre suas diretrizes fundamentais estão:

- a) Defesa e promoção da vida para a construção da sociedade do bem viver; b) Mística e espiritualidade libertadora, ecumênica e inter-religiosa; c) Cultura de solidariedade transformadora; d) Relações de equidade étnico-raciais, de gênero e de geração; f) Protagonismo das pessoas em situação de vulnerabilidade, de risco e/ou exclusão social; g) Projeto popular de sociedade justa, solidária e sustentável; h) Democracia participativa e justiça socioambiental; i) Pastoralidade e transformação social e j) Cáritas no coração da igreja e na sociedade no serviço com os pobres” (Cáritas, 2021, p. 10).

Um dos focos principais da Cáritas é o acolhimento de migrantes, incluindo refugiados, solicitantes de refúgio, deslocados ambientais, imigrantes econômicos, humanitários, apátridas

<sup>132</sup> Em *créole*: “União haitiana em Lages”, nome do evento realizado pelos migrantes ao final das atividades realizadas do Projeto Union, na Cáritas Diocesana. Também foi o nome estabelecido pelos haitianos para o grupo que se formou durante o encontro e, que está trabalhando na criação de uma associação própria.

<sup>133</sup> Importante ressaltar que o professor Domingos Pereira Rodrigues, coordenou no ano de 2022, duas rodas de conversas com imigrantes e pessoas em situação de rua em um projeto de extensão chamado “Projeto de Pesquisa e Extensão Incluir - Diagnóstico das Populações Imigrante e em Situação de Rua em Lages”, envolvendo a Cáritas Diocesana de Lages, Pastorais Sociais, Secretaria Municipal de Assistência Social (Centro Pop), Centro de Direitos Humanos e a Coordenadora Regional de Educação (CRE/SED-SC). Estes encontros foram embriões do Projeto Union, que se concretizou no ano de 2023 (UNIPLAC, 2023) Disponível em: [https://www.uniplaclages.edu.br/noticias\\_visualiza/5984-imigrantes-e-populacao-em-situacao-de-rua-participam-de-rodas-de-conversa-organizadas-por-projeto-da-uniplac](https://www.uniplaclages.edu.br/noticias_visualiza/5984-imigrantes-e-populacao-em-situacao-de-rua-participam-de-rodas-de-conversa-organizadas-por-projeto-da-uniplac). Acesso em: 08 jan. 2023.



e indocumentados. Essa atuação se dá por meio de diversas ações específicas e projetos direcionados para combater a vulnerabilidade dessas populações. Em Lages/SC, a rede opera oferecendo suporte a migrantes, pessoas em situação de rua e outros grupos em situação de vulnerabilidade. Além disso, conta com suporte jurídico para orientar especificamente os migrantes haitianos (Figura 9).

**Figura 9** – Reunião de articulação do Projeto Union



Fonte: Cáritas (2023).

Em um espaço na Cáritas Diocesana de Lages, o Projeto Union aconteceu entre os meses de setembro a dezembro de 2023, tendo como coordenador o educador popular Adilson Freitas “Grilo”, da *Associação Cultural Matakiterani*, especializado em *pedagogia griô*<sup>134</sup>. Por meio de questões levantadas pelo educador, com auxílio do migrante haitiano Jean-Rabel, sujeito participante desta pesquisa, que atuou como intérprete de língua portuguesa para o *créole*, os participantes dialogavam, realizavam atividades para valorizar suas origens e identidades e, também, tinham um momento reservado para conversas exclusivamente em *créole*, sem a presença dos brasileiros. Ao término das reuniões, a Cáritas providenciava lanches, suco e café para os participantes, este momento também foi importante para conversas individuais e

<sup>134</sup> Conforme a página Pedagogia Griô (2023): “A Pedagogia Griô é uma pedagogia criada pela educadora Lillian Pacheco, a partir da sua prática pedagógica no Grãos de Luz e Griô, Lençóis Bahia. Oferece uma iniciação pedagógica da escola e de griôs aprendizes para integrar mito, arte, ciência, história de vida e todos os saberes e fazeres tradicionais da comunidade. Coloca como centro do saber a vida, a identidade e a ancestralidade dos estudantes. A vivência, a oralidade e a corporeidade são referências do processo de elaboração do conhecimento; e os griôs e mestres protagonistas na educação da comunidade. Tem como referências pedagógicas – educadores e pesquisadores brasileiros da educação biocêntrica, da teoria de Paulo Freire, da educação para as relações étnico raciais positivas, e dissertações acadêmicas que já versam sobre a própria pedagogia griô”. Acesso em: 29 dez. 2023.

estreitamento de laços entre os próprios migrantes, além da interação com os brasileiros que participaram na coordenação do projeto (Figura 10).

**Figura 10** – Encontro do projeto Union na Cáritas Diocesana



Fonte: Cáritas (2023).

A partir do estímulo ao reconhecimento dos valores históricos, étnicos e ancestrais durante o Projeto Union, objetivou-se auxiliar na inserção sociocultural dos haitianos no município, e na própria organização deste grupo. Nesta experiência educacional o processo buscou se opor à lógica competitiva e individualista do neoliberalismo e a urgência exploratória deste sistema<sup>135</sup>. Segundo Freire (2014), a ideologia neoliberal submete a sociedade e os métodos tradicionais de educação a uma orientação política ditada a partir dos interesses daqueles que detêm o poder. Paulo Freire considera a globalização e o avanço do neoliberalismo como a “ditadura do mercado, fundada na perversidade de sua ética do lucro” (Freire, 2014, p. 125) e que:

O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (Freire, 2014, p. 125).

A configuração socioeconômica contemporânea materializa a situação de exploração entre os opressores e oprimidos, sendo que o processo de libertação desta condição se dará por uma educação que priorize o diálogo, que seja crítica, popular e revolucionária (Freire, 2019).

<sup>135</sup> Considera-se que a educação também é um meio de reprodução das condições materiais e subjetivas do sistema capitalista (Torres, 2011).

Nesse sentido, a *concepção problematizadora* de educação se opõe a prática “bancária”<sup>136</sup>, pois busca a humanização por meio da relação dialógica (horizontal), a fim da transformação social e superação dos métodos que replicam as ideias hegemônicas dominantes.

Assim, o diálogo e o intercâmbio promovidos nas atividades do Projeto Union foram relevantes para o desenvolvimento de uma prática educacional popular que avança em direção à emancipação e transformação da realidade social, ao mesmo tempo em que promove um ambiente coletivamente acolhedor, desta forma, há na educação com práticas progressistas “uma contribuição vital para romper a lógica do capital, não só no seu próprio e mais limitado domínio como também na sociedade como um todo” (Mészáros, 2008, p. 59).

Historicamente, verifica-se uma estreita relação entre a Igreja Católica, na vertente associada à Teologia da Libertação, e o fomento à *educação popular*. Vale recordar a experiência de Paulo Freire e sua proibição de entrada no Haiti, onde se desenvolviam processos de *educação popular* e alfabetização com a população local, ao mesmo tempo em que a educação democrática enfrentava desafios e perseguições naquele país:

Proibido de entrar no Haiti, foi organizado outro encontro na República Dominicana. Era um grupo de educação popular ligado à Igreja Católica. Vinte e cinco educadores e educadoras que queriam discutir comigo sobretudo a questão da Temática Geradora, a programação dos conteúdos programáticos e a crítica à “educação bancária”. Vindo em direção à República Dominicana, fizemos uma parada em Port-au-Prince. Eu viajava com um técnico das Nações Unidas e uma educadora jamaicana. Por questões técnicas o voo para a República Dominicana só sairia três horas depois. Desta forma, o meu amigo, técnico das Nações Unidas, falou por telefone com uma amiga sua que, rapidamente, veio ao aeroporto nos buscar para um passeio pela cidade. Entrei no país estando proibido de fazê-la, com o meu documento suíço sob o passaporte de meu amigo. Um passaporte azul que, “azulando” o meu, o preservou de ser examinado. Me impactou a pequena cidade. Sobretudo a presença de artistas populares, espalhando em recantos das praças seus quadros, cheios de cor, falando da vida de seu povo, da dor de seu povo, de sua alegria. Era a primeira vez que, diante de tamanha boniteza, de tamanha criatividade artística, de uma tal quantidade de cores, eu me sentia como se estivesse, e de fato estava, em frente a uma multiplicidade de discursos do povo. Era como se as classes populares haitianas, proibidas de ser, proibidas de ler, de escrever, falassem ou fizessem o seu discurso de protesto, de denúncia e de anúncio, através da arte, única forma de discurso que lhes era permitida (Freire, 1997, p. 82).

A *educação popular* estrutura-se a partir do desenvolvimento de uma nova hegemonia, por meio do saber das classes populares; através da cultura popular; do trabalho do educador no trânsito dos sujeitos populares econômicos a agentes políticos; e no comprometimento com

---

<sup>136</sup> A educação bancária consiste em uma prática antidialógica, em que não se considera os saberes do educando, e “em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (Freire, 2019, p. 80). Essa prática se funda numa das “manifestações instrumentais da ideologia da opressão” (Freire, 2019, p. 81).

a causa popular e coletiva (Brandão, 2009). Segundo Brandão (2009, p. 34) a *educação popular* em si não é um “método conscientizador”, mas sim, “a afirmação da necessidade da utopia de transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista do trabalho de classe das classes populares”. De forma didática, o autor descreve os espaços em que ocorre esta prática educativa conscientizadora:

Este trabalho existe no interior de uma associação de moradores de um bairro de periferia, em um movimento de trabalhadores rurais do interior de diversos estados do Brasil, em uma comunidade eclesial de base, em grupo de mulheres em luta pela conquista de escola para o seu bairro. Por isso mesmo, é uma prática de pensar a prática e é uma das situações variadamente estruturadas de produção de um conhecimento coletivo popular (Brandão, 2009, p. 36).

Analisando a perspectiva de Brandão (2009) sobre a *educação popular*, é possível estabelecer uma conexão com o Projeto Union, baseando-se na compreensão de coletivo desses migrantes, construído a partir de suas identidades e demandas do grupo na sociedade local. Assim, a *educação popular* reconhece os saberes populares, promove a apropriação crítica de outros saberes – como científicos e tecnológicos; e, de forma concomitante, atua na transformação política dos agentes populares, assim como, no reconhecimento dos componentes de sua subjetividade (Torres, 2011). Para Brandão (2007, p. 110) “[...] o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo”.

No desfecho dos períodos de encontros, os migrantes selecionaram três palavras que representam a coesão do grupo: **união, família e solidariedade**. Esses termos ecoam os sentidos deste movimento migratório, refletindo a *cosmovisão migratória haitiana* (Medeiros, 2023), onde a ajuda mútua se torna fundamental para garantir as condições possíveis na busca constante dos migrantes por dignidade, sendo esse o motivo principal da saída de haitianos de seus país (Seguy, 2014a). Também fruto dos encontros, o grupo estabeleceu como prioridade a constituição legal de uma associação haitiana em Lages/SC – ainda em desenvolvimento, a fim de auxiliar nas demandas dos migrantes no município. E, para o encerramento das atividades durante o ano de 2023, os migrantes realizaram um evento cultural denominado “*Unyon Ayisyen nan Lages*”, este foi o primeiro evento dos haitianos no município<sup>137</sup>, reforçando os laços entre os migrantes haitianos residentes em Lages/SC e valorizando aspectos da cultura haitiana, como a sua história, culinária, música e dança (Figura 11 e Figura 12).

---

<sup>137</sup> Reportagens na mídia local sobre este encontro estão disponíveis nos Anexos G e Anexo H desta dissertação.

**Figura 11** – Evento haitiano realizado em Lages/SC



Fonte: Adilson Freitas (2023).

**Figura 12** – “*Manje Lakay*”<sup>138</sup>: partilha da comida haitiana



Fonte: Adilson Freitas (2023).

Durante este período, auxiliei nos processos educacionais e integrativos com os migrantes nos encontros que aconteceram durante as atividades quinzenais, assim como na construção do primeiro encontro de haitianos de Lages/SC. Além das funções de caráter pedagógico, também auxiliei os migrantes haitianos que solicitaram a realização de processos de *reunião familiar*<sup>139</sup>, organizando formulários e documentos, registrando os protocolos na plataforma *MigranteWeb*<sup>140</sup> do Ministério da Justiça e Segurança Pública, disponível no *Portal*

<sup>138</sup> Em créole: “comida de casa”.

<sup>139</sup> Conferir rodapé nº 107 e página 79 para detalhes sobre este procedimento.

<sup>140</sup> Disponível em: <https://migrante.mj.gov.br>. Acesso em: 09 jan. 2024.

*de Imigração*<sup>141</sup> do governo federal, e fazendo o acompanhamento necessário até o deferimento destas solicitações.

Ao final desta experiência, pude notar o avanço na integração entre os próprios migrantes haitianos. Suas participações nas atividades ocorreram de forma progressiva, por meio do aumento significativo na expressão oral, evidenciada pela contribuição ativa durante a construção do projeto, onde marcaram quais os pontos são mais relevantes ao grupo, sendo que o mais notável foi a formação de um senso coletivo que se fortaleceu durante o evento realizado ao término das atividades.

Conforme afirma Sayad (2000), a migração deixa marcas, e estas são perceptíveis no senso de urgência e nas demandas originadas pelo histórico processo de desigualdade e exploração imposto aos migrantes. Todavia, é possível identificar possibilidades de construção solidária nas relações entre os migrantes e a sociedade local, assim como, reconhecer o papel da educação popular no desenvolvimento da coletividade necessária para a transformação social e na busca pelos direitos da população haitiana no município de Lages/SC.

---

<sup>141</sup> Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/?option=com\\_content&view=article&layout=edit&id=401725](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/?option=com_content&view=article&layout=edit&id=401725). Acesso em: 09 jan. 2024.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo (Marx; Engels, 2007, p. 535).

O encerramento desta dissertação não poderia ocorrer sem retomar a minha primeira interação com os migrantes haitianos em 2016, durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso na graduação em geografia. Esse foi o ponto inicial de meu envolvimento com esse grupo. A crescente intensificação do fenômeno migratório emergente em Lages/SC, impulsionou o desejo em compreender esse movimento e contribuir para a integração desses migrantes na sociedade local. A partir de então, estabeleci laços significativos com um pequeno grupo de haitianos, por meio de interações sociais e pessoais. Concomitantemente, no mesmo ano, iniciei minha trajetória como professor de educação básica na rede pública, trabalhando em escolas localizadas nas áreas periféricas da cidade. A temática migratória tornou-se um tema constante nas aulas, buscando sempre uma perspectiva crítica, humanitária e acolhedora. Em diversas ocasiões convidei haitianos para participações junto aos estudantes, auxiliando na construção da conscientização, do respeito à diversidade étnica e cultural no município, além da compreensão abrangente deste fenômeno migratório. Este caminho pavimentou o ingresso ao Mestrado em Educação do PPGE/UNIPLAC.

Possuindo como foco a relevância social da pesquisa e levando em conta a perceptível mudança no perfil demográfico dos migrantes haitianos residentes no município, desde o momento em que os conheci em 2016 até o desenvolvimento desta dissertação, levantei a seguinte questão: Como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana no município de Lages/SC? Além de buscar respostas para essa indagação, respeitando os padrões éticos da pesquisa científica, também tive a oportunidade de compreender dinâmicas cotidianas e desenvolver relações de amizade com os novos haitianos que conheci ao longo desse percurso. Considero que o intuito final desta pesquisa vai além de eventuais desdobramentos no âmbito acadêmico, visando, sobretudo, a possibilidade de auxiliar numa transformação social em prol desses migrantes.

Para encontrar a resposta da pergunta desta pesquisa e atingir os objetivos geral e específicos, foi necessário um estudo aprofundado sobre os processos históricos que aconteceram no Haiti, levando em consideração diversos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. A história da República do Haiti é, e deve ser sempre, lembrada pelo vitorioso processo revolucionário que aconteceu pelas mãos de pessoas escravizadas, sendo este um legado de esperança aos povos latino-americanos, africanos e outros que vivenciaram

processos violentos de opressão. Entende-se que a exploração desta população tem raízes no período colonial, mas que seguiu nos séculos posteriores, marcado pela imposição de uma dívida extorsiva pela França como condição para o reconhecimento de sua independência.

As diversas intervenções, diretas ou indiretas, promovidas pelo imperialismo estadunidense; o poder econômico e político influente da classe dominante, representada por governos ditatoriais, marcada, sobretudo, pelo duvalierismo – a *papadocracia fundamentalmente fascista* (Pierre-Charles, 2020), a violência da sua milícia – os *Tonton-Macoutes*; e os sucessivos Golpes de Estado, impedem a estabilização institucional do Estado haitiano. Neste cenário de desolação, que se intensificou após o assassinato do presidente Jovenel Moïse em 2021, o Estado é praticamente inexistente, o atendimento às demandas fundamentais, como educação e saúde, ocorre em caráter privado, ou através de ONGs; a segurança não é garantida pelas forças estatais, ou supostamente por missões internacionais, sendo que, atualmente, o país vive um processo de *gangsterização* (León, 2021). Portanto, embora a migração de haitianos para o Brasil tenha sido impulsionada pelo abalo sísmico de 2010, às condições que levaram o Haiti a possuir o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo do continente americano e, conseqüentemente, tornar-se um país de características emigratórias, têm raízes muito mais profundas e complexas, sendo que essas tais circunstâncias, tornam o Haiti um país *epiperiférico* (Seguy, 2014a).

Em Lages/SC, município caracterizado pela sua tradição bandeirantista e gaúcha, aspectos que são vinculados à oligarquia local, mas que possuem uma grande diversidade étnica em seu histórico, como a constituição da identidade cabocla, a presença de descendentes de sírio-libaneses, o histórico de resistência da população negra e outros processos migratórios, recebeu, a partir de 2014, o primeiro movimento da migração haitiana, e atingiu seu ápice em 2016. Inicialmente, a maioria dos migrantes haitianos era composta por homens, os quais, em grande parte dos casos, financiaram a subsequente chegada de mulheres e crianças. Também há um novo grupo, os filhos brasileiros dos casais haitianos.

Constatado nas entrevistas, a motivação principal dos migrantes haitianos em Lages/SC, está centrada na busca por melhores condições econômicas para suas famílias, que residem junto a eles no município, além do envio de recursos financeiros para outros familiares que permanecem em seu país de origem – alguns desses buscam recursos para trazê-los ao Brasil.

A integração dessa população na sociedade local se dá, principalmente, por meio dos ambientes de trabalho, e os processos de socialização entre os migrantes têm nas instituições religiosas o ponto central, sendo que a maioria dos migrantes são adeptos da religião evangélica. Há de se considerar a importância da função das instituições religiosas no contexto de



acolhimento inicial, uma vez que não há uma estrutura de recepção específica aos migrantes que chegam no município. Quanto à inserção no mundo laboral, mais da metade dos migrantes haitianos entrevistados estão atualmente empregados formalmente – entre o setor secundário, nas indústrias; ou no setor terciário, principalmente em restaurantes. Contudo, há relatos de superexploração da força de trabalho e até mesmo, situações de assédio moral. Em diversos casos, os entrevistados destacam que, devido à situação de ser migrante, enfrentam condições laborais ainda mais desfavoráveis, alguns entrevistados também identificam o racismo como elemento que intensifica esta situação. Todavia, é importante registrar que a maioria dos migrantes haitianos relatam aspectos solidários da população lageana com eles.

No contexto escolar, os migrantes entrevistados para esta pesquisa buscam concluir seus estudos, em nível Fundamental ou Médio, no Centro de Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, em alguns casos, a demanda do trabalho se apresenta como um obstáculo para o acesso aos meios escolares, sendo que alguns haitianos necessitam trabalhar em outros espaços, além do emprego formal, para levantar recursos, o que acaba resultando em poucos migrantes conseguindo ingressar no Ensino Superior. Os migrantes haitianos reivindicam espaços com metodologias específicas para o ensino da língua portuguesa, o que não existe no município até o momento do término deste estudo, em fevereiro de 2024.

A inserção em espaços não escolares ocorre por meio de cursos profissionalizantes e pelo processo de educação popular, promovido pela Cáritas Diocesana. Por meio de observação participante, contribuí com o Projeto Union, que buscou aliar concepções pedagógicas progressistas, valorizando aspectos coletivos e culturais com a prática social. Assim, entende-se a *práxis* como a reflexão e ação “sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 2019, p. 52). Através deste envolvimento, também auxiliiei os migrantes em relação aos processos de solicitação da concessão de autorização de residência prévia e visto temporário com o propósito de *reunião familiar*, função que sigo desenvolvendo.

Os relatos realizados por meio das entrevistas, instigam uma reflexão: seria o Haiti uma nação-migrante? Cada haitiano traz consigo um pedaço do seu país, de sua história, de sua cultura. Cada haitiano carrega consigo a sua nação. Contudo, ao explorar as questões que permeiam a história do Haiti, torna-se perceptível que a emigração não constitui uma característica cultural ancestral, tal como nômades, mas, sim, uma imposição econômica decorrente do processo de exploração capitalista em suas diferentes formas – cada qual conforme o seu período histórico. Essas características, aliadas a concepções religiosas e a presente solidariedade entre os haitianos, formam uma *cosmovisão migratória haitiana*

(Medeiros, 2023), que reforçam os laços e engendram a resistência às adversidades estabelecidas pela migração.

Esta dissertação não se propôs abranger a totalidade da questão migratória haitiana em Lages/SC. Pelo contrário, reconhece a existência de várias possibilidades de aprofundamento em questões relevantes à realidade desses migrantes no município, deixando espaço para futuras pesquisas. Seu propósito é servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de outros estudos e auxiliar na formulação de possibilidades de acolhimento e integração dessa população no município. Assim, colaborando para um conjunto amplo de estudos sobre as migrações haitianas em Santa Catarina e no Brasil, fortalecendo a consolidação de um campo de pesquisa nessa perspectiva. Desta forma, busquei contribuir para o reconhecimento de um município etnicamente diverso, enriquecido por sua pluralidade cultural, mas que também reconheça as suas contradições históricas e contemporâneas. Neste sentido, desenvolver, por meio das ferramentas proporcionadas pela educação e as ciências humanas, uma perspectiva histórica que vá além das influências das oligarquias que exercem domínio econômico e simbólico sobre o município, desvelar as dinâmicas de exploração que permeiam a estrutura social e que atinge, sobretudo, os migrantes mais vulneráveis, fazem parte do papel permanente do professor-pesquisador em uma perspectiva progressista e democrática.

Ao término desta dissertação, retomo a epígrafe desta seção ao refletir que a interpretação das questões que envolvem o fenômeno migratório haitiano é um passo necessário para auxiliar na visibilidade desta pauta na sociedade local, contudo, a finalidade deste envolvimento consiste na possibilidade de transformação da realidade estabelecida. Assim, encontro em Milton Santos uma necessária reflexão sobre o movimento dialético dos meios sociais e estruturais vivenciados, visando um mundo em que haja justiça social e maior igualdade entre os países, classes e etnias, segundo o autor “[...] o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir” (Santos, 2021a, p. 182).

Existir e resistir é uma premissa desta população que, embora distante de seu território natal, carrega consigo uma parte do Haiti. Suas presenças nos espaços sociais constituem um convite para incorporar, na história e na agenda de Lages/SC, a cultura e a memória desse país caribenho. Não esquecendo em nenhum momento a importância histórica do Haiti como um farol para a libertação dos povos oprimidos, em um mundo dominado por impérios escravistas e pela exploração do capital.

## REFERÊNCIAS

- AFP. **Parlamento do Quênia aprova envio de força policial ao Haiti**. Notícias Uol, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/11/16/parlamento-do-quenia-aprova-envio-de-forca-policial-ao-haiti.htm>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- ALMEIDA, Eduardo. Haiti Ocupado! Fora as tropas militares da ONU! In: **Revista Raça e Classe**. Nº 2. São Paulo, 2011.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. François Duvalier e o bonapartismo haitiano. **Dimensões**, Vitória, v. 35, p. 391-415, jul. 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho?. **Análise Social**, [S.L.], p. 512-532, nov. 2023.
- ARISTIDE, Jean-Bertrand. **Todo homem é um homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BANCO MUNDIAL. **Haiti**: World Bank Open Data. Data World Bank, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/haiti>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro**. 2015. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELIZAIRE, Thony. **A UN Brazilian soldier patrols the streets of Port-au-Prince**. Getty Imagens, 2009. Disponível em: <https://media.gettyimages.com/id/95867192/pt/foto/to-go-with-afp-stories-by-mauricio-rabuffetti-a-un-brazilian-soldier-patrols-the-streets-of-port.jpg?s=1024x1024&w=gi&k=20&c=aEkdFqQSdv9gJHRsVNMFUJiDG42L2qgGedOTS>
- BEZERRA, Livia Morena Brantes. Cooperação Internacional e a disputa do desenvolvimento no Haiti. **Nera**, Presidente Prudente, n. 34, p. 107-118, jan. 2016.
- BORDIGNON, Sandra de Avila Farias. **Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não escolares no Oeste catarinense**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2016.
- BORGES, Altamiro. **Tragédia no Haiti e a culpa dos impérios**. CTB, 2010. Disponível em: <https://ctb.org.br/noticias/opiniaio/traga-no-haiti-e-a-culpa-dos-impos/>. Acesso em: 02 dez. 2023.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANCO, Juçara de Souza Castello. **Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória.** 2001. 177 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 19 jul. 2023.

BRASIL. **Governo brasileiro garante direitos para imigrantes haitianos.** Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em: 04 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.** Brasília, 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm). Acesso em: 20 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997.** Brasília, 1997. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9474.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm). Acesso em: 20 fev. 2023.

BRUNETTO, Valnei. **Trabalho e Educação no processo imigratório de haitianos no Brasil.** 2018. 243 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2018. BVDS4U=. Acesso em: 15 jan. 2024.

CADET, Jean-Jacques. **Le Marxisme Haïtien: marxisme et anticolonialisme en Haïti (1946-1986).** Paris: Delga, 2020a.

CADET, Jean-Jacques. **Lire Marx à partir d’Haïti.** 2020b. Disponível em: <https://www.contretemps.eu/lire-marx-haiti/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CADET, Jean-Jacques. **Marxismo no occidental y alienación.** In: BÓRQUEZ, María Elvira Concheiro; CORDERO, Mauricio Sandoval; CHÁVEZ, Víctor Hugo Pacheco. **El ejercicio del pensar: marxismos caribeños y afrodiaspóricos.** Buenos Aires: Clacso, 2022a.

CADET, Jean-Jacques. **O legado anticolonial do marxismo haitiano.** Jacobin, 2022b. Revista Jacobin. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/01/o-legado-anticolonial-do-marxismo-haitiano-novo>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMPOS, Darlan P. de. **Map locator of Lages, Santa Catarina.** 2006. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina\\_Municip\\_Lages.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina_Municip_Lages.svg). Acesso em: 19 maio 2023.

CAMEL, Laurence. **Le Monde: Le pays de la forêt disparue.** Lemonde, 2010. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/27/le-pays-de-la-foret-disparue\\_1297189\\_3222.html](https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2010/01/27/le-pays-de-la-foret-disparue_1297189_3222.html). Acesso em: 18 nov. 2023.

CÁRITAS. **Cáritas Brasileira - Organismo da CNBB**. Cáritas, 2023. Disponível em: <https://caritas.org.br/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

CÁRITAS. **Cartilha Migrantes e Refugiados: Projetos pontes de solidariedade: atuação em rede na proteção e garantia de direitos**. Belém: Gráfica Formato e Cores Ltda., 2021.

CARVALHO, Caroline Spagnolo. Diálogos entre marxismo e decolonialidade na América Latina: Em busca de uma práxis revolucionária. *In: Anais... XVII Congresso Internacional do Fomerco*. Rio de Janeiro: Uerj, 2021. Disponível em: <https://www.congresso2021.fomerco.com.br/site/capa>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CASTOR, Suzy. **A transição haitiana: entre os perigos e a esperança**. Encarte CLACSO. Cadernos da América Latina. São Paulo: CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2008.

CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. Migração no Sul Global: haitianos no mercado de trabalho brasileiro. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 103-129, jan. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CIA. The World Factbook. **Explore All Countries - Haiti: Central America and the Caribbean**. CIA, 2023. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/haiti/#people-and-society>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CLARO, Carolina de Abreu Batista. Do Estatuto do Estrangeiro à Lei de Migração: Avanços e Expectativas. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, v. 1, n. 26, p. 41-53, abr. 2020.

CNIG. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração nº 97, de 12 de janeiro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: [https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/1541/1/REN\\_CNIG\\_2012\\_97.pdf](https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/1541/1/REN_CNIG_2012_97.pdf). Acesso em: 19 jan. 2024.

CNN. **Conselho de Segurança da ONU aprova envio de forças internacionais ao Haiti**. CNN, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conselho-de-seguranca-da-onu-aprova-envio-de-forcas-internacionais-ao-haiti/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CNN. **República Dominicana fecha fronteiras com o Haiti**. CNN, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/republica-dominicana-fecha-fronteiras-com-o-haiti/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

COGGIOLA, Osvaldo. Haiti: terremoto, colonização e resistência. **O Olho da História**, Salvador, v. 14, p. 1-7, jun. 2010.

COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme**. 2. ed. Lages: Graphel, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEPESTRE, René. Bonjour et adieu à la négritude. *In*: UNESCO. **L'Afrique en Amérique Latine**. Paris: Georges Thone S.A., 1984.

DORESTAL, Yves. **El marxismo haitiano, clave del socialismo latinoamericano**. Revista Jacobin, 2021. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2021/07/09/el-marxismo-haitiano-2/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

DURANS, Cláudia Alves. *et al.* Dez anos de ocupação militar no Haiti: significado histórico, realidade e perspectivas. **Revista Políticas Públicas**, São Luís, p. 127-133, nov. 2016.

EL PAÍS. **Haiti prende 15 colombianos e 2 norte-americanos pelo assassinato do presidente Jovenel Moïse**. El País, 2021a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-09/haiti-prende-15-colombianos-e-2-norte-americanos-pelo-assassinato-do-presidente-jovenel-moise.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

EL PAÍS. **Presidente do Haiti foi assassinado por tentar enviar aos EUA lista de pessoas ligadas ao narcotráfico**. El País, 2021b. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-12-13/presidente-do-haiti-foi-assassinado-por-tentar-enviar-aos-eua-lista-de-pessoas-ligadas-ao-narcotrafico.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

EURONEWS. **Bandos semeiam violência e caos no Haiti**. Euronews, 2023. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2023/01/27/bandos-semeiam-violencia-e-caos-no-haiti>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARINELLI, Victor. **Haitianos pedem indenização da ONU por estupros na época em que general Heleno comandava forças de paz**. Revista Fórum, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2020/10/9/haitianos-pedem-indenizacao-da-onu-por-estupros-na-epoca-em-que-general-helena-comandava-foras-de-paz-83907.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 145-161, jan. 2017.

FERREIRA, Mirian Gregorio. **Trabalho e Educação no processo de inclusão social de imigrantes haitianos em Joaçaba e Herval D'Oeste - Santa Catarina**. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2020.

FOLHA DE S.PAULO. **Acre vai fechar abrigo para imigrantes**. Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/04/1439034-acre-vai-fechar-abrigo-para-imigrantes.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

FOLHA DE S.PAULO. Como é que é? | **Por que a situação do Haiti é comparável à de países em guerra?** Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tAuGut08ees>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FOLHA DE S.PAULO. **Decisão da Justiça abre caminho para que haitianos entrem no Brasil sem visto.** Folha de São Paulo, 2022. Matéria de Mayara Paixão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/12/decisao-da-justica-abre-caminho-para-que-haitianos-venham-ao-brasil-sem-visto.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa.** 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 68. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

G1. **'Estamos abertos a receber cidadãos haitianos', diz Dilma no Haiti.** G1, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/estamos-abertos-receber-cidadaos-haitianos-diz-dilma-no-haiti.html>. Acesso em: 31 dez. 2023.

G1. **Número de mortos por terremoto no Haiti passa de 2.100; país registra novo abalo.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/19/numero-de-mortos-por-terremoto-no-haiti-passa-de-2100-pais-registra-novo-abalo.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO, O. **New York Times revela 'resgate' astronômico pago pelo Haiti à França por sua independência.** Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/05/new-york-times-revela-resgate-astronomico-pago-pelo-haiti-a-franca-por-sua-independencia.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos do coronavírus. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 7, p. 9-20, mar. 2020.

GOMES, Flávio dos Santos; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. Sedições, haitianismo e conexões no Brasil: outras margens do atlântico negro. **Novos Estudos**, n. 63, p. 131-144, 2002.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria Regional de Educação de Lages. **Ofício nº 213/2023/ENS.** Lages, 2023.

GRIÔ, Pedagogia. **Escola de Formação Pedagogia Griô.** Padagogiagri, 2023. Disponível em: <https://pedagogiagri.com/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985.

GUIMARÃES, Priscilla de Brito Ataíde. **A imigração e a proteção do trabalho: o dilema entre a aplicação do estatuto do estrangeiro e a proteção trabalhista dos imigrantes bolivianos e haitianos**. São Paulo: Ltr Editora, 2016.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015. 430 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 43, n. 21, p. 57-78, jan. 2015b.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano**. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Assembly: a organização multitudinária do comum**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do Materialismo Histórico**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1983.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Imperialismo e Dependência**. São Paulo: Global Editora, 1980.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HIRST, Monica. A Reconstrução do Haiti: novos desafios para cooperação regional e o papel do Brasil. *In*: BRASIL. Fundação Alexandre Gusmão. Ministério das Relações Exteriores (Ed.). **III Seminário Brasil – Noruega sobre Paz e Reconciliação**. Brasília: Funag, 2011.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1993.

IANNI, Octavio. **Escravidão e Racismo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988a.

IANNI, Octavio. **Imperialismo na América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998b.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas Geográfico Escolar**. IBGE, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101627>. Acesso em: 19 abr. 2023.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de são domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

JARDIM, Denise. Imigrante ou refugiado: diferentes perspectivas de vida. Diferentes perspectivas de vida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 362, 2011. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3878-denise-jardim>. Acesso em: 09 jan. 2024.

LAGES, Secretaria Municipal de Assistência Social. **Resposta a solicitação de dados de atendimento da população haitiana em Lages/SC**. Lages, 2023b.

LAGES, Secretaria Municipal de Educação. **Atendimento aos migrantes haitianos em Lages/SC**. Lages, 2023a.

LAGES. Câmara de Vereadores de. **Requerimento nº 0079/2022**. Lages, 2022a.

LAGES. Delegacia de Polícia Federal. **Ofício nº 5/2022/DPF/LAGES**. Lages, 2022b.

LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília: FUNAG, 2021.

LEJARCEGI, Gorka. **Terremoto no Haiti, a memória fotográfica da tragédia**. El País, 2010. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529\\_549176.html#foto\\_gal\\_9](https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529_549176.html#foto_gal_9). Acesso em: 15 jan. 2024.

LEMOINE, Maurice. **Aristide**: a queda na própria armadilha. Diplomatie, 2004. LeMonde Diplomatie. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/aristide-a-queda-na-propria-armadilha/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LEÓN, Camila Valdes. **Além de Jovenel Moïse | Assassinatos, tiroteios, execuções: a quem interessa a gangsterização do Haiti?** Opera Mundi, 2021. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/america-latina/70510/alem-de-jovenel-moise-assassinatos-tiroteios-execucoes-a-quem-interessa-a-gangsterizacao-do-haiti>. Acesso em: 19 jan. 2024.

LIBERATION. **L'élection de Jovenel Moïse, "une catastrophe" pour Haïti**. Liberation, 2016. Disponível em: [https://www.liberation.fr/planete/2016/11/29/l-election-de-jovenel-moise-une-catastrophe-pour-haiti\\_1531703/](https://www.liberation.fr/planete/2016/11/29/l-election-de-jovenel-moise-une-catastrophe-pour-haiti_1531703/). Acesso em: 30 nov. 2023.

LÔBO, Jade Alcântara. **Para além da Imigração Haitiana**: racismo e patriarcado como sistema internacional. Curitiba: Appris, 2020.

LOCKS, Geraldo Augusto. **Grupos de família**: “o modo de ser CEB” em Lages, SC. 2008. 394 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LOCKS, Geraldo Augusto. Uma análise antropológica da formação social e do desenvolvimento socioeconômico de Lages e da Serra Catarinense. *In: YAMAGUCHI, Cristina Keiko; TURRA, Neide Catarina; STRASSER, Andréia Teresinha Borges (Org.). Visão contemporânea e sustentável da Serra Catarinense*. 2. ed. Lages: Uniplac, 2016.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. Haiti é Aqui: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina - SC. **Rebela**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 13-43, jan. 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BAENINGER, Rosana. Imigração haitiana no Brasil e remessas para o Haiti. *In: BAENINGER, Rosana. et al. (Org.). Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MAMED, Leticia Helena. Haitianos no Brasil: a experiência da etnografia multisituada para investigação de itinerários migratórios e laborais sul-sul. *In: BAENINGER, Rosana. et al. (Org.). Migrações Sul-Sul*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018.

MARCON, Frank. **Visibilidade e resistência negra em Lages**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Marxists, 1973. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialetica.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2017.

MARTENDAL, José Ari Celso. **Processos Produtivos e Trabalho-Educação: a incorporação do caboclo catarinense na indústria madeireira**. 1980. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MEDEIROS, Bernadete Alves de. Crenças religiosas de haitianos evangélicos no Brasil: Cosmovisão articulada à migração. **Plura: Revista de estudos de religião**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 64-82, jan. 2023.

MÉSZÁRIOS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 629-648, maio 2010.

MOURA, Eliana; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 3, n. 10, p. 228-236, set. 2006.

MUNARIM, Antonio. **A práxis dos Movimentos Sociais na região de Lages**. 1990. 323 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

NDOMBELE, Eduardo David T. Negritude: contributo para o resgate da identidade cultural em África. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 17, n. 9, p. 49-66, jan. 2015.

NOEL, Mario. **Escravos ou escravizados?** Haiti: uma história de paixão, de luta e de sofrimento. Caxias do Sul: Educus, 2017.

NOTÍCIAS NO ATO. **Cáritas realiza evento festivo com haitianos**. Notícias no Ato, 2023. Disponível em: <https://noticianoato.com.br/geral/94060-caritas-realiza-evento-festivo-com-haitianos>. Acesso em: 09 jan. 2024.

OEC. **Haiti (HTI) Exports, Imports, and Trade Partners**. OEC, 2021. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/hti#yearly-trade>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. ONU, 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ONU. **The 2021/2022 Human Development Report**. Static Poder, 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/09/idh-2021-2022-8set-2022.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. Lages: Uniplac, 2002.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: Ufsc, 1991.

PEREIRA, Josilaine Antunes. **A participação de mulheres na economia solidária como uma estratégia de enfrentamento às violências de gênero na região serrana de Santa Catarina**. 2021. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

PESCHANSKI, João Alexandre. **Lavalas: portal contemporâneo da América Latina e Caribe**. Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. USP, 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-lavalas>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PIERRE-CHARLES, Gérard. **Haití: pese a todo la utopía**. Buenos Aires: Clacso, 2020.

PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

PIOVEZANA, Leonel. **Território Kaingang na mesorregião Grande Fronteira do Mercosul – Territorialidades em confronto**. 286 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2010.

REUTERS. **Ex-líder de golpe no Haiti é condenado a 9 anos de prisão nos EUA.** Reuters, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ex-lider-de-golpe-no-haiti-e-condenado-a-9-anos-de-prisao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2023.

REUTERS. **Gangues haitianas pedem derrubada armada de premiê em meio à escalada do caos.** Reuters, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/gangues-haitianas-pedem-derrubada-armada-de-premie-em-meio-a-escalada-do-caos,61b7320e20b70f2d8828d377b086d836wwizzqkg.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti.** 2008. 259p. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 6, p. 37-50, set. 2006.

ROSA, Nanci Alves da. **Genealogia da (in)visibilidade negra lageana.** 2016. 230 f. Dissertação - Mestrado em Educação, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2016.

ROUMAIN, Jacques. **África.** Antologia de poesia de luta da América Latina. 2. ed. São Paulo: Trunca, 2022.

ROUMAIN, Jacques. **Analyse schématique 1932-1934: et autres textes scientifiques.** Port-Au-Prince: Les Éditions Fardin, 2017.

ROUMAIN, Jacques. **Senhores do Orvalho.** São Paulo: Carambaia, 2020.

SALADINI, Ana Paula Sefrin. **Trabalho e Imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais.** São Paulo: Ltr, 2012.

SALMORIA, Olivete. **Cáritas reuniu os haitianos que residem em Lages.** Olivete Salmoria, 2023. Disponível em: <https://olivetesalmoria.com.br/102172-caritas-reuniu-os-haitianos-que-residem-em-lages/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Ed.). **O preconceito.** São Paulo: Imesp, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021b.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021a.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng.** Florianópolis: Edeme, 1973.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar. **Travessia**: Revista do migrante, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-15, jan. 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. 399 f. Tese - Doutorado em Sociologia, UNICAMP, Campinas, 2014a.

SEGUY, Franck. **Franck Seguy**. YouTube, 2014b. Disponível em: <https://www.youtube.com/@franckseguy1021/videos>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SEGUY, Franck. **Globalização neoliberal e lutas populares no Haiti**: crítica à modernidade, sociedade civil e movimento sociais no estado de crise social haitiano. 219 f. Dissertação - Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SEGUY, Franck. Humanitarismo e questão racial no Haiti. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 34, p. 143-157, nov. 2023.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: Dilemas e Fracassos Internacionais**. Ijuí: Unijuí, 2014.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: Soberania dos ditadores**. Porto Alegre: SoLivros, 1994.

SEITENFUS, Ricardo. O Brasil e suas relações internacionais. **Carta Internacional**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 11-21, mar. 2007.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set. 2015.

SILVA, João Carlos Jarochinski. Impactos políticos, jurídicos e sociais da migração haitiana no Brasil. *In*: BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Karine de Souza; SÁ, Miguel Borda de. Do Haitianismo à nova Lei de Migração: direito, raça e política migratória brasileira em perspectiva histórica. **Nuestramérica**, Concepción, v. 9, n. 17, p. 1-23, jul. 2021.

SOARES, João Clemente Baena. **Sem medo da diplomacia**. CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOUZA NETO, Danilo Marcondes de. O Brasil, o Haiti e a MINUSTAH. *In*: KENKEL, Kai Michael; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. (Org.). **O Brasil e as Operações de Paz em um Mundo Globalizado**: entre a tradição e a inovação. Brasília: Ipea, 2012.

STARGARDTER, Gabriel. **Alvo de críticas, operação no Haiti virou glória de ministro de Bolsonaro**. Uol, 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2018/11/29/bolsonaro-nomeia-militares-que-estiveram-no-haiti-para-governo-e-pode-repetir-estrategia-de-seguranca.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TABLADA, Carlos. *O marxismo de Che Guevara*. Ciudad de Panamá: Ruth Casa Editorial, 2017.

THE GUARDIAN. **WikiLeaks points to US meddling in Haiti**. The Guardian, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/jan/21/haiti-wikileaks?INTCMP=SRCH>. Acesso em: 31 dez. 2023.

THE NEW YORK TIMES. **Haiti's Leader Kept a List of Drug Traffickers**. His Assassins Came for It. Ny Times, 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/12/world/americas/jovenel-moise-haiti-president-drug-traffickers.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

TORRES, Alfonso Carrillo. **Educación popular: trayectoria y actualidad**. Caracas: Universidad Bolivariana de Venezuela, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

UNIPLAC. **Imigrantes e População em Situação de rua Participam de Rodas de Conversa Organizadas por Projeto da Uniplac**. Uniplac, 2023. Disponível em: [https://www.uniplaclages.edu.br/noticias\\_visualiza/5984-imigrantes-e-populacao-em-situacao-de-rua-participam-de-rodas-de-conversa-organizadas-por-projeto-da-uniplac](https://www.uniplaclages.edu.br/noticias_visualiza/5984-imigrantes-e-populacao-em-situacao-de-rua-participam-de-rodas-de-conversa-organizadas-por-projeto-da-uniplac). Acesso em: 08 jan. 2023.

VAZ, Rafael Araldi. **Deus e o Diabo no Sertão da Terra Firme: imaginário, subjetivação e poder nas fronteiras do sagrado**. (planalto catarinense: 1892-1920). 2019. 224 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

VENDRAMINI, Célia Regina, A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 239-260, maio/ago. 2018.

VERENHITACH, Gabriela Daou. **A MINUSTAH e a política externa brasileira: motivações e consequências**. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Direito da Integração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza. *et al.* Educação não escolar em teses e dissertações. Diálogos possíveis. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 27, n. 11, p. 75-94, out. 2017.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

*A pesquisa “POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC: DA MIGRAÇÃO À INSERÇÃO SOCIAL E EDUCACIONAL” possui como objetivo geral analisar o movimento migratório e a inserção da população haitiana nos contextos socioculturais, econômicos e educacionais no município de Lages/SC. Em específico, busca-se descrever o processo de migração desta população para o Brasil e seu percurso até o município lócus da pesquisa; relatar as condições econômicas e socioculturais na inserção dos migrantes em âmbito local e; identificar os processos educativos vivenciados pela população haitiana residente no município em questão. Sua contribuição para este estudo é voluntária, as informações registradas neste documento preservarão o sigilo e serão utilizadas apenas para a composição desta pesquisa. Agradeço sua colaboração e coloco-me à disposição.*

*Atenciosamente,  
Rafael Tizatto dos Santos*

### **Perfil do participante da pesquisa:**

- 1) Nome fictício para a pesquisa:<sup>142</sup>
- 2) Idade:
- 3) Gênero:
- 4) Estado civil:
- 5) Religião:
- 6) Bairro onde mora:

### **Processo de migração da população haitiana para o Brasil e seu percurso até o município de Lages/SC**

- 1) A partir de qual momento o Brasil se tornou uma possibilidade de vida nova?
- 2) Como foi a sua viagem do Haiti para o Brasil? Veio acompanhado de outros haitianos? Quais foram os custos para essa viagem?
- 3) Por que Lages/SC foi o destino escolhido?
- 4) Há quanto tempo está no Brasil e em Lages/SC?
- 5) Quantas pessoas residem com você?
- 6) Ao chegar no Brasil, quais foram as suas primeiras impressões? O que pensa sobre o país atualmente?

---

<sup>142</sup> O participante irá escolher um nome de uma cidade haitiana para substituir o seu nome real, a fim de manter o contexto do tema pesquisado e garantir o anonimato do participante, conforme Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

- 7) Teve algum problema quanto a regularizar a sua documentação no Brasil? Como foi esse processo?

### **Desafios econômicos e socioculturais na inserção dos migrantes haitianos no município de Lages/SC**

- 1) Qual era a sua profissão no Haiti? O salário no Haiti atendia as necessidades básicas?
- 2) Atualmente está empregado (a)? Se sim, qual o seu rendimento mensal? Esse valor atende às suas necessidades hoje?
- 3) Você possui familiares que dependem do seu recurso financeiro no Haiti? Há envio de dinheiro para essa finalidade?
- 4) Quais pontos você identifica-se com a cultura brasileira?
- 5) Quais diferenças são mais perceptíveis entre os dois países?
- 6) Você já sofreu alguma forma de preconceito (xenofobia – preconceito com migrantes, ou racismo) em Lages/SC ou em outro local do Brasil que tenha passado/vivido?
- 7) Sente-se acolhido em Lages/SC?
- 8) No seu ponto de vista, quais são as maiores dificuldades para os haitianos que residem em Lages/SC?
- 9) Há desejo de retornar ao Haiti para residir? Ou sair de Lages/SC ou do Brasil?

### **Processos escolares e não escolares vivenciados pela população migrante no município de Lages/SC.**

- 1) Você fala quantos idiomas?
- 2) Qual era o seu grau de formação no Haiti?
- 3) Como foi (ou está sendo) o seu entendimento com a língua portuguesa?
- 4) Quais espaços escolares (educação básica, técnico, profissionalizante, outros) você frequenta ou frequentou em Lages/SC?
- 5) Qual a sua impressão sobre esses espaços?
- 6) Você possui dificuldades para frequentar ou compreender as aulas?
- 7) Deseja ampliar os seus estudos (ensino superior e outras possibilidades)?
- 8) Há outros pontos onde identifique espaços de aprendizagem? (igrejas, associações, trabalho, entre outros). Como é esse processo?



**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE****(Resolução 510/2016 CNS/CONEP)**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa para a dissertação intitulada **“POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC: DA MIGRAÇÃO À INSERÇÃO SOCIAL E EDUCACIONAL”**. O objetivo deste trabalho é **“analisar como ocorre o movimento migratório e a inserção da população haitiana nos contextos socioculturais, econômicos e educacionais no município de Lages/SC”**.

Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a: *1) participar de uma entrevista semiestruturada – esta será gravada em áudio e posteriormente transcrita e analisada pelo pesquisador; 2) autorize a utilização de imagem de forma gratuita para uso exclusivo nesta dissertação - sem identificação direta com o nome escolhido para a pesquisa, tampouco com nome real do entrevistado, nem com os relatos da entrevista. A entrevista será previamente agendada conforme sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para a investigação quanto à migração e inserção de haitianos no município de Lages/SC. De acordo com a resolução 510/2016 “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”*.

A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer talvez situações de constrangimento ao responder as questões levantadas na entrevista, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados encaminhando o pesquisado a clínica escola de psicologia da UNIPLAC e de forma gratuita. Em virtude de as informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa consistem na possibilidade de contribuir para o entendimento do processo migratório de haitianos para o município de Lages/SC e, a partir disso, crê-se que será possível compreender de maneira ampliada as demandas desta população e o enriquecimento cultural para o espaço geográfico receptivo aos migrantes.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do telefone: +55 49 99965-2115, ou pelo endereço Rua São José do Cerrito, 07 – Petrópolis – Lages/SC. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages/SC, (49) 32511086, e-mail: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

Declaro que após ter sido esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

---

*(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)*

Lages, SC \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

---

Responsável pelo projeto: Rafael Tizatto dos Santos

Endereço: Rua São José do Cerrito, 07 – Petrópolis – Lages/SC – CEP 88505-386

Telefone: + 55 49 9 9965-2125

E-mail: rafaeltizatto@uniplaclages.edu.br

## ANEXO A – SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE OS IMIGRANTES



ESTADO DE SANTA CATARINA  
**CÂMARA MUNICIPAL DE LAGES**

**REQUERIMENTO N° 0079/2022**

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA DO MUNICÍPIO DE LAGES

A VEREADORA **KATSUMI YAMAGUCHI**, CONSIDERANDO A REAL NECESSIDADE DO QUE VEM ALEGAR, REQUER:

**Ao Delegado da Polícia Federal, Sr. Leon Emerich Martins - DELEGACIA DE LAGES.**

**A respeito do RNM - Registro Nacional Migratório.**

Sabendo que o RNM - Registro Nacional Migratório, estabelecido pela Lei nº 13.445/2017, consiste na inserção de dados no sistema da Polícia Federal, sendo obrigatório para todo migrante detentor de visto temporário ou autorização de residência, questiona-se:

1. Quantas solicitações para deferimento do RNM - Registro Nacional Migratório foram feitas nos anos de 2020 e 2021?
2. Quantas solicitações para deferimento do RNM - Registro Nacional Migratório foram feitas até a presente data?
3. Qual foi o número de RNM - Registros Nacionais Migratórios deferidos nos anos de 2020 e 2021?
4. Qual foi o número de RNM - Registros Nacionais Migratórios deferidos até a presente data?
5. Qual o prazo para o deferimento do RNM - Registro Nacional Migratório?
6. Quais nacionalidades já possuem RNM - Registros Nacionais Migratórios na cidade de Lages?

Lages, 28 de março de 2022.

**Katsumi Yamaguchi**  
Vereadora

---

Rua Otacílio Vieira da Costa, 290 - CEP: 88601-050, Centro, Lages/SC  
Fone: (49) 3251-5422 (49) 3251-5402 (Ouvidoria) (49) 3251-5435 (Procuradoria da Mulher)  
(49) 3251-5470 (Escola do Legislativo) - E-mail: [camaralages@camaralages.sc.gov.br](mailto:camaralages@camaralages.sc.gov.br)

Página 1 [www.camaralages.sc.gov.br](http://www.camaralages.sc.gov.br) Protocolo: 2056/2022

Documento assinado digitalmente por Katsumi Yamaguchi (0081.1111.1111.26)  
Para verificar sua autenticidade, acesse: <https://www.camaralages.sc.gov.br/ver> e informe o código: 220328064631ECF068

Fonte: Lages (2022a).



## ANEXO C – PLANILHA DE REGISTROS DE IMIGRANTES EM LAGES

Estrangeiro Nacionalidade País	Total de Registros		
HAITI	142	JORDÂNIA	2
VENEZUELA	33	POLÓNIA	2
ARGENTINA	28	REINO UNIDO	2
COLÔMBIA	23	TOGO	2
ALEMANHA	17	TURQUIA	2
SÉBANO	16	ARGÉLIA	1
URUGUAI	13	BÉLGICA	1
PORTUGAL	12	CROÁCIA	1
JAPÃO	11	ESLOVÊNIA	1
CHILE	9	HUNGRIA	1
CHINA	6	ÍNDIA	1
ESTADOS UNIDOS	6	IRÃ	1
PARAGUAI	5	LETÔNIA	1
AUSTRIA	4	LITUÂNIA	1
CUBA	4	MARROCOS	1
ESPAÑHA	4	PAÍSES BAIXOS	1
FRANÇA	4	PANAMA	1
PERU	4	REP. DOMINICANA	1
SENEGAL	4	RÚSSIA	1
BOLÍVIA	3	SÍRIA	1
ECUADOR	3	SUÉCIA	1
MÉXICO	3	SUIÇA	1
ROMÊNIA	3		
FILIPINAS	2		
GRÉCIA	2		
GUATEMALA	2		
GUINÉ BISSAU	2		
ITÁLIA	2		

Fonte: Lages (2022b).

**ANEXO D – HAITIANOS MATRICULADOS NO SISTEMA ESTADUAL DE ENSINO  
EM LAGES/SC**



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LAGES  
SUPERVISÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

Ofício nº 213/2023/ENS

Lages, 04 de julho de 2023.

*Prezado Senhor*

Conforme solicitado por e-mail os dados sobre estudantes haitianos para utilização em projeto de pesquisa de mestrado, informamos que neste ano letivo de 2023, há onze estudantes de nacionalidade haitiana matriculados em nossa rede, sendo três no CEJA, três na EEB Gen. José Pinto Sombra, três na EEB Prof. Flordocardo Cabral e dois na EEB Vidal Ramos Junior.

Atenciosamente,

  
Cláudia Ap. Strobel da Silva  
SUPERVISORA REGIONAL DE EDUCAÇÃO  
ATO Nº 283/2023 DE 18/01/2023  
MAT. Nº 229279-2-02  
CRE - LAGES

Ao Senhor  
Rafael Tizatto dos Santos  
Mestrando PPGE UNIPLAC  
Lages/SC

Fonte: Governo de Santa Catarina (2023).

## ANEXO E – HAITIANOS MATRICULADOS NO SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO EM LAGES/SC



**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LAGES**  
Estado de Santa Catarina  
**Secretaria Municipal da Educação**



Declaro para os devidos fins, que no ano de 2023 o sistema municipal de educação de Lages, contabiliza dois estudantes haitianos matriculados.

Lages 01 de agosto de 2023

  
Marcos José P. Mala  
Presidente do Conselho de Educação

## ANEXO F – RESPOSTA A SOLICITAÇÃO DE DADOS DE ATENDIMENTO SOCIOASSISTENCIAL DA POPULAÇÃO HAITIANA EM LAGES/SC



**Secretaria Municipal de  
Assistência Social**



Lages (SC), 03 de Julho de 2023.

**Ao Sr.: Rafael Tizatto dos Santos**  
Mestrando-pesquisador do PPGE/UNIPLAC (Universidade do Planalto Catarinense)

**Assunto:** Resposta a solicitação de dados de atendimento da população haitiana em Lages/SC

O Setor de Vigilância Socioassistencial, no uso de suas atribuições, vem através deste em resposta a solicitação informar que, estamos encaminhando os dados de atendimentos a população haitiana que de alguma forma, acessou e passou por atendimentos nos Serviços da Secretaria de Assistência Social. Ressaltamos que os dados começaram a ser inseridos prioritariamente pelos referidos serviços no sistema digital desta Secretaria a partir de 2021, porém, ainda observamos inconsistências, o que impede o repasse de dados fidedignamente, segue a baixo o que temos em banco de dados:

Haitianos	39
Atendimentos	209
<b>Sexo</b>	
Feminino	27
Masculino	12
<b>Unidades do cadastro</b>	
CRAS II	7
CRAS III	3
CRAS IV	1
CRAS VI	8
CRAS VII	3
CRAS VIII	2
Centro POP	3
Equipe de Referência	10
Secretaria de políticas para a Mulher	2
<b>Faixa etária</b>	
0 a 12 anos	10
18 a 39 anos	21
40 a 59 anos	7
Sem informação	1

Colocamo-nos a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Equipe Vigilância Socioassistencial.

Fonte: Lages (2023b).



## ANEXO G – REPORTAGEM SOBRE O ENCONTRO “UNYON AYISYEN NAN LAGES” EM BLOG LOCAL I

NO  
**Olivero Salmoria**  
salmoria@opinionista.com

### Cáritas reuniu os haitianos que residem em Lages

10 de dezembro de 2023 às 08:00h



No domingo, 10 de dezembro, a Cáritas Diocesana de Lages e Unipiac promoveram, juntamente com famílias haitianas que residem em Lages um evento festivo sobre a cultura haitiana.



Na preparação, o relato da História do Haiti por um professor de história na língua crioula, com tradução simultânea para o português, a apresentação de canções haitianas, o a demonstração da culinária do Haiti. As mulheres haitianas prepararam vários pratos típicos, que encantaram todos os participantes.



O encontro foi o empenhamento das atividades do Projeto União, desenvolvido pela Cáritas Diocesana com a Unipiac, e ocorreu no sede da irmandade Nossa Senhora das Graças, no Bairro Popular, com cerca de 40 pessoas, dentre haitianos que moram em Lages e brasileiros. Dentre os brasileiros, o presidente da Cáritas Diocesana de Lages, Domingos Pereira Rodrigues, o representante da OAB e do Conselho de Igualdade Racial (CIGR), Valécia Corrêa de Almeida, o presidente do Conselho Municipal de Assistência Social, Maria Aparecida Farias, integrantes da Cáritas e convidados.



Fonte: Salmoria (2023).

## ANEXO H – REPORTAGEM SOBRE O ENCONTRO “UNYON AYISYEN NAN LAGES” EM BLOG LOCAL II



### Cáritas realiza evento festivo com haitianos

12 de dezembro de 2021 Por J. Maralva

No domingo, 12 de dezembro, a Cáritas Diocesana de Lages e Uniyon promovem, juntamente com famílias haitianas que residem em Lages um evento festivo sobre a cultura haitiana. O encontro faz o encerramento das atividades do Projeto Uniyon, desenvolvido pela Cáritas Diocesana com o Uniyon, o resumo na sede da Immaculada Nossa Senhora das Graças, no Bairro Popular, cerca de 40 pessoas, entre haitianos que moram em Lages e brasileiros. Dentre os brasileiros, o presidente da Cáritas Diocesana de Lages, Domingos Pereira Rodrigues, a representante da OAB e do Conselho de Igualdade Racial (CONIPR), Valécia Camargo de Almeida, a presidente do Conselho Municipal de Assistência Social, Maria Aparecida Fonseca, integrantes da Cáritas e convidados.



Na programação, o relato da História do Haiti por um professor de história na língua crioula, com tradução simultânea para o português, a apresentação de canções haitianas, a demonstração da culinária do Haiti. As mulheres haitianas prepararam vários pratos típicos, que emocionaram todos os participantes.

O Projeto Uniyon realizou, desde o mês de agosto, reuniões de conversa sobre as vivências, ansiedades e cultura dos haitianos que residem em Lages, assim como prestou auxílio e apoio em relação à documentação. O projeto nasceu em 2022 quando professor Domingos com seu grupo de pesquisa realizou um levantamento sobre as condições dos integrantes haitianos na cidade, e constatou a necessidade de apoio na organização do grupo e outras demandas essenciais.



Então a Cáritas constituiu uma equipe multidisciplinar composta por várias profissionais e membros da comunidade haitiana.

Adilson Freitas (o Grão do Associação Mazokitarani) foi o mediador das rodas de conversa, que ocorrem quinzenalmente aos domingos na sede da Cáritas. “Através do Círculo de Cultura de Paulo Freire buscamos enriquecer o diálogo procurando saber como os participantes vivem suas realidades, sugerindo abertura para o mundo, implicando na troca, partilha, na construção de relação mediada pela realidade, e com a pedagoga Gréty, compartilhando com isso, a ancestralidade, identidade, os saberes formais, construção comunitária, pois ser cidadão não significa apenas viver em sociedade, mas transformá-la” explica Adilson.

Fonte: Notícias no Ato (2023).

